

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CLAUDIA KEENAN GELB

Consertos de Oficina em *A história do conto continua:*
ser ou não ser, eis a questão

Porto Alegre, março de 2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CLAUDIA KEENAN GELB

Consertos de Oficina em *A história do conto continua: ser ou não ser, eis a
questão*

Porto Alegre, março de 2011

**CONSERTOS DE OFICINA EM A *HISTÓRIA DO CONTO CONTINUA: SER
OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO***

Claudia Keenan Gelb

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Área de Concentração em Teoria da Literatura, eixo de Escrita Criativa.

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Orientador

Instituição depositária:

Biblioteca Central Irmão José Otão

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, março de 2011

Dedico este trabalho

A todas as pessoas que não me deixaram desistir.

AGRADECIMENTOS

À Capes, pela bolsa de estudo oferecida, pois através dessa ação aprimorei o meu desenvolvimento acadêmico.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, representado pela coordenadora Ana Lisboa, bem como demais professores, secretários e funcionários que, dentro de sua especificidade, me auxiliaram durante os últimos quatro anos.

Aos colegas de Doutorado, que tornaram todas as horas momentos inesquecíveis: nas discussões acirradas, na descontração ou, quase sempre, no auge do stress.

A todos os familiares, amigos e colegas que estiveram juntos nas dificuldades.

Ao Assis Brasil, sempre.

CLAUDIA KEENAN GELB

**CONSERTOS DE OFICINA EM A HISTÓRIA DO CONTO CONTINUA: SER OU
NÃO SER, EIS A QUESTÃO**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Área de Concentração em Teoria da Literatura, eixo de Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Prof. Dr. Vera Lúcia Cardoso Medeiros (UNIPAMPA)

Prof. Dr. Márcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS)

Prof. Dr. Ricardo Barberena (PUCRS)

Prof. Dr. Charles Monteiro (PUCRS)

Tenho a medicina como mulher e a literatura como amante.

Tchekov

Escrever é um ócio muito trabalhoso.

Goethe

Em literatura não há temas bons ou ruins, há somente temas bem ou mal tratados.

Julio Cortázar

RESUMO

Este trabalho propõe um exercício de reflexão acerca do gênero literário conto. Em forma de ensaio, são mostradas as predisposições do escritor para realizar essa tarefa a contento, bem como as várias técnicas necessárias à produção de um bom conto, não desconsiderando em nenhum momento o suporte teórico que qualquer trabalho acadêmico dessa relevância requer. A partir de tais propostas, é mostrada a experiência pessoal da doutoranda através de sua participação em oficinas literárias, e a posterior construção de um livro de contos como fruto desse aprendizado.

Palavras-chaves: teorias do conto – oficinas de criação literária - escrita criativa

ABSTRACT

This paper proposes a debate about the literary genre tale. In an essay, shows the biases of the writer to accomplish this task satisfactorily, as well as various techniques needed to produce a good story, not at any time disregarding the theoretical framework necessary for any academic work of relevance. From these proposals, it is shown the personal experience of a doctorate through the participation in literary workshops, and the posterior construction of a story book as fruit of this learning.

Keywords: theories of the tale – workshops of creative written -creative writing

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A HISTÓRIA DO CONTO CONTINUA: SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO.....	15
2.1 Nada do que foi será do jeito que já foi um dia.....	30
2.2 Vivendo e aprendendo a jogar.....	35
3 CONSERTOS DE OFICINA.....	44
O Romanceiro.....	46
O estupro.....	48
Foi naquele dia.....	53
Nem todas as mães são de maio.....	59
Véspera da paixão.....	61
Tão longe, tão perto.....	63
O verdadeiro permanece.....	65
Amor bandido.....	68
A espera.....	70
Desilusão.....	72
Mega sena acumulada.....	74
Pequena trapaça.....	77
Sempre em fevereiro.....	79
Deus, o diabo e eu no meio.....	81
Tudo o que se vê não é.....	83
Última volta.....	85
A medida exata do amor.....	87
Amores abortados.....	89

O chamado.....	93
Aqui se faz, aqui se paga.....	95
Meu negrinho.....	97
O tempo é uma fração.....	100
A ponta do iceberg.....	104
Assim como são as pessoas são as criaturas.....	106
O lado escuro da lua.....	109
Paraíso perdido.....	111
Quem não se desloca não recebe a bola.....	113
Enfim, sós.....	114
Pés de gaviota.....	116
A santa ceia.....	119
Freud explica?.....	121
Manual de sobrevivência.....	123
Redondilha.....	125
De volta ao passado.....	126
Cão que ladra não morde?.....	128
Sequelas.....	130
Literatura confessional.....	132
Rotina clandestina.....	135
Mais será revelado.....	137
O monstro da Leopoldina.....	139
Dormindo com o inimigo.....	141
Pelos poderes da adicção.....	144
Para-raio de exu.....	147
Destino insólito.....	149
Dupla jornada.....	51
Quando Deus fecha uma porta, abre uma janela.....	53
O sexo frágil.....	155

Abuso de poder.....	157
Os mortos não levantam mais!.....	159
Sobrevivente de um desastre mental.....	160
4 CONCLUSÃO.....	161
REFERÊNCIAS.....	165
ANEXOS.....	170
CURRICULUM VITAE.....	177

1 INTRODUÇÃO

A escolha de um assunto para uma tese nunca é aleatória. Para ela concorrem diversos motivos, entre eles todos os conhecimentos adquiridos (e não são poucos) ao longo de todos os anos de mestrado e doutorado. Mas em nenhum momento pode-se considerar ousada a sabedoria e experiência (independente da formação acadêmica) na tomada de decisões. Por isso, deve-se levar em conta que a leitura esteve sempre presente, desde a sua já longínqua alfabetização, na formação da personalidade da doutoranda.

Qualquer escritor, mais do que um simples mortal, é fruto de suas leituras. São elas que possibilitam que cada um venha a desenvolver seu próprio estilo. É o conjunto de frases, cenários e personagens que se misturam à memória e compõem um perfil, que nesse trabalho, em sua segunda parte, será melhor analisado. Ainda que não as tenha vivido “in loco”, o escritor (mais do que ninguém), em sua porção leitor, vira protagonista de suas leituras.

A verdade é que a leitura, de alguma maneira, altera a rota de vida para melhor, ao mexer com uma gama imensa de emoções do ser humano, de acordo, é claro, com a sua função específica. Essa mesma e estranha dependência (ou vínculo criados com os livros de literatura) foi determinante para que um dia a doutoranda quisesse também escrever suas histórias. Através da participação na Oficina de Criação Literária da PUCRS, em 2002/2003, foi possível desenvolver a técnica e partir para uma carreira, concomitante com o cargo de professora.

Nessa condição de “escrevente” da vida, a doutoranda entende que esse é o caminho natural de algo que começou com as leituras da infância e da adolescência. Não há muito que questionar. Qualquer escritor sabe – lá no seu

íntimo – que mesmo que não se saiba muito bem para que serve a literatura, é necessário continuar com a prática. É uma questão de ação e reação, causa e efeito, ou outra nomenclatura qualquer.

Sendo assim, esse ensaio discorre sobre os diversos mecanismos pelos quais passa um escritor no processo de criação literária. E, tendo como recorte um gênero literário específico, o conto, parte do ponto em que se deve analisar as características necessárias para enquadrar um texto nessa categoria, bem como para atingir o leitor – que é a quem se destina essa maravilhosa arte de combinar as palavras.

Através da investigação de diversos teóricos e escritores que pensaram e executaram essa modalidade narrativa, é feita uma análise sobre se é possível ensinar essa arte a alguém, através de uma oficina de criação literária, já que é uma questão recorrente nos dias de hoje em que tudo (ou quase) já foi dito.

Por esse motivo, faz-se necessário a visão de dentro da Oficina de Criação Literária oferecida pela PUCRS, ou seja, são esmiuçados os métodos e técnicas lá apreendidos, a fim de que o leitor entenda o funcionamento da mesma. Não por outra razão é mostrado o processo de criação de três contos da autora, desde a ideia inicial até seu produto final.

Em última instância, a autora atreve-se a submeter sua produção no gênero à análise desse curso de Pós-Graduação em Letras, como forma de comprovar que na prática a teoria serve – e muito – para consolidar o que se traz nas entranhas desde a infância. Enfim, são consertos, reescrituras, muita transpiração para lampejos de inspiração que foram sendo registrados em diversos apontamentos. Tudo concorre para um único fim, ou efeito, como diria Poe: enquanto houver vida e gente escrevendo, a história do conto continua. Ser ou não ser é definição para os teóricos e para os leitores mais atentos.

2 A HISTÓRIA DO CONTO SEMPRE CONTINUA: SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO!

Na história da evolução da espécie humana, não se sabe exatamente quando e como começou a interação entre os homens. Mas como estamos no terreno da literatura, bem cabe dizer *era uma vez*. Era uma vez um ser que não sabia viver sozinho, e tinha uma grande necessidade de se comunicar. E, além disso, queria deixar tudo registrado, talvez já pensando em fazer história. Começou, então, a fazer desenhos em sua caverna sobre os acontecimentos do cotidiano.

O tempo passou e esse homem se aperfeiçoou. Inventou um código, sistematizou um alfabeto, aprendeu a ler e a escrever, não necessariamente nessa ordem. É verdade que a grande maioria dessa espécie parou por aí, descobrindo outros interesses. Mas alguns deles se reagruparam e formaram um pequeno clã, ao qual de vez em quando alguém se junta para jamais deixar que aconteça a extinção da espécie.

Esse pequeno grupo sofre de algumas manias e tem algumas peculiaridades. Porque leram demais e isso, segundo a lenda (não que seja prejudicial à saúde, mas desperta sempre novas ideias), foi fundamental para o que veio depois, começaram a estudar tudo o que liam, e assim chegaram a algo a que deram o nome de literatura. E aí começaram os problemas, pois já na primeira reunião quiseram definir o que viria a ser literatura e separar os textos que liam em gêneros. Dividiram as histórias em períodos de tempo para encontrar nelas algumas características similares, e assim por diante. Pra enquadrar algumas obras num cânone literário, então, foi preciso quase um duelo. Infinitas horas, anos, séculos de discussão. E produção.

Loucos, insanos, neuróticos? Que força estranha é essa que leva algumas criaturas a ficarem horas divagando, pensando, elaborando, para só então colocar no papel suas ideias? Que necessidade tamanha essa, a de escrever? Como crianças pequenas, muitas se perguntam: por quê? Por que há pessoas que vivem para escrever e escrevem para viver? Estranha vocação ou patologia, essa (sim, porque muitas vezes não há como controlar a compulsão). Talvez, seja, apenas, uma questão de visualizar aquilo que se costuma chamar de demônios interiores. O que por si só já é muito.

A verdade é que escrever resolve diversos conflitos (não só narrativos) e renova a alma. É tal e qual o amor de Camões: ferida que dói e não se sente, fogo que arde sem se ver. Escrever é uma busca na qual nos jogamos muitas vezes para nos salvar. É, se fosse possível uma definição, uma fúria santa. Fúria que é infinita enquanto dura, posto que há de se transformar todos esses conflitos em algo literário, e preferencialmente bom. Entretanto, ainda que a escrita tenha propriedades curativas, aplaque as dores da alma, proporcione um imenso prazer quando se atinge o resultado esperado, e funcione para muitos como uma terapia, isso não basta para criar um texto literário. Ser escritor não é só isso. Silvia Adela Kohan dá uma pista:

Ser escritor quiere decir que los sonidos de las palabras te ponen en movimiento. Que la lectura de un fragmento o de un relato completo te provoca un deseo de escribir irrefrenable. La primera frase proviene, em general, de um estado de ansiedad muy especial. Suele comenzar com uma sensación de apertura em el pecho, um cosquilleo em el cuerpo. Uma massa todavía amorfa procedente de esos sonidos o de aquel fragmento que tu mente no acaba de atrapar se te instala em la garganta hasta que los dedos febriles lanzan la historia o el poema, um cuento de una sentada o um soneto casi perfecto.¹

¹ KOHAN, Silvia Adela. *La escritura como búsqueda*. Barcelona, Alba Editorial, 2002. p. 10.

Durante essa gestação, muitas vezes se é levado a pensar (e plagiar) na música de Vinícius de Moraes e Toquinho: têm dias em que se fica pensando na escrita e sinceramente não se vê saída. Mas é nesse momento em que volta o que aqui convencionou-se chamar de fúria santa. As palavras vêm das entranhas, sobem a garganta e se utilizam da mão como um instrumento, num processo muitas vezes similar à psicografia. Melhor, entretanto, deixar de lado a religião – até porque, enquanto autor, o que se quer é o reconhecimento do próprio talento – posto que é o escritor que começa a produzir irrefreavelmente.

Nesse momento, não é importante (ainda) filtrar o que se escreve, ainda mais levando-se em conta que a censura é um elemento coibitivo da escrita. Já dizia Antonio Lobo Antunes que os trabalhos das primeiras horas não servem para nada, justamente devido à autocensura, e que é preciso estar bem cansado para que as ideias se clareiem. Escrever é muitas vezes uma luz no fim do túnel, e só o esforço contínuo de ir em frente possibilita se saber aonde chegar. Escrever bem é saber olhar atentamente. Porém, como o mundo real é também o mundo da imaginação, um por assim dizer se nutrindo do outro, escrever é passar as próprias experiências.

Para fazê-lo, é preciso começar, e o fator implícito aqui é a motivação. Há, portanto, quem escreva porque acredite que assim se pode transformar em real o mundo no qual gostariam de viver, porque não suportam o fardo da realidade; outros penetram no mais profundo de seu ser para tirar daí as tais experiências. Há ainda aqueles que escrevem porque querem sentir o mesmo que muitos escritores o fazem sentir. Existem aqueles (e não são poucos) que precisam ir mais além do que os outros, alcançando o que chamam de originalidade. E há aqueles que necessitam desesperadamente de reconhecimento, de agradar à crítica, não importando o tipo de literatura que venham a produzir. Uma coisa é certa: todos concorrem para um único objetivo, o de ter prazer em viver.

Independente da motivação, certo é que, na condição de escritor, pode-se inventar o que não se possui. Ainda sobre o assunto:

Después de um tiempo de escritura em libertad – dia trás dia, sin excusas para no hacerlo – se vencem los miedos y se descubre um territorio, el de la página, por el que uno puede explayarse, ser uno mismo y, por si fuera poco, inventar otras vidas o darle um espacio a los sentimientos.²

Significa dizer que a escrita sistematiza os pensamentos. Para isso, o escritor deve conhecer seu processo de escrita criativa. É preciso estar atento aos mecanismos que levam cada um a agir de determinada forma. A missão é converter em obra de arte o absurdo da condição humana. A verdade, ainda que não absoluta, é que a equação tensão mais emoção gera o produto final. Em outras palavras, o sussurro é o ruído que produz o bom efeito, ou seja, a linguagem dialoga com o cérebro (e com a escrita) antes de efetivar-se. Mas mais verdade ainda, é que em lugar de julgar o produto final ou viver a pedir opiniões sobre o que se escreve, é necessário produzir antes de qualquer coisa. Caso contrário, depara-se com o bloqueio, temor de tantos escritores e que só serve para paralisar a criação. A imaginação é um músculo que deve ser estimulado a cada dia. O importante é o processo, escrever apesar de tudo.

Para isso, é fundamental estar atento a alguns jogos linguísticos. Alguma coisa já foi dita, como, por exemplo, que não se pode exercer controle sobre o pensamento; deve-se procurar romper com a sintaxe e a linguagem convencional sempre que necessário; convém trabalhar com livres associações, ainda que à primeira vista pareçam incoerentes e sem sentido. Enfim, explorar os recursos próprios para a criação. O resto, deixa-se para o leitor, parte fundamental da nossa história.

² KOHAN, Silvia Adela. *La escritura como búsqueda*. Barcelona, Alba Editorial, 2002. p. 17.

Quase tudo já foi dito acerca de tudo. Hoje só é possível juntar novas versões aos fatos, lançar outras luzes, instigar perguntas, causar polêmicas, reescrever a história, buscar uma linguagem mais acessível a todos, talvez. Mas é justamente isso que mantém esse grupo de pessoas tão unido, mesmo em meio a discussões ferrenhas. Existe um subgrupo que se dedica a estudar as diversas teorias sobre o conto, um dos gêneros literários que inventaram. Já incorporado à cultura popular, é sabido que quem conta um conto aumenta um ponto. Vale para a prática e para a teoria. Nesse campo, é mais ou menos como a mulher dentro de seu lar: há sempre a última palavra.

Sobre o conto, infinitas coisas já foram ditas tentando estabelecer um conceito. Criou-se um verdadeiro estatuto para que se possa enquadrar qualquer texto, mas qualquer mesmo, nessa categoria. Alguns escritores, muito preocupados com a crítica, chegaram a perder noites de sono a cada vez que um de seus contos era esmiuçado, a fim de poder encaixá-lo ou não na categoria conto. Outros choravam baixinho quando recebiam um veredicto desfavorável. Assim é essa gente, a grande maioria. Sensível! Mas que não desiste antes do milagre acontecer, ou seja, antes de ter certeza de que está escrevendo seguindo as normas vigentes do conto.

Entretanto, de tempos em tempos aparece uma teoria ou uma ideia que faz cair por terra – ainda que momentaneamente – o que se pensava definido, pronto, acabado. A Semana de Arte Moderna de 22, por exemplo, com suas tendências inovadoras, nos trouxe, na literatura brasileira e no contexto histórico, algumas figuras que desempenharam também esse papel de discutir algumas questões. Mário de Andrade, dentro desse contexto, teria dito que “conto é tudo aquilo que o escritor chama de conto”. Mesmo que a frase seja apócrifa, o fato de atribuí-la tantas vezes a um autor de renome já é algo digno de reflexão. Na verdade, o mais próximo que Mário de Andrade chegou acerca

dessa divagação foi ter dito que: “Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade”.³

Esse ensaio, que pretende inovar através de uma escrita mais livre, assim como quem conta uma história, toma essa frase como exemplo para refletir sobre alguns aspectos. Que elementos intrínsecos possui? Qual a carga subjetiva que contém? É possível concordar com Mário de Andrade, em pleno século XXI, ou faz-se necessária a refutação dessa ideia? Que contraponto deve-se estabelecer a essa afirmativa? No campo da literatura e do debate livre de opiniões, será que se sustenta o argumento de que tudo pode, tudo é válido no gênero conto?

Através do poema *Poética*, de Manuel Bandeira⁴, outro ícone da Geração Moderna de 22, entende-se melhor, talvez, a frase de Mário:

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora

³ ANDRADE, Mário de. Contos Novos in: *Vestida de Preto*. São Paulo: Martins Fontes, 1976. p.7.

⁴ BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

de si mesmo
 De resto não é lirismo
 Será contabilidade tabela de co-senos secretário
 do amante exemplar com cem modelos de cartas
 e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
 O lirismo dos bêbados
 O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
 O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Fazendo uma rápida análise do poema (embora não seja esse o propósito aqui), fica clara a necessidade de ruptura com os padrões vigentes da literatura naquela época. O momento ansiava por liberdade e isso tinha de ser traduzido naquilo que era dito/escrito. O que os modernistas menos queriam eram ser enquadrados em qualquer formalidade, regra, conceito. Mas aquilo que não tem regras acaba por virar anarquia, terra de ninguém, e vale tudo. E se valesse tudo, não haveria necessidade de se estudar mais nada. Até mesmo a emoção tão pretendida pelos modernistas deveria de obedecer a um sistema. A literatura, a boa literatura, deve ser também refinamento, diversão, deleite e aprendizado. E isso é algo que se sistematiza, em que se criam códigos particulares, aos quais os iniciados – sejam eles autores ou leitores – são convidados a participar. O que os modernistas esqueceram de dizer, ou que não ficou claro para muitos no poema de Bandeira, é que o próprio desejo de libertação do qual falava, já cria por si só um estatuto, ou melhor, como bem diz o título do poema, uma poética a ser seguida. De modo que o tempo passou e a discussão não parou por aí.

Para um contraponto, há que se partir de um ponto. Julio Cortázar, um dos grandes mestres na arte de escrever contos, teceu o seguinte comentário

Enquanto os contistas seguem adiante a sua tarefa, já é tempo de falar dessa tarefa em si mesma, à margem das pessoas e das nacionalidades. É preciso chegar-se a ter uma ideia viva do que é o conto, e isto é sempre difícil, na medida em que as ideias tendem à abstração, à desvitalização do conteúdo, enquanto que por outro lado a vida rechaça com angústia esse laço que quer lançar-lhe a conceptualização, para fixá-la e categorizá-la. Penso que se não temos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo.⁵

Que se parta então da própria história do conto, e se percorra o caminho de como se chegou à história aparente e à história cifrada, para citar Ricardo Piglia⁶, entre tantas conceituações possíveis. Fazendo uma viagem no tempo, e repensando o conto como modalidade narrativa, pode-se estabelecer dois modos de formulação para um conceito. Por um lado, é certo que ele se derivou de um prolongamento das antigas narrativas da tradição oral, mas também é pertinente aceitar que ele se revestiu de tantas roupagens diferentes, que acabou garantindo um status próprio, com características peculiares.

Portanto, o conto não se diferencia do romance apenas pela sua menor extensão, mas, sobretudo, por possuir uma estrutura muito diversa. O conto é uma história breve, de enredo simples e linear, caracterizado por uma forte concentração da diegese, do tempo e do espaço. O conto é alheio à intenção romanesca de representar o fluir do destino humano e a formação e o amadurecimento de uma personagem, pois a sua condensação estrutural não comporta a análise pormenorizada das vivências do indivíduo e das suas relações com os outros. É preciso tecer algumas considerações sobre a evolução do conto, e de como se chegou a um conceito operacional para o presente trabalho.

⁵ CORTÁZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. In: *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1993.

⁶ PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: *O laboratório do escritor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.

O conto vai muito além das esparsas noções de brevidade, precisão e clareza, e para isso faz-se necessária, num primeiro momento, a utilização de algumas ideias genéricas sobre a poética do conto. Essa modalidade narrativa, que pode ser tanto um relato oral quanto escrito, se confunde desde a Antigüidade com outros gêneros. Segundo Juan José Millás (1997), o contista sabe que para escrever um conto é preciso armas muito diferentes das que exigem a redação de uma novela (gênero de menor extensão que o romance, cuja peculiaridade é a representação de um acontecimento sem tantas digressões, segundo os formalistas russos). E, nessa luta, nem sempre é possível acertar o alvo com perfeição.

Antecessor de Millás, o teórico e ensaísta Enrique Anderson Imbert (1997) entende que a palavra conto deriva de contar, forma que vem de *computare*. Assim, nada mais natural do que a passagem da enumeração de objetos ao relato de ocorrências reais ou não. Narrações medievais dão conta do que hoje se chama conto, mas Imbert faz uma observação de que, à época, ainda não existia essa denominação. Tal definição só foi difundida durante a Renascença (mas ainda associada à palavra novela ou outros termos), e servia para nomear formas simples de contar, como as anedotas ou casos curiosos, aludindo à oralidade e ao caráter popular.

Já os românticos empregaram a palavra conto para narrações em prosa ou em verso, desde que impregnado de um caráter fantástico. A partir do século XIX o termo conto foi se consolidando, sendo empregado para todo o tipo de narração, e também graças à expansão da imprensa que permitiu a publicação de contos em jornais e revistas.

Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Ronái (1999), apesar de concordarem que a etimologia da palavra conto remete ao que se conta, tecem apreciações acerca das diferenças que as diversas línguas fazem a respeito da nomenclatura dos gêneros literários, já que para os italianos, por exemplo, conto é narrativa de caráter maravilhoso, como os contos de fada, ao passo que

às narrativas calcadas na realidade a denominação era *novella*. De modo que a grande variedade existente no gênero dificulta a definição do conto.

Nádia Gotlib (1990) também explorou a problemática na obra *Teoria do conto*. Percorrendo as origens do gênero, chega à conclusão de que os modos de se contar histórias são reveladores, e levanta a questão de como se pensar o conto desassociado de um conjunto maior de modos de narrar ou representar a realidade. Discorre ainda sobre o fato de que há quem admita uma teoria específica e outros que não aceitam tal concepção. Haveria, afinal, características específicas do gênero e, se a resposta é afirmativa, quais seriam os seus limites de especificidade? Ao final de suas ponderações, afirma que cada conto é um caso teórico a ser observado.

É difícil definir o conto, mas é preciso (e possível) sim, descobrir-lhe a identidade. Para além de tudo que já foi falado, há uma ideia esclarecedora e que lança bons frutos a serem colhidos ou debatidos. Segundo Rust Hills:

I believe that only two things can be said about the nature of the short story, and these statements seem at first so different from each other and so unrelated as to appear random. First, a short story tells of something that happened to someone. Second, the successful contemporary short story will demonstrate a more harmonious relationship of all its aspects than will any other literary art form. The first statement distinguishes the short story from the sketch, the second distinguishes it from the novel.⁷

No sketch não existem antecedentes, nem existe futuro para a história que se conta ou representa. De uma certa forma, é mais uma crônica, é o exemplo ou ilustração de uma situação, não há um real crescimento ou modificação nas personagens.

⁷ HILLS, Rust. *Writing in general and the short story in particular*. New York: Mariner Books, 2000. p.1.

Já em um conto nada é estático: a mesma situação não pode acontecer duas vezes, e esse acontecimento – seja qual for – deve causar no leitor um efeito particular e único, para lembrar Edgar Allan Poe. Tudo (em especial a brevidade) tem de concorrer para esse efeito único. Além disso, para prender a atenção do leitor, a primeira frase conta muito. Se a primeira frase não funcionar, todo o resto se perderá.

Na novela isso não acontece. Por ter uma extensão maior do que o conto, há um maior espaço e tempo para o desenrolar dos acontecimentos ou para a mudança no comportamento das personagens. Ademais, a novela permite diferentes ângulos de narração, enquanto o conto deve manter um único ponto de vista – foco narrativo. Caso contrário, colocaria tudo a perder.

No conto, todos os elementos da narrativa estão ligados para construir um (bom) conto, desde que não se perca de vista a economia narrativa necessária ao gênero. Certo é que algumas técnicas de ficção produzem efeitos próprios e mais propícios a fisgar o leitor ideal, e quando bem utilizados provocam emoções intensas. Sabe-se que um conto é inesquecível se a leitura dele é feita de um fôlego só (tal e qual o viajante no deserto ao encontrar o seu oásis); se é preciso retomar a leitura do conto de tempos em tempos para recriá-lo; se o que não foi dito é muito mais importante do que aquilo que foi dito e, principalmente, se faz com que haja a necessidade de escrevê-lo (ainda que não literalmente), imaginando para ele uma continuação, uma solução para o conflito, tamanho o impacto causado.

Nesse ponto é importante a utilização, para um maior suporte teórico, de estudiosos que não só pensaram a estrutura conto, mas o escreveram com genialidade. Pioneiro nas particularidades do conto como gênero autônomo e demarcado, o chamado conto moderno, Edgar Allan Poe (1991) defende a ideia da *unidade de efeito* nesse gênero narrativo, pois, ao decorrer da brevidade do tempo da leitura, a alma do leitor permanece sob o seu controle, gerando nele uma intensidade diferente de outros tipos literários. Tido como um

acontecimento puro e único, a estrutura do conto vai desprezar os acessórios utilizados no romance. Para Poe, os contos que melhor privilegiam essa sensação no leitor são os que abordam o terror e a paixão, entre outros elementos. O conto, para ele, desperta a Verdade, que é a satisfação do intelecto, ao contrário da poesia, em que o alvo é o Belo. O conto estabelece, por assim dizer, uma espécie de pacto com o leitor, ao exigir dele o raciocínio, além da emoção.

Como a toda ação corresponde uma reação, outras ideias vieram complementar as de Poe. Anton Tchekhov (1966) também estabeleceu uma poética do conto. Em cartas escritas entre os anos de 1883 e 1890, e reunidas em um volume, ele diz haver uma saída, que é a de detectar o *traço comum* que determina o valor e torna algumas obras semelhantes. Trazendo essa ideia para o gênero conto em específico, é relevante salientar a noção que ele tinha de *intenção*, de se saber o que se vai escrever, e assim estabelecer delimitações para que não se crie um texto muito longo. Há de haver limites pré-definidos. Em outras palavras, significa intensificar o início da narrativa, concentrar a incidência no desenvolvimento, e atenuar o efeito da conclusão.

A preocupação com a organização da narrativa foi o centro de suas atenções. O final aberto e interrogativo foi outra questão levantada por ele: o escritor tem de captar a realidade e não explicá-la, cabendo essa tarefa ao leitor. Por isso mesmo, aspectos como *originalidade* e *concisão* são essenciais no conto. A *objetividade*, captada tão bem nas histórias e no comportamento de suas personagens, é um dos princípios de sua estética, bem como a importância da simplicidade da linguagem. Outro fator importante a ser considerado é o fato de que um conto não precisa de um grande tema. Ele pode ser elaborado a partir de uma situação corriqueira, desde que produza no leitor uma espécie de explosão, abrindo a represa contida no intelecto humano, ao mesmo tempo em que deixe indeléveis (muito mais que o tempo da leitura) as emoções captadas.

Este efeito que é causado, mais do que o resultado da história que se contou, é provocado pela maneira como foi contada.

Julio Cortázar, embora não fugisse das noções contísticas de Poe, amplia a discussão sobre o gênero, ao reiterar a questão da *intensidade*. Para ele, o acontecimento narrado no conto é intenso porque cada palavra trabalha para essa finalidade, e todo supérfluo deve ser evitado, já que é esse mecanismo que irá gerar a tensão. É a mão do escritor que conta, pois o conto significativo deve romper os próprios limites, e para isso deve valer-se, mais do que do tema, da técnica empregada. Para ele, o conto é

uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes.⁸

Outro elemento importante abordado por Cortázar é a noção de *esfericidade*. Num conto, o autor deve transitar num movimento definido e pontual, do interno para o externo, a fim de extrair a tensão. Esse ser, que para ele é “possuído”, deve proceder aos mecanismos citados anteriormente, para obter o efeito de *estranhamento*, seja do escritor ao conto, seja do conto ao leitor.

Não se pode abordar o gênero conto sem aludir a Hemingway (1996) e sua *ponta do iceberg*. Para ele, o escritor, em seus contos, deve trabalhar como um artesão, sempre podando a linguagem, evitando movimentos excessivos, para assim atingir e multiplicar a *intensidade* do que está sendo dito. Aquém das palavras e insinuações, deve deixar vir à tona a face oculta, aquela que um leitor

⁸ CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 150-151.

atento é capaz de preencher através dos símbolos da narrativa. Essa parte submersa do conto é a sua grande força, capaz de despertar a intensidade desse gênero narrativo.

Todas essas questões explicitadas acerca do conto levam, na modernidade, à reflexão de Ricardo Piglia, cuja teoria é uma síntese de tudo o que foi dito. Para ele, o conto conta sempre duas histórias: num primeiro plano narra a *história aparente*, e essa, a seu tempo, oculta uma outra, a *história cifrada*. Toda história que é visível esconde uma outra que é secreta, e o efeito surpresa, no conto, se dá quando essa história secreta vem à tona. Saber como cruzar as duas histórias é a base de toda grande construção. Um exemplo prático de como a contribuição a esses estudos tem amplo debate na PUCRS, foi dada por Charles Kiefer, escritor e também teórico sobre o conto. No seu livro *A poética do conto*⁹, ele acrescenta uma nova maneira de se entender o gênero. Por ser também contista, pode muito bem exercer a função de “um olhar de dentro”, possível só para quem pratica essa modalidade narrativa. Kiefer sabe, entre tantas outras coisas, que o autor de um conto vive numa constante batalha, a de não escrever demais, de nunca entregar o subtexto, deixando para o leitor a tarefa de ir buscar nas entrelinhas aquilo que não foi dito, mas está lá.

O ponto alto do trabalho de Kiefer (e que foi também sua tese de doutorado), foi mostrar a importância de um contista ler os outros, e esmiuçar sua obra, não deixar escapar nenhum detalhe, para assim estabelecer elementos que possibilitam enquadrar o conto numa modalidade narrativa nada fácil, mas possível. Mais do que isso, ele demonstra como são, todos que escrevem, influenciados uns pelos outros em um determinado momento, mesmo que inconscientemente. Edgar Allan Poe, Nathanael Hawthorne, Júlio Cortazar, Jorge Luis Borges estão ligados por fios a princípios invisíveis, mas cuja conexão fica clara numa leitura acurada sobre seus escritos. Através desse diálogo que é mostrado por Kiefer, pode-se estabelecer uma poética para o

⁹ Kiefer, Charles. *A poética do conto*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

conto, que em outras palavras não deixa de ser um estatuto teórico para o gênero. Para além disso, evidencia a necessidade de estar-se sempre atento ao que veio antes. Não há forma de mudar os rumos do futuro sem lançar um olhar para trás. Só se aprende lendo, escrevendo, lendo e reescrevendo. Assim tem sido a história da literatura, e também a do conto:

O gênero tornou-se mais sofisticado, mais intrincado, mais artístico. No entanto, e sintomaticamente, não evoluiu para o romance. A sua temporalidade fechada, de fato consumado e acabado, distingue-o radicalmente da narrativa longa. Retrato do que foi, ou fantasia do que poderia ter sido, o conto é alegoria, ruína viva das histórias dos homens, dos animais, das plantas e das coisas em seu melancólico deixar-de-ser. Como Proteu, assume qualquer forma, desde que pequeno, autônomo e total. Pode ser apólogo, parábola, fábula, relato, caso ou conto literário. Produz uma reação no leitor tão mais intensa quanto maiores forem a sua intensidade e singularidade. Apesar de sua antiguidade, mantém a vitalidade, o frescor e a novidade. Mil vezes revisitado, mil vezes travestido. Porque narra algo que se perdeu – o próprio tempo –, e porque o perder-se não cessa jamais sua perda, o conto trata de renovar-se incessantemente e de resistir à dissolução de sua própria forma.¹⁰

Em outras palavras, Kiefer compara os elementos constitutivos do conto com as peças de um tabuleiro de xadrez, fixas e limitadas, mas cujas combinações produzem os mais variados resultados, possível graças à leitura que um autor faz de outro, na busca incessante de aprimorar-se. Trata-se simplesmente de reordenar os elementos e produzir um novo conto. Constitui-se da influência e herança que um passa ao outro. É a eterna reescritura da arte e da vida. Não interessa muito aqui saber a linha adotada. Irrelevante saber o que é melhor, se a alegoria de Hawthorne, se o efeito de Poe, se a esfericidade de Cortazar, se a metaficção de Borges. Seja qual for a técnica, imagem, visão de

¹⁰ Idem, p. 138-139

mundo, linguagem, mensagem, emoção metafísica ou jogo empregados, tudo aponta para três perguntas básicas: se a relação entre o modelo idealizado e a execução é coerente; se a leitura do contista é produtiva e se melhora ou se faz recusar seu próprio padrão; se o resultado das poéticas tem utilidade para novos contistas.

Desse estudo é possível tirar algumas conclusões. A mais relevante para esse momento é o fato de que através da leitura de outros contistas, o escritor reforça seus próprios padrões, até porque encontra em muitos deles linhas de jogo (escritura) parecidas com a sua. Sem nunca perder de vista a técnica, são elos da mesma corrente, apesar das variantes que apresentam. Apesar dos elementos narrativos serem imutáveis e finitos, as combinações produzidas são infinitas diante do talento de cada um.

E por último, mas não menos importante, é que a leitura de outros só traz à tona, sem esquecer Hemingway, o restante do iceberg. E quando consegue cruzar a linha invisível da meta traçada e o porto de chegada, o escritor sabe que produziu um conto, não tenham dúvidas disso. É algo apenas que se sabe, que se internalizou através das leituras, das diversas teorias, do impacto que causa no leitor. Como os contistas-aprendizes fazem isso, sem jamais abrir mão da tradição, é a parte seguinte desse ensaio.

2.1 Nada do que foi será do jeito que já foi um dia

Como se escreve um bom conto, é a pergunta que não quer calar. Algumas predisposições, metas e resultados já foram abordados, mas nunca é demais lembrá-los. Sensibilidade aguçada e capacidade de transformar uma cena, um objeto ou um acontecimento corriqueiro num grande evento são importantíssimas. Mas é necessário ir além, é preciso contar isso de maneira intensa. É preciso construir um bom início, “fazer uma boa intriga”, e levá-la ao clímax e ao desenlace com mestria. Não importa o tema, o como é contada uma

história sempre falará mais alto do que o que é contado. Se assim não fosse, nada mais haveria a se escrever sobre o amor, por exemplo.

O importante é traçar uma meta e tentar não se desviar do objetivo proposto. Dizer o mínimo possível, deixar o resto para o leitor (a sugestão ficará na sua mente). Não esquecer-se de que finais previsíveis são chatos, enfadonhos, não despertam “aquela” emoção. Um final inquietante sempre leva a pensar, e é isso que causa modificação no ser humano. Em suma, não pode sobrar nem faltar nada em um bom conto, ele tem de ter a medida exata entre o caminho que percorre o cérebro e o coração do homem.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada *O eloquente silêncio: das oficinas de criação literária à conquista da competência para o conto*, Cíntia Moscovich traz um outro lado sobre a produção contística existente: é possível ensinar essa arte a alguém? Por tudo que já foi dito até aqui, é possível pensar que o conto é uma modalidade literária que exige um manuseio raro, uma técnica elaborada, um grau de percepção apurado.

Isso se adquire, de acordo com a história que aqui foi sendo apresentada, com muita leitura, muita troca de experiências, muita bagagem de vida e, sobretudo, com muita dedicação e afincamento a essa difícil tarefa que é escrever contos. Mas sempre é preciso começar, e oficinas literárias, hoje em dia, são um bom caminho para exercitar o dom e desenvolver a técnica.

Por esse motivo, o trabalho desenvolvido por Cíntia Moscovich¹¹ é relevante a esse estudo. Ele abre a porta e introduz o universo das oficinas de criação literária, mais especificamente a que vem sendo ministrada desde 1985 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelo Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil. Ali, a cada oficina, através de uma seleção, pessoas são convidadas a exercer a escritura do conto, não sem antes, é claro, estudar

¹¹ FACCIOLI, Cíntia Moscovich. *O eloquente silêncio: das oficinas de criação literária à conquista da competência para o conto*. Dissertação (Mestrado em teoria da Literatura) – Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

diversas técnicas narrativas que lhe garantam uma maior apropriação e competência para essa modalidade narrativa. Desnecessário dizer que quem nunca antes tenha escrito alguma coisa não se inscreve para ser desafiado a tarefa tão complicada. Seria missão quase impossível. Ali, num ambiente fraterno, mas muitas vezes competitivo, alguns se destacam, e outros veem seus sonhos se desvanecerem. Não é fator determinante que a passagem pela oficina seja garantia de sucesso, mas as estatísticas comprovam que grande parte do que está sendo publicado no Rio Grande do Sul hoje é material (ou gente da melhor qualidade) oriundo da oficina.

Mas o que se aprende de tão importante nessa oficina? Primeiramente, desmistifica aquela única ideia romântica da inspiração, do santo que baixa e o escritor que incorpora, de uma fúria que invade e cria coisas belas, etc. Hoje sabe-se que não é bem assim, ou melhor, não é só assim. É necessário suar muito a camiseta, é imprescindível que a transpiração excede a inspiração múltiplas vezes. Ali, aprende-se que reescrever é tudo. E que, em boa literatura, menos é mais.

A princípio, essa metodologia pode causar um bloqueio para quem está acostumado ao deixar fluir, ao escrever sem muito pensar. A angústia da folha em branco é um dos maiores medos de qualquer escritor. Ainda que seja somente uma promessa dele. Diante da perturbadora frase “e agora?”, é preciso perseverar. Sorte, então, de quem tem um norte a seguir, uma proposta a executar. Por esse motivo a oficina é dividida em dois blocos ou dois semestres. No primeiro toma-se contato com coisas básicas referentes ao narrador, tempo, espaço, construção de diálogo, parágrafo e uso exagerado do adjetivo, entre outras coisas. Tudo isso é testado através da criação de um personagem que acompanha o aluno a cada encontro, sempre numa perspectiva diferente, a fim de construir uma base sólida para o que virá pela frente. De posse de nomenclaturas (aprendidas na prática) como narrador onisciente seletivo, narrador-intruso, narrador-câmera, narrador neutro (tipologia de Norman

Friedman¹²), primeira pessoa, fluxo de consciência, monólogo interior, entre outras, o aluno é convidado a ir criando suas histórias.

No segundo semestre juntam-se aos ensinamentos aprendidos técnicas de intertextualidade (plágio, pastiche, paródia), assim como a alegoria e os símbolos. É hora então de trabalhar, aliar a prática à teoria e escrever contos, concomitantemente com o estudo de diversas teorias (sobretudo Ricardo Piglia) e leituras de alguns dos melhores contos da literatura nacional e estrangeira. É hora de partir de uma idéia, gerar conflitos, trabalhar o desenvolvimento, atingir um clímax. É o momento de transformar um texto em um conto. É o instante de ousar, de criar, de se maravilhar. É tempo de mostrar o produto final ao grupo. É o cenário onde se é avaliado. Ovacionado ou criticado, uma coisa é certa: tudo leva ao crescimento. Attingir a competência para o conto não é tarefa das mais simples, mas quando alcançada, tem-se então (não de repente, mais que de repente) um novo contista. Criou-se a competência para o conto. E poucas coisas são tão belas nessa vida quanto o próprio nascimento, como o adentrar nela para aqui dar a sua contribuição, deixar o seu legado para a posteridade.

Por que é importante toda essa narração sobre a metodologia empregada na oficina? Porque o aluno aprende que o se pensava sabido, de repente, é tido como um longo caminho a percorrer. Aprende na prática, pela própria experiência que “conto NÃO é tudo aquilo que o escritor chama de conto.” O gênero tem metodologia própria, é uma das mais difíceis artes de criação, e é um processo em que desde o primeiro momento (como no caso da oficina) se tem um fio condutor a ser seguido para atingir um determinado fim. E isso não se faz de maneira aleatória, como se fosse um tiro no escuro:

¹² Point of view in fiction: the development of a critical concept. In: STEVICK, Philip. *The Theory of the Novel*. New York: The Free Press, 1967.

Esta idiossincrasia que remete às noções de justeza das medidas, a virtude vivendo no seio do equilíbrio, é que faz a quintessência do conto. O gênero depende deste balanço, do mérito que habita o médio. Sem tal harmonia, o *efeito* pretendido não se faria sentir: ao fim de um conto bem realizado – e este *gran finale* representa o clímax, sempre imprevisível e, paradoxalmente, eternamente inevitável, pelas circunstâncias inadiáveis de causa e efeito – o leitor sente a tentação de voltar ao início para rever, em plenitude, o que era apenas iluminação. Vem daí, desse movimento de redescoberta constante, um dos traços distintivos e muitas particularidades do conto, o de sua circularidade, o fim resgatando o começo, o desenvolvimento servindo de ponte entre os dois extremos. Talvez por isso – por essas armas que o escritor deve tecer e que o leitor competente deve deslindar, sentindo-se, inclusive compensado por tais descobertas – aconteça a comentada dificuldade de escritura e de leitura do conto que se preze como tal. Um conto é uma estrutura armada de “maneira inteligente”, que pede e convoca a participação intelectual de seu leitor, sem que se o substima ou superestime. O ideal, conforme aponta Piglia, resumindo o que pregaram seus predecessores, é que o ponto médio entre ocultação e revelação seja mantido, introduzindo-se o leitor nesta gramática do silêncio representada pelo conto.¹³

Até porque, se fosse um tiro no escuro, ou na lua, se não tivesse suas artimanhas particulares, o conto não interagiria e muito menos atingiria seu alvo: o leitor. O conto é o gênero literário que melhor possibilita essa quase comunhão de almas, porque um se completa no outro, escritor e leitor. Sem um, não há o outro. Como tudo na literatura é controverso, também é possível que haja quem escreve – e há – sem se importar com o destino final. Mas esses, que são a minoria, perdem o que de mais delicioso há na criação literária: o saber que, em algum instante, o mundo parou e não se quis descer, pois a história lida

¹³ FACCIOLI, Cíntia Moscovich. *O eloquente silêncio: das oficinas de criação literária à conquista da competência para o conto*. Dissertação (Mestrado em teoria da Literatura) – Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000. p.67.

pulsava viva de tal maneira que nada mais importaria. Se há uma competência para o conto, para a escritura dele, também há uma competência para a sua leitura. O eloquente silêncio entre o que não é escrito e o que é sentido produz seres humanos muito melhores. Por isso o ser humano lutou desde os tempos da caverna, porque precisava desesperadamente fazer parte do mundo, conversar com ele, deixar registros, caso contrário enlouqueceria. Para essa pequena parcela da humanidade que se formou, o chamado círculo literário, não é o dinheiro que move o mundo. Graças a Deus que não. São as palavras. E estas, respeitando Mário de Andrade e toda a contribuição que deu à literatura, não podem ser simplesmente alinhadas como numa grande produção industrial. Elas precisam de uma partitura, de um regente e de uma orquestra que as executem. No caso do conto, por tudo que foi falado até agora, fica provado que quando bem entendidas as regras do jogo, elas viram música aos olhos e alimentam a alma.

2.2 Vivendo e aprendendo a jogar: o percurso

A gente não nasce pronta. Entretanto, em algum momento da vida de cada indivíduo, é necessário fazer escolhas. Alguns passam a vida nesse processo de experimentação, mas no meu caso, o que “eu queria ser quando crescesse” ficou claro desde o início. Faço parte desse grupo de pessoas a quem a literatura exerceu seu fascínio desde a infância. A princípio nas leituras infanto-juvenis, feitas em uma Biblioteca Pública de São Paulo, o passatempo logo se transformou num hábito que me impeliu a contar também minhas próprias histórias.

Alguns anos mais tarde, já na profissão de professora de Português, Literatura e Redação da Rede Pública, e com diversos escritos na gaveta, resolvi pensar mais a fundo sobre as palavras de Rilke:

Ninguém pode aconselhá-lo e ajudá-lo, ninguém. Há apenas um meio. Volte-se para si mesmo. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido de escrever. Sobretudo isto: pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: *preciso* escrever? Desenterre de si mesmo uma resposta profunda. E, se ela for afirmativa, se o senhor for capaz de enfrentar essa pergunta grave com um forte e simples “Preciso”, então construa sua vida de acordo com tal necessidade; sua vida tem de se tornar, até na hora mais indiferente e irrelevante, um sinal e um testemunho desse impulso.¹⁴

Foi então que chegou até a mim a notícia da abertura das inscrições para a Oficina de Criação Literária do Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil. O processo de seleção à Oficina era constituído de três etapas: um questionário, um currículo pessoal e mais três trabalhos literários de minha autoria, na modalidade narrativa de ficção.

O questionário era a parte fácil, dado que eu não tinha muito que pensar sobre o porquê de querer concorrer a uma vaga. Eu queria escrever e pronto. O próprio objetivo da Oficina, para mim, já explicava tudo o que eu almejava. Treinar e aperfeiçoar novos talentos em literatura. Tratava-se de uma proposta que acolhia pessoas que tivessem intimidade com o fazer literário, comprovada através de produção que pudesse ser avaliada. Não era, de forma nenhuma, uma atividade de lazer ou terapia ocupacional. Ao contrário, as metas eram definidas e claras, e buscavam o profissionalismo da escrita literária. Se a Literatura era entendida por mim como um objetivo pessoal a ser alcançado, mesmo que isso me tomasse bastante tempo, trabalho intenso e dedicação quase exclusiva, então aquele era o meu lugar.

A escrita dos contos foi bem mais trabalhosa. Eu ainda não tinha uma técnica bem definida, meus mecanismos acerca do ato da escrita eram muito

¹⁴ RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: L&PM, 2009, p.25.

semelhantes a uma idéia preconcebida de que bastava a inspiração, e tampouco era necessária a revisão do que havia sido escrito. Portanto, eu me fechei no quarto durante um final de semana inteiro e escrevi três contos, jamais esquecendo dos critérios de avaliação: originalidade do tema e seu tratamento, e amadurecimento da linguagem (vocabulário e estilo).

Hoje, olhando para aquele tempo, não sei como consegui realizar tal tarefa a contento e conseguir uma das quinze vagas. Eu ainda era muito “verde” no meu processo criativo, tinha um mecanismo meio intuitivo, de simplesmente ir escrevendo a próxima linha. Havia lacunas em meu talento e coisas que eu deveria assimilar para um melhor resultado em meu trabalho:

Tudo está em deixar amadurecer e então dar à luz. Deixar cada impressão, cada semente de um sentimento germinar por completo dentro de si, na escuridão do indizível e do inconsciente, em um ponto inalcançável para o próprio entendimento, e espera com profunda humildade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: só isso se chama viver artisticamente, tanto na compreensão quanto na criação.¹⁵

Foi com pressa de criar que cheguei à Oficina e, naturalmente, já nos primeiros encontros, vi que teria muito que aprender e modificar sobre minhas idéias acerca de ser uma escritora. Como já me havia sido informado no ato de inscrição, de novo me foi dito que a Oficina era um espaço de trabalho intenso, e que teríamos de produzir um texto por semana, como tarefa de casa.

Durante os quinze encontros que durou o primeiro semestre, trabalhei arduamente na criação de um personagem do sexo oposto que pudesse dar vazão aos diferentes tipos de narrador que me iam sendo apresentados, segundo a tipologia de Norman Friedman, que visa responder a perguntas cruciais como se quem conta a história é um narrador em primeira ou terceira pessoa; de que posição ou ângulo em relação à história o narrador conta; que

¹⁵ Idem, p.36.

canais de informação o narrador usa para comunicar a história ao leitor; e a que distância ele coloca o leitor da história.

Para isso, foram estudadas as técnicas do narrador onisciente seletivo, narrador onisciente intruso, narrador onisciente neutro, narrador como protagonista ou testemunha, narrador câmera, narrador onisciente seletivo múltiplo, bem como alguns processos mentais dos personagens, como o monólogo interior e o fluxo de consciência.

Esse primeiro semestre da Oficina me permitiu explorar o meu personagem pelos mais diferentes ângulos de narração. Além do mais, pude verificar que o processo de escrever e deixar o texto esfriar me possibilitava enxergar os excessos cometidos nos textos. Aos poucos, fui me convencendo de que só talento não era o bastante: era preciso técnica, e se possível, da melhor qualidade. Só isso me tornaria uma escritora de verdade, o que veio a ser testado no semestre seguinte, quando a cada semana me era exigida uma proposta diferente.

Resultado de um desses exaustivos exercícios, o conto *Sexo frágil* (a princípio fruto de um dos meus episódios com meu personagem Lauro Cirne) mostra a alternância na utilização de cenas e sumários. Para saber o que seria mostrado ao leitor (to show), eu teria de apresentar na forma de cenas apenas a parte da história em que duas forças opostas apareciam. Para saber o que seria contado (to tell), eu deveria utilizar o sumário nos momentos de passagem entre uma cena e outra.

Como desempenhar tal tarefa a contento? A princípio descrevendo a cena e introduzindo a personagem principal com algumas de suas características, sem, no entanto, não extrapolar e acabar se tornando, por assim dizer, uma ficha de crediário com informações desnecessárias.

A seguir, me preocupei em sugerir o tom da história, o estilo, para que o leitor soubesse que tipo de história estaria lendo. Aqui cabe um parênteses para dizer que a ironia predomina em muitos de meus contos. Situado o leitor, o

próximo passo seria estabelecer as circunstâncias que eventualmente levariam à complicação, e para isso se tornava imprescindível que eu seduzisse o leitor com um gancho, apresentando um problema menor que mais tarde pudesse resultar numa complicação. Além disso, eu deveria estimular a atenção do leitor nos interesses do protagonista.

Introdução estabelecida(assim como a conexão com o leitor), me ative ao desenvolvimento da história. Apresentada a complicação, era hora de exibir uma série de esforços que o personagem faria para resolver a complicação(que é aquilo que se opõe ao desejo), somente para apresentar seus fracassos.

Nesse momento, uma situação de anticlímax em que o personagem principal só cometesse erros daria ao leitor a idéia de que não havia esperança de uma solução satisfatória. Em outras palavras, era necessário apresentar novos dados que, bem ordenados, pudessem solucionar a complicação(ou a ressonância), a qual deveria ser satisfatória e verossímil para o leitor.

Mas afinal, o que significa ressoar? Na perspectiva do leitor, isso acontece quando, ao final de um conto, se cria conexões entre a sua história e um contexto mais amplo, muitas vezes usando um símbolo. As ações do protagonista têm de significar mais do que aparentam, e quanto mais universal o conflito, mais ele ressoará no leitor.

Nos dias de hoje, essa questão do conflito se modificou bastante. E isso também era uma preocupação recorrente ao escrever o final da história. O conto tradicional têm uma trama em que o conflito se resolve (para o melhor ou para o pior), e o destino das personagens fica bem claro. Em outras palavras, dá-se a resolução da história.

O conto contemporâneo não resolve nada, mas deixa uma ressonância. Naturalmente que para captá-la exige-se um leitor sensível, capaz de estabelecer conexões sutis entre o mundo da história que leu e o mundo em que ele vive. Caso contrário ele dirá “Mas o conto não tem fim, apenas terminou” ou “Será que perdi a última página?” ou “Acho que fui burro, porque não entendi

nada". O conto contemporâneo não resolve nada porque a situação que ele narra, em si mesma, é ambígua, sem solução — ou impossível de resolver. Por isso mesmo, diferente do que acontece no romance, o final do conto é muito importante, e normalmente o clímax coincide com o fim. Em suma, o final decide qual o pensamento que você quer que seu leitor leve como última impressão da narrativa.

No caso de *Sexo frágil*, optei por terminar com uma ação, posto que no meu entendimento é o final que menos dirige a interpretação do leitor. Mesmo sabendo que nenhum final satisfaz o leitor, optei por um final-surpresa, mas uma surpresa inevitável, caso contrário não convenceria.

Há outro aspecto importante a ser analisado nesse conto, que é maneira como foram criados os diálogos. Para isso usei ensinamentos da Oficina, como um bom diálogo deve ser como uma peça musical: tem gênero, ritmo e melodia. Além disso, deve ser curto e econômico, pois por princípio uma personagem não deve falar mais do que duas linhas, e todo diálogo não deve ocupar mais do que meia página. Mais do que isso, é preciso ter em mente que um diálogo é similar a um jogo de tênis: a bola se move entre dois contendores e significa uma mudança de poder, que pode ser físico, político, sexual, ou social. O bom diálogo também representa atitudes e intenções; mais do que falar sobre a personagem, ele a revela.

Por outro lado, o mau diálogo é aquele que revela o subtexto da história; é excessivo, frouxo, lento; não respeita o léxico e a sintaxe da personagem; é duro e difícil de ser lido em voz alta; e simplifica a personagem, em vez de revelar sua complexidade. Em função disso, optei por diálogos curtos e que aparecem só ao final do conto, sempre a serviço de deixar o final da narrativa para que o leitor desvende na sua imaginação.

No conto *O romanceiro*, o método predominante utilizado foi uma alternância narrativa, mais conhecida como intersecção narrativa. Para isso, tive de me concentrar no início, pois todo começo é uma promessa, e aqui a

impressão que eu queria causar era de nostalgia. Através do narrador-protagonista (eu protagonista), um homem volta às suas origens na França e, em meio ao tempo presente, vai lembrando os amores do passado. Independente do cenário, qualquer pessoa pode se identificar com uma história de amor e a sua eterna busca. A maneira como se conta isso é que faz toda a diferença. Por isso é importante a intersecção narrativa, pois as experiências do passado ajudam a compor o perfil da personagem, que deve ser sempre um indivíduo, jamais um tipo. Ele deve ser único.

Em um dado momento, algo não acontece como o esperado, e esse é um dos pontos fundamentais na construção de um bom conflito. Para além do tom irônico, a intenção foi fazer com que a personagem fosse amada, e isso é colocado através de inúmeros detalhes que vão sendo apresentados ao longo do conto.

Por que detalhes são importantes? Em primeiro lugar, porque ancoram a história na realidade concreta. Ademais, os detalhes tornam o texto diferente de centenas de outros similares, ainda mais em se tratando de amor. E, por último, eles convencerão o leitor que se sabe sobre o que se está falando. No conto propriamente dito, diversos detalhes de um bar numa pequena cidade da França estão de acordo com todas as tragédias pelas quais passou a personagem, e dão o toque de solidão, quase desespero de quem está sozinho. Também pode-se dizer que aqui foi utilizada a estrutura *in media res*, pois os acontecimentos começam no meio da história. Os personagens, cenários e conflitos foram introduzidos através de uma série de flashbacks, ou através de personagens que discorrem entre si sobre eventos passados.

Mas seria tudo isso suficiente para dar credibilidade ao conto? Como defini-la? De certo modo, a credibilidade está relacionada com a verdade, e um bom modo de convencer o leitor de que sabe do que se está falando é através do uso da língua portuguesa. É preciso passar confiança, mostrar que se conhece e domina os jogos linguísticos. Lá no fundo, o leitor pensa: *se "fulano" escreve bem*

desse jeito, talvez ele possa me contar uma boa história, talvez me faça sentir coisas inusitadas, ele merece uma chance. Para isso, o escritor tem de saber que é ele quem está no controle através de suas palavras, orações e parágrafos.

Nesse processo de explicar o funcionamento da Oficina e de como alguns contos foram elaborados, não poderia faltar o processo de *Mise en abîme* na construção do conto *Foi naquele dia*. *Mise en abîme* é um termo em francês que significa "cair no abismo", usado pela primeira vez por André Gide ao falar sobre as narrativas que contêm outras narrativas dentro de si. O *mise en abîme* favorece, assim, um fenômeno de encaixe na sintaxe narrativa, ou seja, de inscrição de uma micro-narrativa noutra englobante, a qual, normalmente, arrasta consigo o confronto entre níveis narrativos.

Muito poderia ser dito sobre a teoria desse processo. Mas o mais importante, aqui, era que eu queria contar uma experiência pessoal de forma literária. Voltando no tempo, quando da época do questionário respondido para me inscrever na Oficina, fui perguntada quais eram meus autores preferidos e quais as razões. Para além de Clarice Lispector, cujo fazer literário me atrai, me veio à cabeça Cíntia Moscovich, mas especificamente a novela *Duas Iguais*¹⁶, cuja leitura trouxe à tona toda a inquietação que me é peculiar desde o nascimento, e que se traduziu na expressão da minha literatura. Ao término da leitura daquela novela, tive a impressão de que aquele livro tinha sido escrito para mim, além de ter me encantado pela linguagem e profundidade da referida autora.

Então, ao iniciar meu conto situando-o no tempo "Naquele onze de abril, ela acordara na maior adrenalina", eu precisava fazer valer os princípios de especificidade e credibilidade, sem esquecer de que deveria cair no vácuo, ou melhor, mergulhar nas profundezas de emoções represadas durante tanto tempo. Em outras palavras, o texto ficcional deveria ser invadido pela reflexão e pelo depoimento numa hibridização que conduziria ao *mise en abîme*. Nesta

¹⁶ MOSCOVICH, Cíntia. *Duas Iguais*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

zona fronteira, o limite entre a ficção e a realidade é tão tênue, que uma se deixa atravessar pela outra. Misto de ficção, memorialismo e auto-biografia, eu deveria equilibrar-me no abismo sem me deixar tragar.

Por essa razão, resolvi optar por colocar, ao final do meu conto, um trecho de *Duas Iguais*, com a finalidade que os dois textos se cruzassem e deixassem no leitor a mesma sensação de incompletude, de urgência nas relações humanas.

Foi naquele dia que escrevi, então, um conto belo, sensível e apaixonado da primeira à última linha. Trata-se de um vazio patético: o temor ao ridículo, as pequenas misérias do cotidiano, tudo para preencher uma ausência. Afinal, precisamos, os escritores, recuperar o humano em nossos escritos, as emoções, os abalos da sensibilidade. Eu ando cansada do cinismo de nossos dias.

De qualquer maneira, para além da emoção à flor da pele, meus contos refletem o trabalho intensivo que desenvolvi com o professor Assis Brasil e em comunhão com mais outros catorze participantes, que jamais se imiscuíram de analisar e criticar cada um de meus textos, sempre na intenção, com base em toda teoria exposta, de definir se consegui realizar minha tarefa a contento.

3 CONSERTOS DE OFICINA

Como já foi exposto, ao longo da oficina, semanalmente era oferecida uma nova técnica narrativa a ser experimentada (tema livre, estrutura circular, inícios de narrativas, finais de narrativas, estrutura *in media res*, mise en abyme – plágio, pastiche, paródia, duplicação de personagem, paralelismo, entre outras). Os contos presentes nesse trabalho são frutos dessas construções, sempre tão prazerosas e ao mesmo tempo trabalhosas.

São *consertos de oficina*, e não poderia ser diferente. Aprende-se na Oficina de criação literária da PUCRS, que deve-se aprender a ser artesão, que isso não impedirá ninguém de ser um gênio. Ainda que não seja essa a minha proposta, a frase é apropriada, pois é preciso apreender as técnicas indispensáveis a qualquer ofício, e no trabalho de lapidação do conto não seria diferente.

Tudo que se pensava ser sabido e pronto caiu por terra. É como se existisse um antes e um depois da oficina no processo de criação literária. E mesmo que a linha seja invisível, certamente houve muitas mudanças. O processo de escritura, descanso do texto, releitura, corte e reescritura foram imprescindíveis no meu aprimoramento como escritora. Além de tudo, na literatura persistência e determinação contam muito, e a primeira impressão nunca é a melhor saída para o escritor. Se o ofício de escrever é “sangue, suor e lágrimas”, como alguém disse uma vez, a inspiração é algo que será mais profícua quanto maior o processo de escrita.

Consertos de oficina é a formatação de ideias trabalhadas sistematicamente com tudo que foi aprendido até aqui, tanto emocional quanto racionalmente. Esse trabalho árduo, na verdade, é uma doce peregrinação em busca de um caminho e lugar no mundo. Mas é um dia de cada vez, sem parar jamais,

sabendo que o melhor está por vir, O resto, assim como no conto, é excesso de texto e não cabe aqui.

O Romanceiro

Fazia cinco meses que eu brincava de andarilho. Cheguei a Remiremont, uma pequena cidade ao norte da França, em dezembro, e o inverno era mais insuportável do que na minha terra. A curiosidade em relação à origem de meus antepassados me fizera empenhar as economias. Após visitar os pontos turísticos, resolvi me abrigar. O luminoso na calçada, no qual faltavam duas letras, me atraiu. Talvez eu pudesse me encontrar.

Na adolescência, conhecer Teresa fora o prenúncio da felicidade. Eu crescera com a deformação da insegurança. Para mim, a salvação viria através de outro ser humano, mas demorei a encontrá-lo. Já se iam arrastados dezesseis anos, quando Deus me enviou o primeiro sinal. Ela me pediu os cadernos, no pátio da escola, e esbocei o primeiro romance.

Sacudi as lembranças e entrei. Silêncio e penumbra. Nas prateleiras, uma bebida com um líquido amarelado despertou a curiosidade. Achei a mistura interessante e pedi uma igual ao homem no balcão. Havia poucas pessoas, e decidi não sentar. Não definia o local em que me encontrava. Taberna ou café, nomenclaturas não importavam. Botequim que se preza só serve para jogar conversa fora e diminuir a angústia.

O tempo não amenizara a dor. A fantasia juvenil não acabara bem. As imposições da vida nômade, a que meu pai nos submetia, encerraram antes do tempo a relação com Teresa. Para lá e para cá, me vi sozinho na idade adulta. Nada servira de paliativo. De permanente, só um oco por dentro.

As lembranças eram insuportáveis, mas o primeiro gole causou a sensação de que todos os meus problemas eram ínfimos perante as desgraças do mundo. Pedi uma segunda dose, e achei minha vida melhor que o cenário decadente. Pensei onde andaria Judite, aquela vaca, enquanto levantava o braço e sinalizava outro anestésico.

Mesmo incrédulo, eu procurara o amor. Da segunda vez, Deus também enviou sinais. Estúpido e urgente, não me ative às evidências de um novo golpe, e certo. O beijo de Judite me fez crer que tudo o mais seria enlouquecedor.

Depois de vários copos, observei melhor o velho sentado à mesa. Outro abandonado pela mulher? O que mais levaria um homem àquela degradação? Com pena, me aproximei cambaleante. Seu nome era René, e há duas décadas freqüentava o local. Não se lembrava da fisionomia da falecida esposa. Bebia para preencher o vazio. Decidi que pequenas doses não eram apropriadas para tanta solidão. Fiz um gesto largo ao dono do café.

A mesma falta de parcimônia de Judite. Ah, que mulher! Com ela eu tivera tudo. Infinitas horas de prazer e pratos apetitosos para garantir a tesão; minha e de toda a vizinhança.

O ocaso do amor. Assim terminaram as minhas incursões amorosas. Quando as luzes se apagaram, saímos abraçados, nós quatro. Eu, René, a garrafa de bagaço e uma fé recém-descoberta na vida.

O estupro

Não, não iria morrer naquela noite, pensou Leila, num lampejo da realidade lá fora, e que ela sempre desperdiçara. Ironia do destino se perdesse a vida aos dezoito anos, no dia do aniversário de sua mãe. Engraçado pensar na família naquela hora; fazia tempo que só o que contava era o próprio umbigo. Tinha de se render: também ela se apegava aos instintos de preservação da espécie. Mais do que isso, se reconhecia até humana, fragilizada, e com um medo lancinante. Longe de ser força de expressão. Tudo em volta era dor.

Era preciso um grande esforço para não perder a sanidade. Desesperada, revivia todos os seus passos. Não bastava saber o que fizera desde que saíra de casa, importante era atinar a tempo como se metera naquele tipo de vida. Culpa das más companhias. A figura do pai agigantava-se ao proferir tais sermões. E, no entanto, ele estivera sempre certo.

Começara como uma das inúmeras sextas-feiras impossíveis de se ficar em casa, mesmo sem um grande acontecimento para celebrar. Mentira, houvera um diferencial: suas ações foram oriundas de uma teimosia infantil, seguida de uma contrariedade ridícula. Seu amor não estava disponível, e por isso aceitara a companhia do panaca do Rômulo, que agora se encontrava desmaiado a poucos metros, e nada fizera para impedir a tragédia que se desenrolava. Ao contrário, fora de sua cabeça “brilhante” idéia tão estúpida. E ela, em igual demência, acatara.

Para que se penitenciar tanto, que mal havia numa saidinha? Afinal, era só uma cervejinha. Tarde demais percebia que todas as loucuras começavam com um diminutivo. E depois, como agora, o revés do clímax, sufixos que tornavam qualquer tragédia grega um acontecimento light. Escuridão. Confusão. Aversão.

Sempre pensara na palavra nojo como a sensação que antecede o vômito de um porre homérico. Algo passageiro, e algumas horas de repouso remetiam ao esquecimento. Não estava vivenciando um episódio nojento. Se Deus lhe concedesse a graça de ver o nascer do sol, carregaria aquela mágoa, e viveria numa ressaca sem fim.

Deus. Quanta heresia! De que adiantara tantas missas, novenas e encontros de jovens? Apreendera alguma coisa no seu íntimo? Praticara sequer um dos princípios cristãos? Balela. Sua fé era de merda, e nela estava atolada. Podia gritar à vontade. A intervenção divina não interromperia ato tão desumano.

De repente, todos os sonhos destruídos. Acaso não lia os jornais, não tinha noção da violência urbana? Qualquer pessoa sabia que buscar fumo em morro, tão tarde da madrugada, não podia dar em boa coisa. Apostara na onipotência da juventude e no favorecimento de seus deuses pessoais. Definitivamente, a astrologia não conspirava a seu favor.

Tudo culpa do Rômulo. Sim, porque jovem tinha disso: a culpa sempre era do outro. E aquele babaca merecia mesmo levar o crédito, que tinha um toque de deboche: naquela roubada, a atriz principal era ela. Mais uma vez lembrou do pai. Ah, se tivesse lhe dado ouvidos, não estaria em situação de risco, tendo por testemunha a lua e um maricas desacordado. Aquele bobalhão a tinha convencido (sem muita dificuldade) de que seria uma boa fumarem mais um baseado. Não lhe passou pela cabeça dizer que estava legal. A boa e velha Leila sempre agüentava altas doses, e botava qualquer estatística sobre superioridade masculina no chinelo.

Lépidos e faceiros, adentraram no cenário do dia mais infeliz da sua história. Sem possibilidade de dar errado, esperou ao pé da escada. Demora amenizada pelo acender e tragar de consecutivos cigarros. Recordava agora a cara de felicidade de Rômulo ao descer com o crioulo mal encarado, de pouca conversa e ordens rápidas. O negócio não podia ser feito ali, seria preciso

caminhar um pouco, ele indicava o caminho. Três grandes amigos em uma confraternização.

Uma quantidade de filmes policiais não a prepararam para a rapidez com que o crioulo sacou do revólver. Assalto. Outros gêneros cinematográficos se sucederam. Drama e muito suspense. Começava o terror. E a mulher descolada deu lugar a um bebê, querendo colo de mãe mais do que tudo. Entretanto, não havia espaço para a ternura, e nem nada a fazer. Em choque, capitulou.

A morte começava a mostrar a sua feição. Foi o momento em que mais desejou ter um homem a seu lado, mas já a bicha estava sendo amarrada em meio a muitos faniquitos e um desmaiar apocalíptico. “Ora direis ouvir estrelas, decerto perdeste o senso...” Finalmente soube: o assalto era só um aperitivo! Seria a protagonista de um estupro, e de heroína não tinha nada.

Difícil descrever as atrocidades a que foi submetida. Todas as suas convicções caíam uma a uma. Pensava conhecer o mundo e percebia que a ela havia sido concedida a dádiva de ignorar o sofrimento. Achava que era entendida nas coisas do coração e uma deusa do sexo, e surpreendia-se com sua inocência. Teve de admitir seu total despreparo para enfrentar adversidades. O que entendia de sexo? Dobrava-se perante a farsa que construía. Ela era um engodo. Debaixo da superfície, sobrava uma menina tímida e insegura, incapaz de deixar os outros perceberem quando desconhecia algum assunto. Por isso a paixão pela literatura. Estava tudo lá, sem a necessidade de indagações. Assim fizera a construção do seu conhecimento. E a ninguém permitiu saber que o sexo entrara em sua vida de maneira similar, por dedução.

Mas não, não iria morrer naquela noite, ainda que não sentisse boa parte do corpo, e mesmo que as forças lhe faltassem. Um atavismo irracional a mantinha acordada, talvez para assimilar melhor as lições em que a literatura deixara lacunas. Precisava pensar, e rápido. O filho da puta a obrigava aos mais variados tipos de sexo. O pior de tudo era que aquilo não tinha fim, o animal

não se saciava nunca, não gozava e emputecia por isso. Ao povo, pão e circo. Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá. Lembrou-se de Tininha, a melhor amiga, e de seu famoso bordão: “acorda, Alice!”

Até no limiar da morte não deixava de ser irônica. Talvez fosse castigo. E por acaso ela acreditava nisso? Seus únicos credos eram as farras dos fins de semana e as noites em motéis com seu amor. Mas, se lhe faltava a fé, lhe sobrava o desejo de vingança. Confiar e esperar. Não era Cristo para oferecer a outra face. Ele pagaria em progressão geométrica.

Começou a conversar com o seu algoz. Ivan, o terrível. Estava bom, não estava faltando nada, o que ela poderia fazer para lhe agradar? O cinismo seria um aliado na batalha. “Ai, amor, goza, vai...” O cretino começou a entrar no jogo e baixou a guarda. Que mal tinha em fingir que estava gostando, por acaso um monte de mulheres não faziam o mesmo, tendo como abono uma certidão de casamento? Sua causa era mais nobre. Soberba. Defeitos que por ora lhe garantiam a sobrevivência.

O xeque-mate foi cuidadosamente estudado. Naquela hora todo vestígio de humanidade se apagara. “Paixão, precisa essa arma pra gente transar, assim eu fico sem movimentos, confia em mim!” Avaliou o terreno nos mínimos detalhes. A miopia desaparecera. Enxergava longe, muito longe, além da vida. A linha era irrisória, mas ridícula mesmo era a ingenuidade de seu oponente.

Estavam bem acima da rua, próximos a um muro. O mato tomava conta do local. Podia ouvir o movimento dos carros não muito distantes. Recuou enroscada no seu amante, que a essa altura se achava o próprio, e o convenceu a largar a arma. Não tinha feito teatro em vão. Mesmo sem premiação ou holofotes, aplausos ecoariam.

E junto, a lucidez. Com um pontapé, atirou a arma na rua. E partiu para cima dele, que era o dobro do seu tamanho. Não importava. Aquela guerra estava ganha, desde que decidira que voltaria para casa viva, e a tempo de abraçar sua mãe. A primeira coisa que agarrou foi um tijolo quebrado.

Prontamente o lançou na cabeça de Ivan, o idiota. Perplexo, ele tropeçou. Ela, distribuindo chutes e socos a esmo, conseguiu derrubá-lo. Viu o bloco de concreto, o qual em outras circunstâncias não levantaria. Começou a contagem. Uma, duas, infinitas vezes contra o corpo do monstro, que gritava “Leilinha, o que é isso?” Era a desforra. O monte de carne começou a ficar disforme. As pauladas o atingiam na cabeça, no tórax, nos genitais.

Não sobraria nada. Só ela sairia dali com vida, ainda que multicolor: branca de susto, roxa de raiva e das pancadas, e vermelha de um sangue nojento que não era o seu. Queria, se possível, comer o coração daquele traste. Nada mais se mexia. Ainda não estava satisfeita. Faltava o golpe de mestre. Um souvenir. Foi o que fez num derradeiro golpe. Agora o Ivan virara eunuco.

Completara a chacina. Hora dos detalhes finais. Vestir a roupa. Bater a carteira do elemento. Dinheiro e documentos. Desamarrar Rômulo. Ir embora. Pegou o revólver e viu que era de brinquedo. Começou a rir como uma louca. Estivera o tempo todo sob a mira de uma ameaça parda, mas a cerveja, a maconha e o medo não a deixaram perceber.

Na rua, um amigo de seu irmão passou misteriosamente de carro. Teve de dizer o que acontecera, sem muitos detalhes, não era hora de contar vantagem. Ele a ajudou a se livrar da arma. Um simples arremesso pela janela. O episódio tinha de ser encerrado, se quisesse continuar a viver sem culpa e sem medo. Era muito jovem, decerto riria daquilo tudo no futuro; não era o que diziam os mais velhos?

Agradeceu a carona, passou pela portaria, entrou no elevador e apertou o destino final: vigésimo primeiro andar. Catou as chaves na bolsa, entrou no apartamento e deu de cara com o pai, que a esperava no escuro. Na penumbra, sentia-se segura. Ele não veria naquela noite as marcas de sua insanidade. “A mãe tá dormindo?” Sim, estava. Poderia lhe dar o abraço. Estava cansada. Deu um boa noite sorrateiro e entrou no quarto. Sim, estava cansada. Deitou-se, acendeu um cigarro e dormiu. O fim de semana prometia.

Foi naquele dia

*Conto em homenagem à Cíntia Moscovich,
peça fundamental do mosaico literário que me compõe.*

Naquele onze de abril, ela acordara na maior adrenalina. Tantas coisas a fazer! Sem pensar em produção visual, buscou seu carro, que era o passaporte para o paraíso que se aproximava. Tensão (ou tesão) no ar.

Cortara os cabelos na véspera; não lhe caíam bem as mechas de um tom louro desbotado, fruto do verão anterior. Faltava dar um trato nas unhas. Em uma tentativa complicada, parara de roê-las nas últimas semanas. Coisas de mulher, mesmo que insegura ao extremo.

TRIMMMM! “Ah, meu Deus, é ela, pensou, e agora?” Apesar do medo, conseguiu demonstrar tranqüilidade e dar a entender que estava de saída. Atirou umas roupas na sacola e se mandou, esquecendo coisas básicas como escova e pasta de dente. Achar o hotel foi fácil, deixar de fazer pose de bem-resolvida é que foi o bicho. E se ela estivesse espiando pela janela?

“Não, não olha pra cima, fica fria!” A seqüência foi normal: registro, informativo do quarto e, sem mais delongas, subir. O inusitado. De cara é tudo tão difícil! Vontade de tomar um traguinho. O jeito era engolir a emoção. Tocou a campainha. “Não quero nem ver...”.

Em um flash, a constatação de que a foto e o ao vivo não correspondiam. Havia se preparado para não se enganar por primeiras impressões ou impactos físicos. O que mais importava era conferir se a cumplicidade dos papos ao telefone bateria, mas era preciso um gesto, uma palavra, qualquer pontapé inicial.

O primeiro abraço, pra lá de desengonçado, foi patético. Sentiu-se a última das mulheres. Não dava para fugir das perguntas de rotina “fez boa viagem, que calor horrível!”, coisas que se diz na falta de textos mais densos. Em meio a um total travamento, a inquietação era visível com tantas trocas de posição, e a conversa saía em espasmos.

Salvou-se por um instinto básico: a fome. Saíram para uma volta de carro, uma verdadeira cruzada sem direção pela cidade, até parar no McDonald’s da Ipiranga. “Os meus gestos estão me traindo, ela vai me achar uma idiota, não vai ter jeito”.

De volta ao hotel sentiu-se de novo encurralada. Tantas coisas que tinha imaginado e desejado fazer, mas se não tomassem a iniciativa não iriam rolar. Um convite para uma massagem interrompeu o sufoco. Em parte, pois tinha medo de estremecer ao menor contato daquelas mãos.

O poder curativo do toque. O milagre de ainda se arrepiar. A vontade de abrir a boca e gritar “não pára!” Mas fazer fiasco? Nem pensar! Tudo, menos pagar um mico daqueles.

Na hora de dormir, mesmo morrendo de vontade de ficar perto, não se abalou. Antes passar uma atitude de indiferença do que revelar tanta carência. De novo foi salva pela intervenção alheia, e respondeu ao chamado para deitar juntinho. “É agora”, pensamentos de uma mente suja, acostumada só ao sexo. Que nada, apenas um abraço fantástico. Quis partir para o ataque, mas de novo engasgou na insegurança, na indecisão, na falta de ousadia para arriscar.

Como esperara por aquele abraço estilo conchinha, com toda a proteção do mundo, se é que existia outro lá fora. Curtiu o momento e dormiu sem neuras ou tristezas. Pressentiu a dificuldade de viver depois daquela benção, contudo não se importou quando trocaram de cama, estava em sincronia com o universo. A felicidade estava ali, ao alcance do olho.

Acordou com fome de vida. Fez todos os barulhos que lhe eram peculiares, e desceu para comprar os utensílios esquecidos na ânsia de chegar.

O resto da manhã foi de paz, de resgatar as coisas simples: shopping, compras em profusão, conhecer a figura insólita que se apresentava. Almoço. Risadas. Sesta no hotel. E sobre aquilo, a parte tão esperada? Beijar ou não beijar? Esperar? Mais? Dali a pouco seria sábado. Depois de muito papo rolou, e a imbecil pensando se o beijo passaria na aprovação. Fazia diferença? Não estava sendo pra lá de bom? Não era só relaxar?

Então, a bomba. Desfez-se a ilusão. Que não esperasse sexo, pois não iria acontecer. Mas que merda! Era isso, assim direto? Pra que se abalar de São Paulo? Sentiu-se uma besta. Aumentou a convicção de que não tinha nenhum atrativo. Estava morta para a humanidade. Perdera o poder da sedução. Ninguém a amava.

Começou a agir como criança emburrada. “Eu posso passar sem, não morri até aqui, até é melhor, pra que sonhar em vão, o amor é uma grande bobagem, as pessoas não ligam mais pra isso, só a bobalhona aqui ainda acredita em sentimentos”. A outra parte, indignada com tanto silêncio, resolveu pôr fim ao drama tomando um Lexotan.

Mas quem foi que disse que dormiria engasgada, se tinha o costume de dar sempre a última palavra? Desembestou a proferir um dos seus intermináveis discursos, tentando convencer a si mesma que estava com a razão. Como a toda ação corresponde uma reação, a outra não dormiu, mas também não estava mais em pleno gozo de suas faculdades mentais. Retrucou com a autoridade de quem também não estava satisfeita. Esgotadas as possibilidades de um sono tranquilo, e de forma contraditória à fala de “não estou preparada para isso”, colocou um fim naquela angústia com um beijo.

Não ficou só nisso. “Graças a Deus”, foi o primeiro pensamento, ainda que herege e fora de hora. Excitada, não saberia descrever o que aconteceu primeiro. Não, não era sonho. Era bem real e não eram as suas mãos que percorriam seu corpo, como acontecia nos últimos meses, numa seqüência de

embates solitários, de masturbação ao extremo, numa tentativa de aplacar a fúria. Raiva misturada com a lembrança de um desejo distante.

Outro ser humano lhe proporcionava as mesmas sensações. Que estava toda molhada não havia dúvida. Queria prender durante horas a mão por entre suas pernas. A vontade de gritar era infinita. Tinha que se controlar. Era algo muito difícil, há nove meses ninguém se atrevia a tocá-la daquele modo. Entretanto, os gemidos não havia como calar, era uma velha mania, essa de traduzir seu prazer em sucessivos ais.

Vários toques fascinantes: os arrepios nos seios, a dança dos quadris; enfim... Será que ela iria perguntar se estava tri, se tinha chegado lá? Aonde iria enfiar a cara? Se estivesse solta, essa pergunta seria desnecessária, sabia onde queria enterrar boca e mãos. Havia dito que adorava sexo oral? Bem capaz que diria tamanhas bandalheiras! E, no entanto, essa parte gustativa sempre falara mais alto. Desaprendera a amar? Sua capacidade intuitiva desaparecera?

Minutos se passaram nessa volta à vida, mas se fosse por ela não pararia nunca. Ali estava de novo a insaciável. Orgasmos se sucediam e queria mais, o renascer do fogo ariano, ainda que camuflado por comedimentos. Aos poucos desacelerou, em obediência aos comandos da mulher que já amava. Aceitou o convite para dormir e foi o sono dos justos, o repouso dos deuses, o abate concretizado.

Pela manhã saiu às pressas, sem aviso prévio, à procura de um presente. Era o último dia e tinha de anular seus bloqueios. Haveria de conseguir! Com tantos planos esqueceu-se da hora, e quando voltou sua bela estava acordada. A comunicação e os carinhos entre elas estavam mais fáceis, embora estivessem longe de ser cem por cento ousados e naturais.

Esforçando-se, saíam uns tímidos cafunés. Esquecera o enorme poder que tinha nas mãos, mesmo que de uma maneira diversa. Sabia que sabia devolver a sensação de bem-estar, mas se acostumara a ser sem graça, boba feia e chata, como dizia sua sobrinha ao fazer birra.

Resolveram sair para o derradeiro passeio, dessa vez às margens do rio Guaíba, na Usina do Gasômetro, onde estivera para ir um milhão de vezes mas, devido à costumeira procrastinação, jamais fora.

A vista do terraço era das mais românticas. Esqueceu-se da vergonha de se pegar assim, enamorada em público com alguém do mesmo sexo. Nada mais importava, só a corrida contra o relógio. Aquilo acabaria em breve, e o mundo readquiriria uma tonalidade cinzenta igual à daquele dia que, contrariando tudo, estava radiante, pois era cheio de vida como há muito não sabia ser.

O cenário e o momento eram ideais para se confessar apaixonada. Mas não podia sequer pedi-la em namoro, suplicar que ficasse ou a deixasse ir junto. Calou, jamais lhe diria que o que mais desejava era reter a emoção, voltar a morar com quem gostasse dela, batalhando as dificuldades que surgem. Não diria e não disse.

No almoço, a olhava sem parar, querendo gravar na memória o rosto querido. Assim tristes, fizeram pela última vez o caminho do hotel. Era preciso arrumar as coisas e levantar acampamento. Da mesma maneira mecânica da ida, jogou seus pertences na sacola, e antes que tomasse fôlego foi chamada para um abraço. No meio de tanto carinho, o vulcão quis acordar, mas a outra brincou que ela estava chegando “grandão”, e foi o que bastou para voltar àquela coisa morna, boa também, mas a qual não estava acostumada. Gostava do controle, de fazer do seu jeito. Tudo bem, as mãos de novo no seu corpo, dentro dela, faziam nada mais importar. Quis tirar a roupa, ficar, amá-la infinitamente, mas não dava. Era tempo de partir.

O percurso até o aeroporto foi feito em um segundo. Se era para sofrer, que fosse rápido e sem muita dor. Ainda tinha que lhe dar o presente e o cartão, no qual dizia claramente “eu te amo”. Sim, pois mesmo que ela não quisesse ouvir, talvez não houvesse uma nova oportunidade. *As três palavras que, como o nome de Deus, ninguém deve pronunciar.*

Compraram umas lembrancinhas gaudérias para ela levar para Sampa e sentaram em um café. Não havia mais nada a fazer, só vê-la cruzar o portão de embarque. Na descida da escada rolante lhe fez um carinho furtivo, foi só o que atinou. A outra comentou como tinha sido difícil aquele gesto. Também estivera a esperar inúmeras coisas que não foram sequer ditas. Tinham gasto um tempo precioso com cuidados e receios.

Abraçaram-se. Deu vontade de dizer algo. O quê? Melhor deixar como estava. Vai, vai com Deus. Com quem mais? *Um pouco mais e teria ficado, teria bastado um pouco mais.* Não olhou para trás. Quis sair correndo, mas manteve o passo firme e o cigarro nos queixos. Sucedeu-se o inevitável: o abrir da porta do carro, o olhar para o céu, sair em disparada pela estrada, de volta ao lar, qualquer coisa que fosse um referencial, pois conhecera o amor, o carinho, a atenção, o sexo, tudo numa rapidez que só quem está à beira da morte conhece. Escapara-lhe outra vez das mãos e teria de conviver com isso. Sabia agora que era capaz de amar. Fácil, extremamente fácil. Por que então continuava só? Quem vivesse veria.

E o que aconteceu, o que aconteceu então? Pois ora se tem cabimento que as coisas se acabem. E quando elas acabam, se é que acabam, para onde vão? Para onde vão todas as coisas? Meu Deus, para onde? Pois não era isso, esta alteração entre sentidos e siso, ela mesma a promessa da eternidade? E não era isso, essa sofisticação doente dos sentidos, essa patologia cobiçada a única conclusão possível de tantas quantas podia ocorrer? E acabou, havia acabado, passado pretérito, acabara a paixão entre nós? Fim para todo o sempre, o eterno com os dias contados. Nessa história, não cabia o “foram felizes para sempre”. Para sempre não existe. Muito tempo, periclitante tempo. Mas ela deveria ter dito pessoalmente o “eu te amo”.

Nem todas as mães são de maio

Lucas abre a porta de casa, joga a mochila no sofá e chama pela mãe. As luzes estão apagadas, a televisão desligada e não há sinais dela. A persiana bate contra a janela por causa do vento. Entra na cozinha e percebe que a louça do almoço ainda está suja, empilhada sobre a pia. Caminha assustado até a ala dos quartos, mas também não a encontra. Chama novamente pela mãe enquanto volta para a cozinha, procurando algum bilhete. Não há ninguém em casa.

Começa a tremer. Sabia que a profecias estava a se cumprir. Daquela maldição ninguém escapava. Três gerações de Gomes Carneiro haviam sucumbido à lenda. Lucas bem que tentara fugir da má sorte, empenhando-se com esmero nas lidas quotidianas, estudando de sol a sol. Mas sabia.

Desiste de procurar. Sem pistas do rumo dos acontecimentos. O remorso e o medo começam a rondar seus pensamentos. Dissera alguma coisa imprópria?

Deveria ter ficado atento aos sinais. Não eram em vão as conversas do vô Artur sobre os desaparecimentos sem explicação. Também ele passara por situação semelhante. Lucas não dera bola. As últimas palavras, no leito de morte, foram de indagação, de procura por uma lógica inexistente nas relações humanas.

Senta-se na beira da cama da mãe. Percebe que o lençol está manchado de uma umidade recente. Conhece a maldição, mas não consegue entender. Deus não é maior do que tudo, e capaz de reverter o destino da humanidade?

A verdade é que de nada adiantara ser o melhor. A mãe, corpo encurvado e olhar distante, figura muito próxima da sua idealização de bruxa (mas das boas), dia após dia levava a alma para passear em outra freguesia.

Precisa perdoá-la. Ninguém é de ninguém. Se os filhos são do mundo, as mães também devem ser. Mas, ao contrário do que se ouve, o amor dói, machuca e deixa marcas irreversíveis.

O que sabia sobre a mãe, naquela repetição ritualística ao longo dos anos? A eterna rotina trivial: bom dia, banho, café, escola, banho, janta, televisão e cama. Arroz com feijão de segunda a sexta.

Abre a estante da sala e pega o álbum familiar. Muitas lacunas na história, espaços onde antes houvera retratos das mulheres da família. Não conhecia sequer a fisionomia da tata, da bisa ou mesmo da avó. Tinham vindo ao mundo para cumprir a função reprodutora, e semear a desgraça entre os homens. Sadias nas ancas, eram desprovidas de sentimentos e, cumprido o ciclo – que variava entre meses ou anos, conforme a patologia de cada uma delas – desmanchavam-se no ar.

Rainhas mortas e postas. Nunca mais se ouvia falar nelas. Ao marido-viúvo tocava a tarefa da criação, mas o trauma era tamanho que com este não se podia muito contar.

Lucas retira a fotografia da mãe, rasga em pedacinhos e apanha a mochila. Muita lição de casa o espera. Enquanto se perde nas contas, o tempo passa. A última coisa que lembra, antes de pegar no sono, é de deixar a luz acesa. O pai ia precisar.

Véspera da paixão

Conto dedicado a Mônica Castro

Eu e minha mania de voltar. Incansável bumerangue a recuperar as emoções. Ou pelo menos fazê-las durar. Foi assim que entrei na sala repleta de homens e mulheres ruidosos. Sentei-me à parte com a costumeira dissonância. Desconfiada, sequer olhei para os lados, mas o seu sorriso entrava pelas veias entupidas e uma lágrima boba insistia em me trair.

Nas duas horas em que permaneci atônita, soube que tinha uma aliada. O seu olhar investigativo era a promessa de que talvez houvesse luz no fim do túnel, ou melhor, arco-íris não só depois da chuva. A vida poderia me ser.

Meus pensamentos vislumbravam uma profusão de dias melhores, na medida em que cada um falava. Sim, havia cura. Sete minutos seriam insuficientes para descrever a morbidez que eu me impusera, mas estava disposta a tentar. Birrentas, desmancha-prazeres, as palavras desciam pelo esôfago numa velocidade que impedia qualquer sistema de comunicação.

Você veio em meu socorro. Sou capaz, ainda hoje, de sentir sua mão a incentivar minha fala como quem diz “não pára!” Se desistisse de mim ali, eu nunca alçaria vôo. Teria sido, como todo mortal, a inabalável ave a ciscar, e muitas vezes em terreno alheio. Ou a eterna menina, um ser feito para amar, até se tornar moça e haver os homens.

A revolução que se projetava em mim era inevitável, e foi por isso que numa timidez cheia de fúria ergui o braço e pedia a palavra. O travamento quis surgir sob a forma de dormência na língua, tantos olhos a esperar por respostas seculares, mas já não havia retorno e só me restava regurgitar.

Como te explicar: eis que de repente aquele mundo inteiro que eu era crispava-se de cansaço, eu não suportava mais carregar nos ombros –o quê? – e sucumbia a uma tensão que eu não sabia que sempre fora minha. Já estava havendo então, e eu ainda não

sabia, os primeiros sinais em mim de desabamento de cavernas calcárias subterrâneas, que ruíam sob o peso de camadas arqueológicas estratificadas – e o peso do primeiro desabamento abaixava os cantos de minha boca, me deixava de braços caídos. O que me acontecia? Nunca saberei entender mas há de haver quem entenda. E é em mim que tenho de criar esse alguém que entenderá.

De modo que fazia sentido o bordão repetido como um mantra. Primeiro eu, segundo eu, terceiro eu. Nas minhas andanças, só sentimentos adoecidos me perpassavam, pobre cavaleira ensandecida das mais insólitas aventuras! Precisava aprender a me amar. Mas como fazê-lo, se eu era um objeto não identificável? Aonde buscar estima num corpo feito tão-somente de padecimento e erosão?

Infinitos os minutos da minha penitência. Setenta vezes sete. O quanto fosse preciso para a remissão. Uma vez exposta a baderna, os problemas desapareciam. Na exteriorização dos erros, eu me purgava. Ao ouvir opiniões contrárias, eu crescia. No diálogo com os clones só se multiplicavam os vícios, jamais as virtudes, e eu ansiava pela perfeição. Eis o mistério da fé: a repetição não era só a mãe da ignorância. Eu era, enfim, uma iniciada. À sua imagem e semelhança.

Com ela eu tinha finalmente uma coisa parecida. Uma coisa fundamental. Ela era alguém que me olhava nos olhos, e nesse olhar estava o segredo que compartilhávamos. Um segredo que só existe pela cumplicidade de sabê-lo, como todos os segredos de família. Ela afastava de mim o temor de enlouquecer só porque aquilo que eu sentia ainda não tinha nome. E me encorajava a ser o que era, a gostar de sê-lo. Assumia a minha estranheza, apontava-me a beleza que havia nela, e sobretudo, cercava-a de dignidade. O resto do mundo que ficasse atônito se eu era um daqueles que matam para florescer.

* As passagens em itálico são respectivamente de Clarice Lispector e Adriana Lunardi.

Tão longe, tão perto

Era para ser um início de férias normal. Porque fora pegar a filha Débora justo na saída da escola? As professoras, simpáticas por ofício, acenavam. E ele, apoiado ao carro no melhor estilo galã, sentiu-se em casa. A confiança aumentou quando Marina, com o mesmo ar jovial, saiu cercada por um grupo de alunos.

Havia razões para ali estar, e não era a filha vindo ao seu encontro. As lembranças. A realidade monótona. E, principalmente, a ausência de Marina no ônibus das terças-feiras, às 18h15 min. Podia até não tocá-la, mas a visão etérea era tão ou mais vital que o ar.

A fugacidade daqueles momentos renovava a existência, mesmo que ao voltar para casa o abraço recebido fosse de outras mãos. Se por um lado formara uma família, não existia a paixão necessária para valer a pena. Distraía-se com as novidades das crianças, apreciava algum prato especial, mas no escuro do quarto desejava outro lugar.

Marina passou por ele e o cumprimentou por obrigação, o profissionalismo a falar mais alto. Se a emoção habitava aquele corpo, ela escondia muito bem. Convencido que a indiferença era um indício de amor, colocou Débora no carro e saiu triunfante. Nem tudo estava perdido.

.....

Márcia esperava impaciente no portão. O bebê no colo chorava, e ela o sacudia para diminuir a própria ansiedade. Sempre a mesma tortura.

Solidão. Casara-se na esperança de amenizar o desânimo e a inabilidade em viver. Quando Fabiano aparecera, ela correria a pagar a promessa a Santo Antônio, que há anos vivia de cabeça para baixo dentro de uma bota velha.

O marido a fazia feliz: a geladeira sempre cheia, e os quilos aumentando na proporção do desespero. Toda a vizinhança comentava o quanto ele era amado, com a esposa a lhe esperar no regresso do trabalho. Santa ignorância!

O ônibus que trazia Fabiano dobrou a esquina. Márcia passou um batom. Caminhou até a parada, beijou o marido e lhe entregou a criança. Enquanto ele brincava com o filho, ela acompanhou, com dor no coração e o olhar perdido no tempo, a mulher que desembarcou logo atrás. A jovem senhora, antes de entrar na casa defronte a sua, abanou para os seus alunos.

O verdadeiro permanece

Eu não tinha a menor idéia do que dizer. Talvez, de novo, que *eu daria tudo pra não ver você chateada, mas que não posso fazer nada, não sou deus nem sou senhor*. A lenha do nosso amor fora insuficiente para manter acesa a chama. Confirmando as suas previsões de cigana, havíamos nos afastado. Ao ampliar a amizade, a paixão tornara-se insustentável.

Têm sido difíceis os meus dias. Em busca de um significado para a existência, procuro um novo lugar para morar. Entro em sites imobiliários, leio com sofreguidão os classificados de domingo, peço ajuda aos novos companheiros. Qualquer cantinho serve, desde que perto das novas ocupações. Às vezes acho que um JK resolveria, tão pouco o mobiliário. Lembro de todas as mazelas. Espaço tão ínfimo não as abrigariam.

Ando confusa e obcecada. É preciso flexibilizar o pensamento. Tenho raiva e saudade (*o que eu não faço em tua companhia?*), mas devo me livrar dessa carga. Formar opinião é parar no tempo, e ele é dinâmico. Um dínamo que te levou sem eu perceber. E que também não permite o aquietamento.

De vez em quando algum corretor acena com um imóvel bom bonito e barato, conforme alardeei aos interessados, mas continuo na busca. O tempo, em seu viés, se tornou exigente. Segue a seqüência de dias arrastados e iguais, mas como quem busca a melodia perfeita, a descoberta da cura de uma doença rara, o encontro com o Santo Graal. Parece desconhecer missões impossíveis ou memórias distantes.

Há quase trinta anos, tudo era mais simples. O cérebro não era um documental, e não havia razões para se arrepender. Na ânsia do primeiro amor valia tudo, até cabana sem calefação. Nas noites quentes do Rio, a solução encontrada – arranjos universitários – fora pensão na Rua do Ouvidor. Ali, mulheres de todas as raças e idades dividiam o mesmo espaço depois das vinte

e três horas. Durante o dia, eram operárias, domésticas, balconistas. À noite faziam um extra a divertir os homens da classe média. Eu não me importava com o estabelecimento de fachada, a vivência me ensinou a diferenciar caráter de ocupação. Tanto assim que até prestava alguns dos serviços que constavam da lista. Entretanto, na tabela de preços daquela casa, um tinha valor infinito: a amizade.

Foi assim que me aproximei de Ivete, a mais moça das meninas. Ela era um azougue, e me encantava com o jeito simples do interior, misto de timidez com desejos de vôos mais altos. Nas noites em que a clientela era fraca e a saudade de casa cortante, dividíamos a cama e os sonhos não remunerados. Mas sabíamos, a cada abraço, que aquele momento era um eterno prenúncio de adeus. No silêncio, aprendemos uma com a outra. Só no olhar.

Até o dia em que, num golpe de vista, Ivete levantou a carteira de um coronel reformado do Exército, e desapareceu durante a noite. Todos sentiram a falta, mas a concorrência era grande, e logo sua vaga foi ocupada.

Nos muitos anos que se passaram, infinitos foram os dias em que a culpa me torturou. Nada fiz para descobrir seu paradeiro e, no entanto, aquilo sim fora amor. Na época, contudo, eu não sabia disso, e achava que tal relacionamento comprometeria meu futuro.

Continuei meus estudos, fiz muitas viagens, prestei outros serviços, mas sempre num desapego. Nunca mais encontrei aquela afinidade ímpar. Sobrevivi, e no passar dos anos os sentimentos ficaram desimportantes. Incomodavam, mas havia paliativos.

A letra inconfundível, na carta embaixo da porta, trouxe o inenarrável de volta. Nem fora preciso o milagre da internet. Ela me achara. E não havia ódio nem sentimentos mesquinhos. Ao contrário, só perdão. Alguns anos na prisão e outros tantos de degredo da alma tinham-na feito refletir. Só o amor salva, dizia-me.

Olhei o envelope. Era de um endereço no centro, bem no coração, meu e da cidade. O preço a pagar era acessível e preenchia os requisitos. Mas o que me atraiu foi o timbre do papel: *Ivete e cia – pensão familiar*. Entendi o recado. Naquela hora parei de brigar com o destino.

* As partes em itálico foram tiradas de letras de música de Zeca Baleiro

Amor bandido

Conhecera-a num bar. Desde logo soube que sua vida ficaria complicada. Não poderia imaginar, porém, que tudo resultaria num homicídio. Mesmo agora, decorrido um ano da morte de Marta, podia sentir sua presença. Entretanto, o convite para a missa no jornal destruía qualquer ilusão.

Enquanto tomava outro Valium, Maurício reportou-se ao outono passado. No casamento com Joana o desgaste era óbvio e o fim da relação iminente. A alegria constante da esposa o irritava. O simples bom dia no café da manhã implicava numa felicidade que ele não sentia. Numa noite de vento e chuva, cansado das agruras do matrimônio, fora ao Sacada's tomar um uísque.

O bar era o preferido para fugir da rotina. O lugar ideal para encontrar amigos sem nomes e cantarolar a decadência no videokê. Naquela noite, acabara de tirar a nota máxima com a inspiração de Lulu Santos. O garçom trazia a dose ganha pela performance, quando a morena entrou sozinha e sentou-se na mesa ao lado.

Não era dado a aventuras extraconjugais, mas a mulher tinha a mesma ausência de brilho no olho, e esse diferencial fez com que se apresentasse. Compartilharam uns aperitivos ouvindo a música e saíram para o apartamento dela. Marta - a descoberta do nome a tornava íntima - o ouviu contar todas as suas mazelas, intervindo a cada meia hora com um menear da cabeça. Essa economia nas palavras o fez tomar a decisão.

Pela manhã despediu-se com a promessa de voltar no fim do dia e preparar o jantar. Do escritório telefonaria a Joana comunicando o término do casamento e a ida do boy para pegar os seus pertences. Na repartição, o dia de trabalho foi atípico. O atendimento ao público o impediu de ligar para a esposa. Às seis horas da tarde, só pensava em passar no supermercado e comprar os

ingredientes necessários à nova investida amorosa. Como sobremesa, mal podia esperar para verificar se o comedimento de Marta estendia-se à cama.

Chegou no novo endereço junto com as primeiras estrelas da noite. Em cima da mesa, um bilhete: “estou no banho”. Uma excitação crescente tomou conta de Maurício. Sentou-se saboreando o momento. Teria tempo de preparar o cenário.

Uma hora depois, à luz de velas e com um cálice de vinho branco, recebeu Marta à mesa. Olhares furtivos confirmavam a sintonia. Maurício conduziu-a pela mão, em silêncio, até o quarto. Ela deixou-se levar, e até o momento de adormecer, um ou outro muxoxo demonstravam algum sinal de emoção.

Ele acordou cedo e foi preparar o café. Pela primeira vez em muitos anos, sentia-se dono da situação. Absorto em seus pensamentos, não ouviu o barulho vindo do quarto. Quando deu por si, Marta vinha pelo corredor, só de calcinhas, extremamente sensual, aos gritos. Chegou perto dele, beijou-lhe a orelha e disse num sussurro:

– Bom dia, meu amor!

Maurício transfigurou-se. Apertou com as duas mãos o pescoço de Marta, e só largou quando ela caiu aos pés dele. Depois de alguns instantes de perplexidade, saiu correndo e apresentou-se à polícia. Foi condenado, mas o júri julgou que ele estava fora de si na hora do crime. Transferiram-no para um Hospital Psiquiátrico, e nunca mais falou a respeito do assunto. Somente agora, quando a enfermeira viera trazer o jornal e outro comprimido, ele se dera conta de que um ano se passara. Fechou os olhos e tentou esquecer. A enfermeira perguntou se ele precisava de mais alguma coisa. Ele atirou o vaso em cima dela.

A espera

A capela mortuária não comportava mais ninguém. Parentes, amigos e curiosos não paravam de chegar. Um típico funeral de cidade pequena. Para muitos, o maior evento do ano. Concentrada em todos os movimentos e fofocas, Margarida sequer piscava.

O que mais chamava a atenção era a tristeza exacerbada de alguns familiares. Nos últimos meses de vida da defunta, as visitas rarearam. A velhice era um pré-coma do abandono. Descontados o zelo e o revezamento no hospital, por parte de Cecília, Maria e Joana, o restante compunha o extenso número de componentes da tradicional família dos Johnson. No último ato representavam uma figuração digna de análise psicanalítica.

A morta levava uma vida de recolhimento e dedicação aos sobrinhos. Não se casara; transferira suas carências em benefício do próximo. Essa troca de afetos funcionou durante anos, principalmente no fim do mês, quando o dinheiro da aposentadoria era dividido em partes iguais. Um mimo aqui, um curso acolá. E, no meio, a pseudo-ilusão da presença do amor.

Com o passar do tempo, a inflação a comprimir o salário mínimo, cessou o encanto. Na ocasião do primeiro derrame, paralisaram também as rápidas incursões. Onde estavam os “ricos anjos” que a tia sempre protegera?

Apareceram para prestar a última homenagem. O primo que morava na praia compareceu, que desculpasse a filha Aninha, o curso de Enfermagem lhe tomava todo o tempo. Contudo estava muito abalada, chorara a noite inteira.

Todos aquiesciam, inconformados com a tragédia. O ponto alto do velório partiu da histérica Bruna. Prostrada junto ao caixão, gritava “não é possível, não é possível!”. Quem iria cuidá-la dali em diante? A mãe da moça

acorreu com um copo de água com açúcar; que ela se acalmasse, nada podia ser feito, a tia finalmente descansara.

Margarida esboçou uma reação de sair do lugar e acabar com a encenação. As verdades precisavam ser ditas. As pessoas da cidade tinham o direito de saber que tanta tristeza não correspondia à verdade.

Aprumou-se para o confronto final. Nesse momento a equipe da agência funerária pedia a todos que se afastassem. Enquanto lacravam o caixão e as vozes tornavam-se abafadas, Margarida fechou os olhos num lamento solitário. Agora só falta eu.

Desilusão

Edmundo Dantès estava apreensivo com a proximidade de Marselha, que mostrava os seus primeiros contornos à distância. O barco em que se encontrava, junto com seu fiel escudeiro Jacopo, ia numa marcha triste e vagarosa, em sincronia com o estado de ânimo de seu dono.

As lembranças o consumiam. Mais do que isso, o desejo de vingança alimentara a estada no Castelo de If durante catorze anos. Nada mais existia do jovem que aos dezenove tivera tudo: um pai amoroso, uma noiva adorável e o posto de capitão em um dos navios do maior armador da cidade. Tudo isso ficara para trás, no dia em que fora acusado de conspirar contra o rei, a favor de Napoleão Bonaparte. Erro que jamais cometera. Ao contrário; sua ingenuidade é que o levava a ser alvo do golpe que se articulava, e, diga-se de passagem, duplo: de traidor passara a traído, por dois dos que julgava seus melhores amigos. Um por ambição, o outro por desejar a mesma mulher. Cada qual com seus motivos, contribuíram para um sentimento desconhecido: o ódio.

Tivera a sorte de conhecer o Abade Faria, companheiro da cela ao lado. Morto o amigo, escapara de If na mortalha. Salvo por contrabandistas, chegou à Ilha de Monte Cristo, onde encontrou o tesouro indicado por Faria.

Todos esses pensamentos vinham juntos. O passado como uma bomba armada, pronta para a detonação a qualquer momento. Jacopo já estivera em Marselha a colher informações, e as notícias agravaram a fúria de Edmundo.

O pai morrera de fome. O amigo ambicioso estava milionário, fruto de sucessivos golpes, e a noiva casara-se com o rival. Belo amor o de Mercedes! Rei morto, rei posto. Política e amor: dois jogos perigosos.

Assim amuado aportou. Seguiu para a Rua de Meilhan, na pequena casa em que vivera com o pai. Sentada à sombra de uma árvore, estava uma jovem

mulher . Não ouviu o barulho do ferrolho do portão, absorta em seus próprios pensamentos.

Edmundo colocou a mão em seu ombro. A mulher voltou-se, e ele recuou assustado:

– Mercedes, o que faz aqui?

– O que faço aqui? Sabe há quantas semanas o senhor não me aparece em casa, envolvido nas suas jogatinas e sabe-se lá em que outras estripulias? As crianças não têm o que comer; na escola riem delas, a tripudiar do pai fanfarrão.

Edmundo voltou ao barco. Abrigaria-se na ilha de Monte Cristo. Mercedes enlouquecera.

Mega Sena acumulada

Daniel Steinbrüch, metalúrgico que sustentava a família com pouco mais de três salários mínimos, era dessas pessoas conformadas com seu destino, a quem a insônia e o stress não atingiam. Numa quinta-feira pela manhã, ao chegar de mais um turno de trabalho, o Diário Gaúcho embaixo do braço, sentou-se para o café.

– Espia os números da Mega Sena – disse sua mulher, enquanto lhe passava margarina no pão. – Quem sabe é hoje...

– Você jogou os números de sempre, a combinação da data de nascimento dos nossos filhos?

– Que pergunta! – O tom era irônico. – E por acaso não sou uma mãe judia?

Daniel Steinbrüch mergulhou um pedaço de pão no café, o mesmo ritual de anos. Não era homem de acreditar na sorte, duas décadas de trabalho braçal só lhe renderam o direito de entrar no cheque especial. Mas não contrariava a patroa, e abriu o jornal para conferir os números.

Como que para tripudiar de sua incredulidade, os cinco primeiros eram idênticos à habitual aposta. Perplexo, derrubou o jornal e correu para o banheiro, com a mulher a gritar atrás dele:

– O que foi, homem de Deus? – disse, assustada com o vômito do marido, o que conferia ao momento um ar ainda mais dramático.

– Só falta um para fechar, a probabilidade de acertarmos é grande – ele disse, lavando o rosto e voltando à cozinha.

Daniel Steinbrüch olhou para a mulher e sorriu. Ela também sorria, cúmplice da felicidade próxima. Os dois esforçavam-se ao máximo para reter aquele gozo; tão difícil perdurar os momentos de prazer!

Depois, de maneira similar a um relaxamento pós-coito, cada qual voltou ao mutismo particular. Esqueceram-se de que sonho que se sonha junto vira realidade.

A fazenda dos sonhos começou a tomar forma na cabeça de Daniel Steinbrüch. A plantação de soja, algumas cabeças de gado, a imensidão do verde, a serenidade e a paz do campo. Se por um lado o bilhete era da esposa e não havia como livrar-se dela, pelo menos conseguiria uma amplitude geográfica longe dos seus domínios.

– Sim, seria bom comprar uma nova propriedade – disse a mulher, como a lhe adivinhar os pensamentos.

Ele a olhou, sem acreditar. Até sobre sua mente ela tinha o controle?

Esqueceu a fazenda. Uma viagem seria melhor. Conhecer outros povos, diferentes culturas, transar com novas mulheres. A melhor parte. Só agora se dava conta da velhice precoce da mulher, que parecia um maracujá de gaveta. Tinha de dar um jeito de se livrar dela, que graça teria ser milionário e ostentar aquela mala sem alça?

O pior não era a velhice ou a feiúra. O principal problema de Sara era a avareza. Mesmo com dinheiro, não seria de estranhar se, durante a viagem, não houvesse restaurantes luxuosos, e apenas um sanduíche frugal, composto de uma salsicha.

– Eu adoraria viajar, Ivan, mas olhe o sexto número, por favor!

Não tinha jeito, teria de matá-la, só assim cessariam aquelas adivinhações. Sentiu vontade de vomitar outra vez. E o que faria com a sogra, as cinco cunhadas e seus respectivos maridos? Teria de conviver e sustentar a todos eles, não só nos almoços chatos de domingo. Podia vê-los a mendigar uma casa, um carro novo, toda a sorte de pedidos.

Não podia olhar para Sara sem cair na tentação de esganá-la. O ser abominável com o qual se casara, com um ar zombeteiro, parecia lhe dizer: “eu

sei o que você está pensando, mas não vai fazer nada disso, não esqueça que o bilhete é meu!”

Sem agüentar a atmosfera de ódio que se abrira entre eles, pegou o jornal e viu o último número: dezesseis. Nove fora. Desfez-se a ilusão. No máximo, com o prêmio que iriam pagar aquela semana, poderiam dar um pouco de estudo aos filhos, que em breve ingressariam na Universidade. E, com um pouco de sorte, tentar algumas reformas, não na vida íntima, mas na casa que caía em cima deles.

Com a realidade de volta, buscou a caixa de ferramentas, pegou o martelo e pôs-se a pregar o batente caído, o mesmo por onde há pouco entrara a esperança.

Conto inspirado no “Bilhete premiado”, de Anton Tchekhov

Pequena trapaça

Acabáramos de nos mudar para a casa da Lapa. Encontrava-me em cima do muro, a analisar o cenário. A mesma dificuldade: a cada troca de endereço, tinha de reconstruir a história.

A família não notava meus tumultos existenciais. O pai trabalhava o dia todo, e a mãe cuidava da praticidade que o novo requer: escola, igreja e dentista, entre outras torturas de utilidade pública.

Minha avó compensava as carências, sempre às voltas com as panelas e longas conversas em nosso quarto. Reminiscências que não voltavam mais. Havia também meu irmão, mas com ele eu não podia contar. A caxumba encarregara-se de aumentar o isolamento.

A rua, deserta por causa do frio, agravava a melancolia. Puxei o gorro até a altura dos olhos. Àquela hora, toda a vizinhança deveria estar absorta em seus próprios conflitos. Decidira-me a entrar e pedir um chocolate quente, quando do lado de cima da rua três garotos surgiram em suas bicicletas.

Caminhei em direção a uma das extremidades do muro. De olhos fechados fiz o caminho inverso, e saltei em um pé só. No chão, os três me olhavam boquiabertos.

– Bravo! – disse o de japona azul. – Bela aterrissagem.

Convidei-os a subir. Depois de me dizerem seus nomes, sugeriram um concurso de piadas. Pedro, o de sardas e aparelho nos dentes, contou uma de papagaio. Henrique, o mais bonito, e com quem eu já começava a sonhar, nos fez rir com uma de português. Depois foi a vez do de japona azul, que se chamava Marcelo e tinha jeito de líder, nos deleitar com uma de bêbado.

Todos me olhavam, à espera da próxima. Eu tremia e ninguém percebeu. O vento da tarde aumentava a sensação térmica. Tentei lembrar das ocasiões em

que escutara atrás da porta do meu irmão, quando seus amigos iam a nossa antiga casa. Ocorreu-me a da bicha no elevador, e consegui a aprovação dos meninos.

Escurecia quando minha mãe desceu cheia de pacotes de um táxi, passou por nós, acenou e fez um comentário sobre eu me despedir e tomar banho antes do jantar. Dei tchau e entrei. A vida lá fora.

Um vestido verde-água esperava-me em cima da cama. Suspirei: teria de voltar à realidade. Mas não por muito tempo. No escuro do quarto, antes de dormir, confidenciaria a minha avó o meu novo segredo.

Sempre em fevereiro

Certas memórias não se apagam jamais. Muitas vezes, até hoje, tenho o péssimo hábito de acordar no meio da noite, atormentado pelas lembranças, que parecem reais.

Estava virando maldição. Dois anos depois a praga se repetia. Naquela manhã de 74, acordei com mamãe me sacudindo e chamando pra frente da TV. No centro de São Paulo, há poucos minutos, um incêndio começara. Botei a calça do pijama e me instalei.

As cenas eram macabras, e a tragédia tomara proporções maiores do que o Edifício Andraus. Os ocupantes do prédio de escritórios, no entanto, não sabiam disso, e lembrando-se do último sinistro, dirigiam-se para o topo do prédio, em busca de salvação. Essa não havia, e tampouco um heliporto. Mais perto de Deus e da morte, alguns começaram a pular.

Eu também fui arrancado da minha posição, quando mamãe, histérica, deu início a uma seqüência de berros, ao lembrar que papai trabalhava no prédio ao lado do Edifício Joelma. Como ela não dirigia, estendeu sua preocupação para seu Antônio, nosso vizinho de muro, que prontamente pegou o Corcel azul-marinho e nos pôs a bordo, rumo ao espetáculo de terror.

Pouco antes da Nove de Julho, o trânsito estava interrompido. Dali em diante ninguém passava, ordem desconsiderada para uma pessoa determinada como mamãe. Com um puxão no ombro esquerdo, num segundo estávamos a correr na direção do incêndio. Que alívio! Felizmente não havia vento, e a possibilidade do fogo se alastrar para vizinhança era remota.

Enquanto aguardava que minha mãe localizasse papai, minha atenção foi desviada por um barulho terrível. A alguns metros de distância, no meio do asfalto, o corpo de um homem ainda em chamas acabava de cair. Entre a

multidão um garoto de uns quatro anos se desvencilha das mãos de uma senhora e sai correndo.

O menino sente um grito crescendo por dentro, uma sílaba, a primeira palavra de uma criança. Com o instinto e o ardor de todos os índios da América atirando-se às muralhas do Forte, ele parte em corrida muda, agarra-se às pernas do homem e começa a chorar.

Deus, o diabo e eu no meio

Quando duas mulheres se detestam, homem nenhum sobrevive entre elas. Se forem nora e sogra, simultaneamente, a situação pode fugir ao controle, e chegar a níveis críticos de convivência. A disputa em torno do objeto amado é tamanha que pode causar traumas irreversíveis, e transformar a vida do sujeito em um inferno doméstico.

Depois de namorar todas as moças bonitas da cidade, eu resolvera sossegar o facho e achar uma talhada para o matrimônio. Karla tinha qualidades que eu julgava essenciais para um teste de seleção. Além de bela, era inteligente, companheira, e nos conhecíamos há anos. Primos em terceiro grau, costumávamos namorar escondido desde os doze anos, quando ela vinha da capital passar férias e rever os parentes pobres.

O problema era o design arrojado para os padrões da época e local. Para piorar a situação, bebia, defeito imperdoável para uma moça que pretendesse formar família. Não que fosse cachaceira, de fazer ponto em botequim, mas excedia-se nos churrascos de domingo. Em vez de servir a sobremesa e lavar a louça, preferia discorrer sobre política e futebol.

Tudo isso foi angustiando minha mãe, que prometera a papai, por ocasião de sua morte, zelar pelo bom nome da família e encaminhar os rebentos. Eu, como primogênito, deveria dar o exemplo, mas estava por demais enrabichado para desfazer o compromisso.

Sem saída, prometi que não deixaria a situação fugir ao controle, e que seria minha, sempre, a última palavra. Aconselhei-me com o médico da família, com o padre, fiz juramento no jantar beneficente do Lions. A comunidade se acalmou: Karla daria conta do recado, e nós continuaríamos a ser uma das famílias mais respeitadas da região.

Já casados, tentava convencer minha esposa das vantagens da docilidade. Ela ria de um jeito maroto, e eu sabia que no fundo era tempo perdido. Mas a cegueira da paixão é a última que morre, e fui me deixando enganar. Completamos assim vinte e cinco anos, e a festa das bodas seria o acontecimento da cidade.

Karla estava tão eufórica que tomava seus martinis desde cedo. Era visível o estado de embriaguez à hora da missa. Minha mãe quase se engasgou com a hóstia, de tão braba. Foi quando minha esposa, numa atitude conciliatória, estendeu a mão para o cálice de vinho, tomou um gole e dedicou a existência à querida sogra. Ainda vi mamãe abrir a bolsa antes de pegar o copo, mas achei melhor desmaiar estrategicamente. Quando duas mulheres se detestam, nenhum homem sobrevive entre elas.

Tudo o que se vê não é

Não nos falávamos desde outubro. Na época, ela tinha me telefonado, dito horrores e posto um fim. Acabava ali uma relação ímpar, feita de cuidados e segredos nunca antes compartilhados. Ficou um vazio na alma que anda iria preencher, embora de novo o auto-engano fosse a mola mestra das minhas ações.

Como já estava vivendo um novo romance, não dei muita bola. Só o que me importava era mandar flores, ir a motéis, fazer viagens, gastar dinheiro e calorias em busca da felicidade perene. Gastei a vida procurando por algo que nem eu mesmo sabia o que era.

O tempo foi passando e eu passando por cima das nossas datas mais simbólicas. Foi-se o Natal, o Ano Novo onde tudo começou, o aniversário dela, a minha passagem para uma idade mais avançada. Se um escrevia, o outro calava. Queríamos nos punir por um sentimento tão bonito, quanta insensatez!

A distância geográfica entre nós diminuiu depois que eu me mudei para a cidade dela, mas continuamos assim, estranhos no ninho e nas nossas emoções.

Até que chegou o dia de hoje. Hoje, quando eu já dava tudo por perdido, leio as palavras profanas: “Meu querido!” E como te dizer que tu também eras e és isso para mim, mais até: és o meu amor, e fiquei assim repetindo para o monitor, como se fosse tua boca e sorriso a me provocarem: “meu amor, meu amor!” Porque sempre foste isso, o meu amor, aquela para e em quem confiei incondicionalmente, aquela cuja proximidade do corpo me traiu, e pôs tamanho desejo à mostra.

Qual foi o nosso pecado? Foi darmos vazão àquilo que o ser humano passa uma vida inteira a perseguir? Foi termos gozado até de roupa sim, pois a energia que havia – e não passa – entre nós era mais poderosa que qualquer

irradiação atômica, só mais letal talvez, posto que nos deixa mortos, e para todo sempre, em vida?

E o que será de nós se, além de outubro, não nos falarmos nunca mais? E se mesmo nos vendo, não tivermos mais coragem e engolirmos o que é tão difícil de encontrar, mais ainda do que a megasena acumulada? E se insistirmos na burrice de nunca mais nos tocarmos?

Nada, nunca. Pouco se me dá. Esperaremos pelo inverno próximo e, no verão, aplacaremos nossa fúria em um banho de mar. O vento nos levará para longe, e um dia seremos dois, apenas nós, num álbum de fotografias. Mudos, sem cor e sem importância. Sangue coagulado, e pó.

Última volta

Ivana fez questão de escolher ela mesma as flores para uma data tão ilustre. Achou de certo requinte as zabumbas de vários tons. Ainda que fossem do próprio pátio – que jardim era coisa de rico – não deixavam de ter seu charme, e com alguma benevolência até lembravam a margarida, prima distante e emergente.

Mais do que a homenagem, queria ter certeza de enterrar aquela peste. Mesmo passados mais de cinqüenta anos, o trauma ainda estava bem vivo, e as memórias infantis ainda provocavam arrepios. O imigrante a sua frente, e que descia agora no caixão, bem que merecia o final comum de ser comido pelos vermes. Rabugento, sovina, o próprio demo. Que fosse sem paz, o crápula! Ela iria rezar só pra ele não a assombrar na calada da noite.

Ainda hoje, lembrava de dois momentos marcantes com o francês, que fora parar em Arroio dos Ratos não se sabe por quê. Aquela casa de madeira verde-musgo, com as janelas da frente sempre fechadas e uma enorme varanda caindo aos pedaços, fora o cenário macabro de um filme de terror.

Só o que sabia a respeito do homem e da filha mãe solteira era que vendiam ovos. E cabia a Ivana, como a filha caçula, ir aos lugares onde ninguém se atrevia. De certa feita, fora buscar uma dúzia de ovos. Caminhara num passo miudinho, mas apressado, já com o dinheiro no avental, pegara a incumbência e saíra ligeiro. Quando estava na esquina, dobrando a curva, ouvira a voz de trovão:

- Hei, menina, volta aqui! – Boa coisa não podia ser, mas melhor voltar.
- Tu tens rabo?
- Não, senhor.
- Então fecha a portão.

Pedira, implorara para mãe não mandá-la de volta. Não queria passar vergonha outra vez. Mas Dona Antoninha, com o marido inválido, não tinha muitas opções. Costurava para fora a fim de manter os três filhos, mas o dinheiro nunca chegava. Numa dessas carestias, delegara a Ivana a árdua tarefa de buscar alguns ovos, dessa vez emprestados.

Caminhara devagarzinho, estudando a melhor forma de abordagem. Dera a volta na casa e encontrara o homem sentado na escadinha dos fundos. Sorrira para ele ao mesmo tempo em que perguntara:

– Seu Gérard, o senhor poderia me conseguir alguns ovos, mamãe paga depois. Pigarreando e sem sair do lugar, ele respondera de bate-pronto:

– Não tem ovos!

– Mas como não tem, eu ouvi as galinhas cantarem...

– Galinha canta porque tá contenta!

Naquele dia, mesmo com a origem espanhola da família, iniciara-se a vendeta.

A medida exata do amor

A primeira vez que desconfiei da minha paixão por ela foi numa das idas a sua casa. Estávamos voltando das compras, eu carregando os pacotes por cortesia e, enquanto ela girava a chave na porta, meu olhar se deteve na nuca. Quase me botei a mordidas naquele pedaço suculento, e só não o fiz pois lembrei do sentimento que nos unia.

Depois da janta, ela pegou o cestinho de costura, na intenção de tricotar um blusão de lã para o filho mais novo. Aos dezesseis anos, o guri crescia numa rapidez que a cabeça da mãe não conseguia acompanhar. Perdida, me olhando de cima a baixo, me perguntava o comprimento ideal para o seu projeto. Eu, que nada entendia daquele ramo, só sacudia a cabeça: como iria saber?

Mandou-me ao quartinho de empregada, transformado há muito num guarda-tudo, achar uma fita métrica. Com o mínimo de boa vontade – a nuca não saía da minha cabeça nem da minha visão – fui escarafunchar naquelas quinquilharias.

Quase à beira de um ataque de asma, e ainda sem encontrar a incumbência, ela surgiu do nada e se postou atrás de mim. E então, eu não achara nada? A presença morena do seu corpo de novo aguçou o meu desejo. Como lhe dizer que poderia cessar a procura da minha parca existência? Atordoadado, lhe dei passagem. Com o fechar da porta ela pegou um pedaço de madeira e me estendeu:

– Difícil? – sorriu com os olhos. Ela sempre enigmática, anos-luz a nos separar, literalmente. Eu, apoplético. Mas não dava para escapar ao momento. Era agora ou nunca.

Peguei o metro e fui me aproximando, lentamente. Virei-a de costas para mim. Ergui o seu pescoço e medi aquela nuca maravilhosa. Com a madeira, ia alisando todos os seus nervos. Ela caiu de joelhos, eu me atirei em cima dela, e

ainda tive tempo de medir seus seios, antes que ela o tomasse de mim, me envolvesse no mais longo dos abraços e dissesse ao meu ouvido:

– Depressa, o seu amigo já vai chegar.

Amores abortados

Tudo passa, até o amor. Nos últimos instantes de vida, era preciso acreditar naquilo. Aos vinte sete anos e com Aids, se prender ao passado era bobagem. Passar o filminho de quinta do qual ele era protagonista era ridículo, e as prece não chegariam a tempo da redenção.

O que gostaria de levar para a eternidade e de que modo gostaria de ser lembrado? Não havia tempo para isso, mas as lembranças não o deixavam. A única coisa que gostaria de ter resolvido, os eternos conflitos acerca da sua sexualidade, esses iriam com ele para o túmulo. Contemporâneo da geração Cazuzza e Renato Russo, também ele gostara de meninos e meninas. E iria morrer só.

A casa de Fafá em Pendotiba era só lembrança, vaga música de terror. Muitas viagens existenciais fizera para esquecer o primeiro fora dentro da piscina. Além da dona da casa, só ele e Maria. Alguns copos de vinho aliados ao ímpeto juvenil, e tomara coragem para declarar o que sentia por aquela moça gaúcha, mas morando no Rio há algum tempo. “Eu te amo”, ele dissera. A resposta, até hoje, saiu com voz de sarcófago:

– Eu estou apaixonada.

–Por mim?

– Não.

Ali, aos dezessete anos, teve a certeza de que os opostos não necessariamente se atraem. Ainda assim, continuou sendo a sombra daquele romance diferente. Seguiu-a nas mudanças familiares. Sempre a visita de surpresa. Nada a abalava, só tinha olhos para a sua igual. A romaria purgação iniciou-se em São Paulo. Quando os poucos mais de quatrocentos quilômetros triplicaram em distância, ainda assim arrumou forças para se dirigir ao extremo

sul. Na época, o romance entre as duas melhores amigas acabara por imposição familiar, e ele teve na futura sogra uma aliada.

Outra vez o álcool foi cúmplice. No reveillon de 1986, aproveitou-se da fraqueza etílica de Maria. Muitas doses a levaram a buscar consolo nos braços do amigo, e o desastre acontecera. Além da ejaculação precoce, ele tivera a certeza de que nada significava para ela. Na penumbra, ela se levantara devagar e em silêncio para não acordar os pais, e fora dormir só, sem repartir nada.

Ele bem que tentara mais umas semanas, mas não agüentou tanto desafeto, e voltara para a Cidade Maravilhosa, reativar seus planos de ser ator de teatro. No meio artístico, não demorou a liberar suas emoções reprimidas, e entendeu, de forma similar, os desejos que outrora Maria e Fafá dividiam. Tarde demais foi descobrir que sexo ruim era que nem droga injetável: não se devia compartilhar.

Meses depois, quando Maria o procurou, ele não dera importância. Estava muito ocupado em busca do tempo perdido, e não cedeu aos apelos desesperados do outro lado da linha. A perpetuação da espécie e o foram felizes para sempre não mais importavam. Que ela se virasse.

Ele nunca soubera do desenlace, e não fizera a menor tentativa para restabelecer uma linha antiga e vital da sua vida. Gostava de pensar que, de alguma maneira, ele seguiria eterno na lembrança de Maria, mas a verdade é que tinha medo. O que ele fizera não tinha perdão. A conhecia o suficiente para saber que o ódio é que seria imortal.

Deus, cansado de seus pecados, finalmente o abandonara. Tirara-lhe o direito ao prazer carnal e, junto com ele, as companhias fugazes de uma noite, quando muito de duas ou três. Nos últimos meses, as forças lhe faltavam tanto que não havia ânimo sequer para uma punheta. Mesmo quando recorria aos anúncios do jornal, a simples visão da sua triste figura recusava qualquer quantia.

Por fim, rendeu-se, e dedicou-se a causas filantrópicas. Dava palestras (exemplo ainda vivo) sobre o que não se deve fazer para ter uma vida longa e feliz. Mas quando seu perfil passara a preencher apenas os requisitos da propaganda funerária, ninguém mais o quis. A máxima de Schindler de que se cada pessoa salvasse somente uma pessoa, o mundo seria salvo, não ajudara muito. No fim, não iria livrar nem o próprio rabo.

.....

A primeira coisa que viu ao acordar foi a senhora com cara de parteira, estendendo um chazinho de maçã. O gosto era fétido, mas olhando ao redor, tudo estava bem. Um pouco tonta, mas nada que a impedisse de inquirir a velhinha. Uma meia hora depois, passou para outra sala e encontrou a mãe, que chorava, O pai chegou mais comedido, maleta na mão. Um verdadeiro homem de negócios.

A quarentena em casa prometia. Olhares velados entre os pais, diálogos compostos de silêncios. Foi salva pela doença do avô, que exigia a presença em tempo integral da mãe no hospital. Já estava virando rotina.

Nesse período, quase desaprendeu a falar. Era só *vem almoçar, a janta tá pronta, toma o teu remédio*. Pobre do pai, o que iria dizer? A filha, com vinte anos, tinha uma ficha extensa, um currículo de desgraças de dar inveja a qualquer pivete da Febem. Ainda assim, sentia-se injustiçada e privada da liberdade.

Ela também soubera dar e receber amor, e se considerava filha de Deus. Mas outras tinham sido as suas chagas, e castigos dignos da Inquisição a atingiram. Ela não entendia. Como podia uma herege ser tão fiel, e carregar outra pessoa como um credo? A família, alheia ao sofrimento, tanto fizera que finalmente a separara do grande amor, e o que sobrara dela fora um arrastar-se pelo mundo, que efeito alcoólico nenhum apaziguara. Num desses delírios, atirara-se ao milagre do sexo e da sua santa finalidade: a procriação.

Esquecera-se dos princípios rígidos de Deus, e mais uma vez fora punida. Só não apanhara porque seria uma violência extrema e os pais, afinal, eram católicos. Mas quando o irmão, dois meses antes, em Atlântida Sul, respondera à pergunta da mãe sobre o estranho comportamento da filha, e ele dissera que a mana não tinha nada, só estava grávida, o mundo caíra. Fora chacoalhada da eterna sonolência e levada à juízo. E, embora ela não soubesse nem cuidar de si própria, deveria ter tido a chance de perguntarem do que ela gostaria.

Mas as rosas não falam e os espinhos, assim como as ervas daninhas, devem ser extirpados para não proliferarem. Por isso a anestesia, o apagamento, a avó emprestada, e o chá calmante. Tudo muito natural.

Um dia antes da intervenção cirúrgica, tentara uma solução mágica. De volta ao passado, e com o resultado da gravidez na mão, achou na caderneta o telefone de Marcelo. Lembrou-se de seu eterno amor não correspondido. Ligou, mas o rancor era grande. Pior, a indiferença tomara conta daquele corpo, que contava, delirante, as suas peripécias em camas alheias. Deixou-o falando sozinho. Precisavam cicatrizar, ambos, as suas feridas.

O período de recuperação passou e ela seguiu vivendo, ainda que sem ânimo. Só anos mais tarde quando, sozinha no imenso apartamento herdado pela família, atendeu o telefone e era Fafá lhe dando a notícia da morte do amigo, ela compreendeu que Deus existe, e escreve mesmo por linhas tortas.

O chamado

Eu era feliz e não sabia. Incrível como poucas palavras, estampadas num e-mail do qual desconhecia a procedência, traziam à tona uma parte submersa do seu passado. Que João era aquele que, de maneira misteriosa, ousava mexer com emoções há muito enterradas? Acostumara-se tanto à praticidade cotidiana, à perene dor no peito e à gastrite constante, que essa sensação redescoberta de emocionar-se vinha agora como um golpe fatal. E, não havendo como esquivar-se, chorava. Não estava mais no controle.

Recuperou-se rápido do abalo. Mas quem era esse João que se atrevia a revirar seus sentimentos? Que dava hora, data e local para ações tão remotas? Que, no melhor suspense, dizia nas entrelinhas: eu sei o que você fez nos anos passados. João! João era nome de pobre, e já havia miséria suficiente na sua vida. Deletou a mensagem e foi fazer as unhas.

Enquanto escolhia a cor que lhe caía melhor, pensou, mesmo contra a vontade, nos tons que coloriram a sua juventude. Junto com matizes tão distantes, começaram a se formar imagens, a princípio fora de foco. E enxergou, encostados na porteira do acampamento Paiol Grande, os rostos de Alexandre, Ana Cláudia, Augusto, Cláudia Boechat, Rita, Jussara, Manfredo, Aline, Andréia, Ana Lúcia, ela e...João.

Toda a trupe reunida, no final de 1980. Sim, houvera outro tempo, e feliz. O tempo do ginásio, das rodas de violão, do amor platônico, dos primeiros olhares trocados com os meninos, ainda que não soubesse bem o que fazer com eles. Fixou a lembrança na sua versão mais jovem: o que havia mudado? Quando deixara de acreditar nas pessoas?

João não era exatamente o protótipo de galã com o qual sonhara; ao contrário, era Manfredo que a interessava. Mas este, num arremedo da quadrilha de Drummond, amava Rita, que também o amava. E ela, tímida que

era, engolira sua primeira frustração. Mas já naquele tempo outras nuances suas começavam a se firmar, ainda que fosse, como em toda adolescente, só possibilidades. Cruel, rejeitou João e o seu amor. Chegara mesmo a ridicularizar o rapaz de óculos e aparelhos nos dentes, cabelo de bombril, as pernas ligeiramente arqueadas. Pobre bicho! Não conhecia, na época, a porção infinitamente animalésca que a habitava.

Muito tempo se passara desde então, e o acúmulo de decepções a tornara aquele ser amargo e descrente. A missa de domingo aliviava o eterno arrastar dos dias, mas mesmo assim pensava no dia do Juízo Final, e nas explicações que teria de dar para as suas atitudes.

Na saída do salão, percebeu que o e-mail poderia ser um sinal de reparação a ser feita. Se respondesse à mensagem, confessando conhecê-lo, pedindo perdão, talvez houvesse uma chance. Bastava uma palavra e seria salva.

Ouviu o telefone tocando ainda no elevador. Era Álvaro, o amante casado dos últimos dois anos. Estava chegando da Europa e vinha faminto. Ela pensou nas suas coxas e a inquietação foi subindo, junto com a imagem mental do seu coro nu. A redenção poderia esperar.

Aqui se faz, aqui se paga

A vida tem dessas coisas: quando se pensa que já se viu tudo, lá vem o improvável “pela primeira vez” nos provar o contrário. Com Armando Mercadante também foi assim. Mesmo macaco velho nas artimanhas do amor, sucumbira aos encantos de Lúcia como criança diante do primeiro sorvete. Podia não saber exatamente o que fazer, mas era gostoso, ah isso era.

Conheceram-se no trabalho na escola noturna, e seus armários eram contíguos. Logo se iniciou vasta correspondência que se tornou apimentada com o tempo. Ele, marqueteiro do coração, deu um jeito de descobrir a data do aniversário dela e subir uns pontos na pesquisa (sua mãe teria dito: meu filho, não se meta com librianas; contrariando todas as aparências, são totalmente desequilibradas!).

Não deu bola. Não iria acontecer com ele. E comprou o frasco de *Dolce Vita*. Dali em diante, começou o inferno. A poção mágica do amor não funcionou, e Lúcia ficava cada vez mais distante. Comidinhas, lugares da moda, muito Viagra, nada estava à altura da mulher. A única coisa que amenizava sua TPM, ou melhor, FDL(sim, pois Armando não sabia, mas o mal de Lúcia era simples: falta de laço), eram as constantes fugas pela janela do quarto. Quando menos esperava, lá se ia com a trouxinha debaixo do braço, banho tomado, olhos brilhantes, para retornar sabe Deus quando. Deus? Esse o abandonara há tempos!

Vexado das aventuras extraconjugais, passava as noites acordado. A fofoca da vizinhança o consumia. Numa noite, pensou ser Dona Dirce, a gorda da mercearia, a lhe soprar no ouvido: “corno!” Mas eram vozes do passado, de um passado que ele trocara por nada. Como, é claro, não iria acontecer com ele, trocara o certo pelo duvidoso. E, vez por outra, o fantasma de Bia vinha atormentá-lo.

Poderia se safar, lhe dizia a voz em dias de menos fúria. Bastava uma palavra e estaria salvo. Nessas noites, acordava surtado. Que fim tinha levado o primeiro amor? E se ele pudesse entrar na sua vida? Tinha vontade de gritar “me leva pra sempre Beatriz!”

O tormento não passava, era uma característica do amor, essa de não nos fazer felizes na maior parte do tempo. A dor era inevitável. Tanto martírio duraria a eternidade? Estaria destinado ao limbo e sua alma jamais teria paz? Onde as respostas?

Se ficasse a esperar pelo retorno cíclico de Lúcia, estaria perdido. Lembrou-se da igreja que costumava freqüentar na periferia da cidade. A luxúria o tinha afastado daquela gente. Outrora, pensara ter tirado a sorte grande, mas o casamento transformara-se em pesadelo.

No cruzar a porta, a paz invadiu o seu coração. Àquela hora, só as beatas confessavam seus pecados. Por osmose, aproximou-se e começou a rezar. As palavras saíram fáceis, velha decoreba a trazer alívio para o espírito. Ajoelhou-se. Nesse momento, uma senhora de rosto envelhecido e familiar lhe sorriu. Estava em casa.

Meu negrinho

Me diz você: é possível se ter a consciência tranquila e o coração inquieto? Conseguirei viver em paz depois da noite de hoje? Não sei. Tudo no terreno do imponderável. E como não sei traduzir ao vivo e em cores o que sinto, eu queria ao menos te contar uma história. A nossa.

Houve um tempo em que conseguiria simplesmente ir dormir. Mentira. Eu não dormia. Como um ser que vagava perdido na Terra, eu simplesmente estaria a amortecer emoções tão profundas que me impediam até de chorar. Hoje, não mais assim.

Choro por tudo que a gente não teve e por tudo que a gente não realizou. Letra de música. Mas quer melhor que um “bolero” pra abrir as feridas e trazer à tona o que eu julgava cicatrizado? Nesse momento, nem uma caixa de primeiros socorros resolveria. Lobotomia, talvez. Mas desconfio que sou como os elefantes: eu não esqueço.

Estou tão triste, meu bichinho, porque não esperava ser pega em flagrante pelas minhas limitações acerca da existência e da compreensão do outro. Tudo em você transcende ao meu entendimento, e eu estou com medo que isso seja amor. Desde que cheguei em casa já transitei entre meu quarto e minha estante de livros diversas vezes, em busca de um dicionário que explicasse pra você o que estou sentindo. Mas não sei dizer, só doer.

Quando casar sara. Trocadilhos infantis que sequer consegui atingir. Eu não cresci, não criei raízes, não tive filhos. Pra Machado seria um legado. Pra mim é um nó. Um nada, nada, nada. É o que sou, e ao mesmo tempo sou tudo e muito mais.

Vomito, te telefono, peço perdão? Um embrulho tão grande que fico pensando o que estou querendo dizer. A impressão que tenho é que estou dentro de um filme desses em que o personagem morre e não consegue ver que

morreu, fica ali olhando aturdido o corpo que não mais lhe pertence. Também num sexto sentido vejo pessoas mortas. Mas a primeira sou eu, e sei que é bem real.

Faz tempo que parti, ou algo se perdeu de mim. É uma estranha loucura essa de pensar que ainda estou aqui. Já passei pelo umbral e as notícias não são boas. O pecado? Ter te ferido e ao assim fazê-lo ter sangrado até a morte o meu próprio coração. Porque eu não soube ver a tempo (ou reconheci rápido demais) a luz que emanava do teu ser me paralisou, congelou por um breve lapso de memória minhas emoções e eu não quis encara o que sentia.

Logo eu, que me sento numa sala todos os dias e repito o bordão “focalizar as nossas semelhanças e não as diferenças.” Ta aí a prova que precisava. Quando brincava que minha fé era mais teórica que qualquer coisa, no fundo eu não havia me esquecido das noites que passei a rezar em privadas públicas.

Podre sou eu, não você. E ao mesmo tempo sou apenas uma menina frágil que reconhece o perigo, mas não sabe como parar a insanidade. Cometi o mesmo erro esperando um resultado diferente. Mentira também. Eu fui brincar com fogo e acabei ferida. Ou pior: fui tão amada que fugi como um coelho assustado.

E é nessa hora, coração, que venho te pedir perdão. Clemência por não conseguir expressar o que sinto, o que penso ou o que faço. Você está nas minhas entranhas, muito mais que uma simples tatuagem que se carrega vida afora em prol de uma simbologia. A alma gêmea que queria muito, mas não posso. Ou não quero. Ou não consigo.

Te perder é ruim demais e ao mesmo tempo a libertação para que eu continue levando a vida medíocre de até então. Eu sou uma puta de uma coitada: te expulso da minha vida e ainda quero misericórdia. Prisão perpétua ou cadeira elétrica não purgariam as minhas chagas.

Mas eu prometi e cumpro. Mais que um excremento esse é um lamento, um juramento, ou pior que isso, um testamento. Na minha fantasia, eu te fiz muito feliz. E cantei dancei e ri como há muito tempo não fazia. Eu era feliz e não sabia. Mas sou daquelas que precisam matar pra renascer. Comecei dizendo que iria contar a nossa história. Então calma. Ela começa já, já.

O tempo é uma fração

Da primeira vez que a assassinaram não houvera pistas. Mas agora o pisca - alerta estava ligado. Seu amor dissera não saber quem era Sartre e esse foi o começo do fim. Poderia ser simples bobagem para qualquer outro ser humano, mas para ela não. Alguma coisa estava muito errada, e iria descobrir os motivos do desconforto que agora teimava em não ir embora.

Como fora mesmo que haviam se conhecido? Ah, claro, o milagre da internet. Falsas promessas de prazer imediato. Mas ela acreditara, e fazendo valer o “nick” que a traria de volta à vida, escreveu lá, com todas as pompas, a palavra fênix. Pura ingenuidade, esquecera-se de um detalhe que agora soava bem importante. O início da fênix eram as cinzas, e também lá nas escrituras estava escrito: ao pó retornarás.

Pra falar a verdade nem lembrava o que chamara sua atenção, pois como parte do seu pacote completo de sedução, esperou primeiro que mordessem a isca. E não demorou nada, logo a chamaram pra conversar com um papo-cabeça que agora se dava conta fora o erro de cálculo. Lhe perguntaram se sua fênix não era um nome de filme e ela disse que não, explicando que era a simbologia da ave mitológica. E que ela, tal como a ave, estava atrás de um novo começo.

Do chat para o msn fora um pulo, e ali ficaram horas a se conhecerem melhor. Já era então o início do dez de novembro de 2009, devidamente registrado na mente para comemorações futuras. Casamento à vista e o foram felizes para sempre faziam parte do atrativo da empreitada.

E o mundo então, como sempre acontecia na sua fantasia ou doença, ficou de repente subitamente colorido. Aquela primavera ficaria marcada por sinos tocando e borboletas voando, numa perfeita sintonia entre o mundo

exterior e a parte interna do organismo. Com a sensação de que essa vez iria dar certo e uma paz quase sublime, foi dormir.

Ao acordar, a surpresa: nada mudara. Ali era para ter desconfiado, pois há meses vinha conversando com sua madrinha sobre agora estar pronta e madura para um novo relacionamento. Acreditava-se curada da história de viver a vida do outro, de não pensar exaustivamente sobre o que o outro estaria fazendo, se estaria pensando nele, essas coisas que deveriam ser tratadas no MADA, mas que para ela não pareciam necessárias. Ela sabia se controlar, ou pelo menos disfarçar. Tinha sido assim a vida inteira e dera certo. No caso dela, os apagamentos sobre o passado vinham a calhar.

Ali estavam, deitadas uma à esquerda e outra à direita de sua cama: a obsessão e a compulsão. Rindo, abraçadas como se dissessem jamais vamos nos separar. Deu-se conta de que passara a noite conversando com uma pessoa que jamais tinha visto, e era hora de confessar que a fotinho do msn não era nada atrativa. Pelo contrário, estava baixando os seus níveis de exigência. Lembrou-se então de Eduardo, há muitos anos, a lhe dizer que não escolhia a boia em matéria de mulher. Depois dos quarenta também devia ser assim, encarava-se o que vinha pela frente, e ainda se agradecia por isso.

Mas essa era a razão, e essa nunca era convidada a fazer parte da sua vida. A obsessão, sim. Essa lhe dizia: não para de pensar, pensa mais um pouco, traça uma estratégia de jogo, faz um plano, estabelece as metas, não tem como perder. Sim, era doentio. Mas ao se virar na cama lá estava a compulsão a pedir mais uma dose e dizendo: liga o computador, manda logo um e-mail deixando claro o interesse, mas com toda a sua categoria. Mostra a inteligência, o humor fino e se preciso for até a ironia. Sempre funciona.

Funcionou. À noite já estavam conversando de novo e a trocar pseudo-confissões. Como todo início de romance, aquele também fora construído na base de só se contar o que se deve, mostrar só a leveza do ser humano. As

demências mais secretas essas iriam ser largadas pouco a pouco, e disfarçadas sob forma de peculiaridades do bem.

Pouco importava. Ela queria mais, e por isso, entre tapas e beijos chegara ao dia 15 de dezembro, dia de se encontrarem na rodoviária e firmarem o primeiro contato visual. Devia confessar que para ela fora uma tragédia -se não anunciada - pelo menos confrontada naquela primeira aparição em que nada lhe agradou. Porém, algo estranho acontecia, pois ela sentira o coração acelerar e fora embora com a sensação de que ira dar samba.

E deu, dos mais atravessados na avenida. Veio o fim de ano, promessas de amor eterno e de se verem mais na intimidade. Não foi num quatro de julho e sim no quatro de janeiro de 2010 que conheceu a libertação de seus desejos mais íntimos. E então o resto de juízo já fora viajar por outros ares, e deu lugar a uma vontade de quero mais, porque o que vivera na cama não podia ser real, tamanha a sintonia entre dois corpos que jamais tinham estado juntos.

Mas então chegou o silêncio sem nenhuma explicação. Uma longa espera de mais de dois meses até lhe confessarem que havia se assustado com o seu jeito de ser e sua bagagem pesada de vida. Nessa hora quis logo botar a culpa na madrinha, que a mandara ser ela mesma sem muitas representações. E agora a catástrofe. Tinha perdido pra espontaneidade, o que só comprovava que mostrar muito os dentes era só para os cães acuados e prontos para o ataque.

O amor já configurado assim de obsessão e compulsão impediu que parasse ali com um comportamento que repetia há anos. Noventa dias depois e muitas sessões de terapia (em que sua psiquiatra dizia que era preciso arriscar no amor) ela cedeu aos apelos para um novo encontro, dessa vez no shopping e com direito a um lanchinho feliz. A sobremesa ficou reservada para o apartamento, de onde só saiu na manhã seguinte, com cara de abobalhada e convencida de que o raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

Sucederam-se momentos de magia e encantamento. Viagens para a praia, para a serra, com direito a chalezinhos românticos e sexo da melhor qualidade.

Cada instante naquele apartamento que passou a ser o seu pequeno paraíso perdido valera muito a pena, isso era inegável. Planos para o futuro iam se configurando e ela resolvera relaxar, pois dessa vez o final seria diferente.

Não foi. Na entrada do inverno (ou do inferno) aquela estranha criatura pediu um tempo alegando confusão acerca dos sentimentos. Quis dizer que tempo era coisa de adolescente ou de gente que não tinha coragem para pôr logo um fim, mas não disse. Dócil, ainda tentou argumentar.

E o frio e o gelo perduraram por toda a estação. Quando as pessoas começaram a ir de novo para a rua e sair do ensimesmamento invernal, ele também voltou. Com desculpas pungentes e promessa de amor no ar. O encanto se quebrara e foi aí que assassinaram de vez com qualquer esperança. O desconhecimento de Sartre fora cruel. Mas pior que isso foi o que veio depois. Ele tivera a coragem de perguntar se os Beatles eram bons, e naquela hora o sonho acabou. Não era John Lennon, mas não fora esse o mundo que imaginara. Melhor bater em retirada, antes que a morte fosse certa como a de seu ídolo.

O outro não desistia de seus rompantes de ignorância. Num ato de total desespero, ela fora educada e escondera a verdade cruel. Como motivo para um derradeiro afastamento, dissera que não poderia viver assim numa corda bamba, nunca sabendo quando e como o outro iria voltar. Explicação? Não queria viver com suas emoções represadas.

Mas era tarde demais. Diante do desconhecimento também da palavra represada, decidiu que era melhor voltar ao início dos tempos. Tirou do armário seu diploma de doutorado e rasgou-o em pedacinhos. Destruiu o computador a machadadas, e munida apenas de um dicionário dirigiu-se ao aeroporto, onde comprou uma passagem para a floresta amazônica disposta a não mais salvar o rumo do planeta, mas simplesmente a descobrir o significado da palavra fim.

A ponta do iceberg

— Mãe, você não acha que a nossa relação é muito superficial?

— Por que você está falando isso?

Não iria ser fácil. A conversa adiada por tanto tempo precisava acontecer, mas Paula já antevia o grau de dificuldade. Diversos assuntos eram tabus na sua casa e, entre eles, a sua sexualidade era o segredo mais velado. Mas não havia como fugir.

Pela primeira vez na vida iria para o confronto sem a parceria etílica que facilitava tudo. O jeito era sentar, encarar a mãe olho no olho (o que também não era tarefa das mais descoladas) e abrir o jogo:

— Você sabe o que eu faço nos fins de semana?

— Sei que você tem um caso em Porto Alegre.

— Não, mãe. Eu tenho uma namorada e é com ela que passo os sábados e domingos. Inclusive ela tem um nome. Flávia. Ou melhor, Flá.

— Não era essa a mulher que você tinha brigado?

— Era sim. Mas foi um desentendimento bobo, por causa de uma mentira que ela me contou. Já está tudo resolvido e estamos super bem.

— Hum.

O jeito inquisidor alternado com respostas monossilábicas só iam aumentando a tensão no ar. Coisa mais difícil falar de seus sentimentos! Passara os últimos anos de sua vida treinando para ser uma pessoa desinibida e agora, no primeiro teste oficial para ver se estava curada, parecia que estava fadada à derrota.

— Negócio seguinte, mãe. Eu amo a Flá. Ela é uma guria legal. Não tão guria, é verdade, tem dez anos a mais que eu. Mas é uma pessoa correta, simples, trabalhadora e que me completa em tudo.

— Então viva a sua vida.

– Você não tem vontade de conhecê-la, saber como ela é?

– Acho que ainda é cedo. Você já teve milhares de relacionamentos que nunca duraram. Se empolga num dia e no outro não é mais aquilo. Dê tempo ao tempo. Se for uma coisa séria como você diz, veremos. Agora vai estudar.

– Tá bom então. Qualquer coisa estou no quarto.

– Deixa a porta aberta.

– Eu não sou mais criança, mas tudo bem.

Entrou no quarto e sentou-se no computador para colocar em dia o que estava atrasado. Não conseguia se concentrar, uma sensação ruim, de fala entupida, como se a mãe desse sempre a última palavra e ela ficasse com cara de boba que aquiesce a tudo.

A verdade era que os anos haviam se passado e ela nunca demarcara o seu território. Deixara-se ficar na casa da mãe como uma adolescente. Mais que isso: morria de medo dela. Inveja não, até orgulho daquela pose toda de aristocrata inglesa. Complexo de inferioridade puro. E vergonha, muita vergonha da mulher que se tornara.

Estava confiante. Depois daquela conversa ela haveria de mudar a sua postura. Iria se assumir, sair do armário como se falava, e ser feliz. Azar de quem não gostasse da pessoa que ela era. Era uma mulher independente e não devia satisfações a ninguém.

O telefone já tocara umas cinco vezes. Atendia ou não atendia? O que fazer? Olhou de novo o número da ligação. Começou a suar frio. Correu a fechar a porta do quarto. Era Flá.

Assim como são as pessoas são as criaturas

Ao contrário da metamorfose de Gregor Samsa, ela naquele dia acordou e se deu conta de que tinha voltado à condição humana. Os seus sentimentos, que durante anos haviam se reduzido a porções animais, estavam todos ali, intactos. Agora era viver ou morrer.

Sempre se perguntava se haveria vida após as drogas e agora aquilo. Lembrou-se então do pacto da noite passada: era só por hoje. Mas ainda assim viver era uma aventura nova e ela desconfiava que poderia ser enfadonha. Estava acostumada a sair da cama e já vestir a carapuça de bem resolvida, mas naquele dia não sabia o que fazer. Como cruzar o limiar da porta do quarto até a cozinha?

Difícil, bem difícil. Não poderia mais dar os seus costumeiros rosnados nem as mordidas que aprendera na infância, em resposta a estímulos que não lhe fossem prazerosos. Ai, ter de dar bom dia, sentar para tomar café na mesa, achava tudo aquilo um saco. Bom mesmo era viver no seu mundo fechado sem ter de se preocupar com os desejos dos outros. Mesmo que fosse com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar.

E agora, aquilo. Até a fala teria de exercitar, e a única frase de que se lembrava era não estou a fim. É, talvez fosse melhor não freqüentar as reuniões sugeridas para sua recuperação. Tudo que ela desejava era se libertar de algumas substâncias que lhe faziam mal e alteravam seu sono e apetite, mas aquilo que lhe fora proposto era demais. Ser gente? Nem pensar!

E sexo então, como teria de praticá-lo agora? Conversar após o coito ou mesmo sentar, fumar um cigarrinho e ficar divagando sobre os prazeres da existência, cruces! Não se imaginava tendo de interagir com ninguém, para que essas bobagens?

Além de tudo rezar. Tinham lhe falado que estabelecer uma conexão espiritual com um Poder Superior faria toda a diferença, e aliviaria suas dores. Mas não havia culpa, gostava de ser o leão no reino animal e comandar tudo ao seu redor. Quem não obedecesse, era banido. Simples assim, o estatuto do mais forte contra o mais fraco. E ela nunca perdia.

Todas essas divagações a estavam incomodando. Entretanto, coisas estranhas estavam acontecendo. O que era aquilo que molhava o seu rosto? Lágrimas, acompanhadas de um sentimento de tristeza profunda, lamentações do tempo perdido, tudo paradoxal ao que vivera até então. Não sabia como agir.

Lembrou-se do manual, haviam lhe dado um livrinho azul para ser usado em situações emergenciais. Ali estava a primeira instrução. Um dia de cada vez quando o fardo fosse muito pesado. Visualizou o quadro da sala de reuniões onde estivera a noite passada. Mudanças de atitudes. Então era por isso que estava daquele jeito, será que tinham feito um despacho para ela acordar daquela maneira?

Tudo o que sabia é que precisava tomar banho. Há quanto tempo não se lavava e não penteava os cabelos? Os pelos tinham invadido seu corpo, e sua anatomia lembrava muito a mata atlântica. Só não era verde por todos os lados porque ainda não tinha criado mofo.

Ligou o chuveiro e deixou-se ficar lá por infinitos minutos, numa faxina secular que ambicionava a renovação das células e da alma. Coisa boa. Chafurdou-se na água, gemendo alto com a ducha quente. Precisava deixar ali uma parte da couraça com que fora travestida anos a fio.

Abriu o armário à procura de uma muda de roupa limpa. Outra coisa que teria de fazer nessa sua nova condição. Cuidar de suas coisas e pôr ordem no caos. Tentou calçar um tênis, mas antes teve de procurar uma tesoura para aparar as garras encravadas do pé.

Agora, comer. Há anos tomava só uma xícara de café preto, ao mesmo tempo em que acendia seu primeiro cigarro de muitos que viriam. Colocou a mesa à espera dos familiares. Esboçou o melhor sorriso quando chegaram. Por quinze minutos discorreu sobre a beleza do dia, as últimas notícias de futebol e política, e ainda deu um beijo em todos. A cada gesto que fazia, o coração batia tão forte que teve medo que fosse enfartar com aquela overdose de vida. Mas não. Estava serena e tranqüila, sem culpa e sem medo.

Brabeira mesmo seria enfrentar a rua. Adiante. Abriu a garagem empoeirada pelo tempo, ligou o carro e o rádio, que nessa hora tocava *What a wonderful world*. Começou a ter espasmos. Voltou correndo, sentou-se no vaso sanitário do banheiro que ficava dentro de seu quarto e rezou um *Pai nosso* fervorosamente, não sem antes elevar seu braço esquerdo e jogar a chave fora.

O lado escuro da lua

A escola estava logo ali à direita, mas ela acelerou e foi adiante. Nem mesmo a imagem de seus alunos a tocava mais. Estava exausta daquela farsa. Seguiu em frente até a bifurcação, onde decidiu-se por aquela estradinha bucólica de terra que sempre lhe atraía. Vinte quilômetros de pó e silêncio. Tudo o que precisava. A paz tão almejada. Nunca entendera a corrida desenfreada dos pilotos de Fórmula 1 na ânsia de chegar em primeiro lugar. Os grandes acontecimentos da vida (e essa mesma lhe ensinara) estavam no trajeto a ser percorrido, na delícia de se apreciar as coisas. Por isso mesmo cada vaquinha deitada à beira da estrada lhe passava uma sabedoria que muitas vezes, no corre-corre dos dias, ela não podia desfrutar.

Era como se a estrada fosse uma lacuna do tempo. Mais do que isso, a sua existência tinha ficado lá fora. Ali dentro daquelas curvas e retas abandonadas parecia existir um mundo à parte, desses que se lê em histórias infantis. Era como se tivesse achado a chave do seu pequeno paraíso perdido, e uma vez que chegasse lá, não haveria como retornar. Fazia-se necessário essa suspensão da realidade, pois era também um ritual de despedida de uma vida que tornara-se enfadonha. Uma vez tendo cruzado as portas de seu reino, haveria somente seus pares para lhe fazer companhia e transcender tudo que sabia até então.

Finalmente avistou a entrada. O portão era exatamente como sonhara, grades enormes fechando o arco principal. O muro branco estava destruído em várias partes, demonstrando a precariedade do local. Não importava, fazia tempo que ouvia o chamado, e bastara esse primeiro olhar para reconhecer as suas verdadeiras raízes. Lembrou-se de uma frase de Marguerite Yourcenar que dizia que o verdadeiro lugar de nascimento era aquele em que pela primeira vez se lançava um olhar de inteligência. Ela estava absolutamente certa de seus sentimentos.

Havia um escritório adiante do portão. Pegou sua carteira e retirou todos os documentos solicitados para o registro. Sem previsão de estada. Ala sul ou norte? As acomodações de frente para o lago e o bosque de eucaliptos seriam perfeitas. Com todo o formulário preenchido, seguiu o atendente pelo corredor estreito até o número 1008. Fazia um lindo dia de sol naquele outono.

Agradeceu o rapaz pela cordialidade e pensou que estava finalmente a sós. Estava cansada. Resolveu esticar o corpo e relaxar a mente. Deitou-se e puxou a porta atrás de si, não sem antes colocar um aviso para o caso de alguma visita indesejada: “aqui jaz Regina Dutra, contra à vontade.”

Paraíso perdido

Ali estava a cidade. Finalmente, depois de anos, voltava a sua pátria, mas estranhamente era como se nunca houvesse partido. Ainda na plataforma da rodoviária seu coração disparou, enquanto esperava o motorista entregar as bagagens. Seria uma grande revisitar das emoções.

Pegou uma van do centro até Icaraí, o bairro onde morara boa parte de sua infância. Enquanto o carro fazia paradas estratégicas para pegar e desembarcar passageiros, ela agradecia a Deus por ter ficado viva para saborear aquele momento.

O centro estava lotado e a estação das Barcas tinha um movimento de dia de trabalho, com centenas de pessoas indo e voltando do Rio de Janeiro. A todos, a estátua do índio Araribóia mostrava-se imponente mas simpática, como a dar as boas-vindas à Cidade Sorriso, como Niterói era carinhosamente chamada.

Quando entraram pela Litorânea as lembranças se acentuaram. Quantas vezes fizera aquele mesmo trajeto, geralmente em meio as festas da adolescência? Lembrou-se da primeira namorada (ah, o primeiro amor) e de quantas vezes tinham parado ali para ficarem trocando confidências e besteiras. Saudade de um tempo em que tinha saudade.

No mirante da Boa Viagem o magistral Museu de Arte Contemporânea, construído por Oscar Niemeyer, substituíra os românticos traillers de cachorro-quente e outros lanches. Só o concreto do asfalto continuava lá, como a eternizar os momentos vividos. Caso se lançasse um olhar não tão rigoroso sobre o passado, a vista deslumbrante da Praia das Flechas e de Icaraí continuavam intactas.

Nesse momento quis fechar os olhos e trazer de volta um tempo que não voltava mais. Mas será que era mesmo assim? Se fosse, por que aquela sensação

de pertencer que só aquele lugar lhe proporcionava? Não, o tempo era estático para ela, que se apegava a pequenos gestos de carinho, como o seu nome na pedra, entrelaçado por um coração. Sinais de um tempo em que o sangue pulsava e acreditava que a emoção era mais forte que a razão. Até a Pedra do Índio e a de Itapuca pareciam ter vida própria e lhe acenavam como a que dar as boas-vindas. Toda a cidade compartilhava com ela aquele momento sublime de contemplação e beleza.

Finalmente Icaraí, seu pequeno paraíso. No Cine Art-Uff desceu da van para andar até a esquina da Pereira da Silva. Daquele canto da praia podia ver a fileira imensa dos prédios cada vez maiores a devorar a cidade. Milhares de cores e pastilhas a formar um mosaico colorido que lembrava as melhores telas da pintura. Parou diante do prédio onde costumavam lhe jogar um beijo da janela. Não pôde resistir à visão. Sentou-se em um banquinho do calçadão e ficou a olhar o Cristo e o bondinho do Pão de Açúcar. Fez uma prece silenciosa e realmente teve certeza de que não adiantava voltar, se não era dos lugares ou das pessoas ou das coisas que se tinha saudade. A gente tinha saudade de um tempo que não voltava mais. Mas para ela, tudo isso era secundário e contraditório, desde que seu amor se fora e ela ficara perdida no tempo.

Quem não se desloca não recebe a bola

A mala estava pronta na hora em que o médico me deu alta. Uma semana de hospital: tempo para consertar a confusão em que me encontrava. Assinei os papéis e corri ao telefone. Uma linda manhã de sol. Ela deveria estar à minha espera.

Por que não viera pessoalmente? As coisas tinham mudado, era o momento de eu saber a verdade. Afastei o ouvido, mas não pude evitar o som das últimas palavras. Sim, estavam namorando, mas acharam melhor não me dizer antes, eu passava por uma fase delicada, não queriam me magoar.

— Acabou, não sente mais nada por mim? — ridícula, não pude evitar a pergunta. — Mas eu te amo!

Não havia cura. E agora, para onde ir? Saí arrastando a mala, o corpo debilitado pelos diversos tranqüilizantes. Peguei o primeiro ônibus e me deixei ficar, até o ponto final. Domingo. Solitário como em todos os lugares do mundo.

Sentei na escadaria da Praça XV. Ao meu lado, uma mendiga cheirava cola. A mim, o ar faltava. Afora isso, compartilhávamos a mesma sensação: a vida não presta. Como também não prestaram as tentativas frustradas de suicídio. As desgraças se sucediam e Deus me mantinha viva. Estranhos desígnios, esses do Criador.

Caminhei em direção ao lambe-lambe. As fotos imortalizavam o momento, pensei. A imagem produzida era somente um borrão, tal e qual eu me sentia: um farrapo humano. Eu falhara em mais um prognóstico amoroso.

Acordei e já era noite. Saí junto com o lambe-lambe, de volta à família. De vez em quando, folheando o velho álbum de retratos, ainda olho a foto que ele tirou. Sorrio. Aquele não era o meu melhor ângulo!

Enfim, sós

O caso que Lauro defendia era de grande importância; por isso ele estava ansioso para viajar a Santa Catarina em busca de provas que inocentassem o seu cliente. Compulsivo pelo trabalho, decidiu não esperar: ligou para o piloto da empresa e comunicou que faria o voo naquela noite.

Quando saiu de casa em direção ao aeroporto, Zeca Camargo e Patrícia Poeta se despediam na tevê, desejando a todos um bom início de semana. Lauro chamou um táxi, fez os procedimentos para o embarque, cumprimentou Airton que esperava por ele na pista e tomou lugar no avião. Tentou dormir, mas logo foi sacudido pelo piloto. O avião apresentava falhas no motor. Lauro fechou os olhos e esperou a morte chegar.

.....

Olhou em volta. O sol poente atrapalhava a sua visão, mas reconheceu estar numa ilha. A cabeça doía e uma das pernas estava quebrada. Lembrou-se do piloto e da queda iminente. O que teria acontecido com Airton? Assim, atrapalhado, desmaiou.

A confusão mental continuava quando acordou com a intensidade do sol. Mesmo com a perna ruim, a fome o obrigava a explorar os arredores. Improvisou uma muleta com pedaços de madeira e levantou-se. A fuselagem do avião estava próxima, mas havia pouco a ser aproveitado. Contentou-se com um pacote de bolachas e uma garrafa de água mineral, intacta. Fraco como estava, dormiu outra vez.

No outro dia, testou o rádio. Não funcionava. A fome e a sede eram maiores do que tudo. Além disso, precisava arranjar um abrigo melhor do que os restos do avião. Achou uns cocos e umas bananas do mato. Saciado,

esqueceu-se do abrigo. Como Macunaíma, sentia muita preguiça e só queria dormir. Para abençoar a liberdade, surgiu um aguaceiro.

A chuva não parara quando ele abriu os olhos no dia seguinte. Decidiu que era hora de arrumar o abrigo. Material não faltava. Barraca armada resolveu pescar. O resto do dia ficou entretido com linhas e anzóis. À noitinha, fez uma fogueira junto à barraca para assar os peixes. Fartou-se de lambar os dedos.

Ele ainda estava com pedaços de peixe na boca quando acordou. Espreguiçou-se com uma estranha sensação. Agora que dormira e comera o suficiente, começava a ficar amedrontado. Precisava sair daquele lugar, mas como? Lembrou-se do rádio. Tomou um banho na praia e voltou ao avião. Passou o dia mexendo nos fios sem resultado satisfatório. Ia desistir, quando os primeiros ruídos chegaram. “Câmbio, aqui Lauro Cirne, com quem falo, câmbio.”

Desde o dia anterior esperava socorro. Se continuasse preso na ilha, perderia o caso e até o emprego. Talvez já o tivessem dado como morto. Estava nesse estado de ânimo quando surgiu o helicóptero. Não teve forças para gritar. Apagou.

Foi acordado no hospital com D. Célia, uma enfermeira muito gorda, que lhe aplicava uma injeção para a dor. Lauro quis saber em que dia estavam. Célia respondeu que descansasse. Ele teve vontade de matá-la. Só não o fez, pois nesse momento entrava no ar o Fantástico, e ele sentiu-se em casa.

Pés de gaivotas

Beira de praia, nascimento do sol. Caminho pela areia macia e úmida que recebe meus pés como se estivesse ali para aquilo, aceitando suas formas e tamanho para logo desfazer tudo, como se ali ninguém estivesse passando.

Tudo tão grandioso e simples, até minha caminhada com as marcas que imprimo no chão. Meus pés! Olho-os pela primeira vez, embevecida, apesar dos longos e longos anos de uso e abuso. Talvez por isso me chamem a atenção. Tão feios, tortos, ossudos, desarmoniosos, e tão cheios de calosidades e dores!

Sigo caminhando sem poder distanciar-me dos companheiros que, apesar de tudo, são fortes e pisam fundo na areia, trazendo da terra a força que ela contém. Por que meus pés ficaram assim tão esquisitos? Os dedos parecem garras. Será que temem perder a estabilidade, jogando-me ao chão? Credo, não sei por que estou a me preocupar com istos e aquilo sobre os meus pés, logo nessa manhã tão linda! Vai ver que sempre foram feios, ou é porque estou ficando velha, e pronto. Que bobagem ficar a se gastar em reflexões deste gênero!

Olho o céu em busca de gaivotas (adoro-as), mas o verão ainda demora um pouco e elas só vêm junto com ele. Por enquanto, só nuvens.

Resolvo dançar. Abro os braços e deixo a imaginação comandar meus movimentos. Os pés (novamente) levam o corpo para o alto em saltos, aterrissando maciamente sem, no entanto, cair, porque estão prontos para outros tantos revolteios, rodopios e corridas. Uma dança tão boa, com tanta liberdade, sem preocupações de agradar a alguém. Ah, ah, ah, gargalho gostoso. Sento-me cansada, ofegante, rindo do gosto da vida, rolando através do meu corpo e, mais uma vez, meus pés me chamam a atenção. As pernas estiradas em direção ao mar deixam-nos como mastros de navios naufragados. As ondas chegam primeiro neles, batendo nas solas, fervilhando por entre os

dedos, deslizando sobre as pernas e coxas. Melancólicos foi como os senti, e então fiquei junto deles para analisá-los, percebê-los e melhor compreender sua participação em minha vida. Me enterneci por aquelas duas figuras tão feias mas tão minhas, e as trilhagens e andanças foram voltando dos seus esconderijos, nos corredores da mente para que eu juntasse as lembranças e entendesse os porquês.

— Meus pobres pés, por quanto caminho pedregoso eu forcei vocês a caminhar! Por quanto asfalto escaldante, grudento, até que ficassem sem pele? — Meu Deus, quanta inconsequência nas minhas tomadas de direção. Jamais me ocorreu que meu corpo, como companheiro inseparável, recebia o resultado das cargas. E ali estavam meus pés, quietos, grotescos, como testemunhas mudas e sofridas do meu andar aventureiro pelas estradas da vida.

Levei as mãos até eles e, entre soluços, acariciei-os pedindo-lhes perdão. Amei-os e chorei muito, lembrando tudo que, por conveniência, havia fingido esquecer. Tomei consciência da realidade: meus pés, meu andar, meu viver, e fiquei muito cansada, tão vazia, que deitei-me para que o resto das ondas levassem para outras praias o salgado amaro das minhas lágrimas.

Acho que adormeci, pois um leve andar ao meu redor trouxe-me de volta. Abri os olhos e vi mais dois outros redondos e desconfiados a me analisar. Uma gaivota, bem próxima, me averiguava, talvez pensando que fosse uma baleia avariada, quem sabe? Fiquei imóvel para que não fugisse e, pelo entreaberto dos olhos, algo me chamou de imediato a atenção — seus pés. Cinzentos, feios, retorcidos, caminhavam a minha volta, também, como os meus, marcando a areia úmida. Mexi-me e ela voou, subiu alto, de asas abertas e pés estirados para trás em direção ao sol, e ficou, numa integração total, lá em cima, olhando algum peixe que passasse numa réstia de sol, aqui embaixo.

Levantei-me, joguei-me nas ondas borbulhantes até sentir o corpo limpo de areia onde estivera deitada, e retomei a caminhada. Meus pés marcavam a areia macia e úmida — pegadas que logo eram desfeitas pelo próprio

movimento da vida, só permanecendo a marca nos meus pés. Coisas de gente, não de gaiivotas.

A santa ceia

É manhã de um dia ensolarado. No cume do cânion Malacara, um home faz alongamento. Veste um moletom cinza e tênis Nike da mesma cor. Suas feições estão escondidas pelo boné e por um óculos escuro. Ao seu lado, sobre uma pedra, encontra-se uma mochila camuflada. Enterrada no solo e com o cano voltado para cima, a uma distância de dois metros da pedra, repousa uma espingarda doze de cano serrado.

Após terminar a série de exercícios, o homem deixa o rosto a descoberto. O sol reflete um homem bem apanhado, de altura acima da média e olhar inquietante. O suor escorre pelo corpo e, entre uma passada e outra de toalha pelo rosto, ajoelha-se e murmura “que assim seja”! Avista um carro diminuto, ao pé da serra, iniciando com dificuldade a subida. Deixa escapar um palavrão e faz uma careta. Coloca as coisas na mochila, apanha a espingarda e desce a passo firme, porém tranquilo. A descida é íngreme e exige cuidados do homem, que tropeça a cada três passos. Seu olhar não se desvia do carro.

Cerca de cinco minutos depois, o homem chega a uma cabana de madeira, rodeada de eucaliptos. Sobe de dois em dois os degraus que levam até a porta da frente, onde uma placa avisa: ambiente desfrutável. Vai a geladeira, abre um coca zero, apanha um pacote de mariolas e come meia dúzia. Atento ao barulho do carro vindo de fora, vai ao banheiro. Abaixa as calças, senta no vaso e pega uma revista ao lado. Fecha os olhos e suspira fundo. Toma uma ducha e coloca uma roupa limpa.

Pega a mochila que está atirada no chão da sala e retira uma lebre. Na cozinha, tira o facão e começa o processo de limpeza. Numa vasilha, coloca o tempero para a imersão do animal. Acende o forno e coloca algumas latinhas de cerveja para gelar. Confere o ambiente à procura de algo. Seu olhar se detém no canto do balcão, onde está um vaso com flores do campo. Retira-o de lá para

colocá-lo em cima da mesa, sobre a qual já estão depositados, em jogos americanos, dois pratos de madeira e talheres de cabo vermelho.

Lava as mãos e senta-se na cadeira de balanço da varanda. O carro aproxima-se e para em frente a casa. Desce uma mulher alta, morena e com uma pilha de papéis debaixo do braço esquerdo. Beija-o na boca e diz — “Oi, Eduardo”. — Este pega os papéis da mão de Verônica, olha em volta e pergunta: — “você se certificou que não foi seguida?” — Ela faz que sim com a cabeça e deixa-se conduzir por ele, que fecha a porta, trancando-a, e pede ajuda para tirar a batina.

Freud explica?

Maurício olhou para os lados e saiu do consultório da doutora Carmem. A última coisa que desejava era ser apanhado em flagrante. Sempre ridicularizara os psiquiatras, e agora seu destino passava por Freud.

Acertadas as consultas semanais, Maurício sentia-se aliviado. Transferira a responsabilidade para outrem. Poderia cuidar de boa parte da vida. Foi para casa arrumar a bagagem e aproveitar o feriado de quinze de novembro.

Ligou para Marcela e pediu que ela o pegasse em seu apartamento. Há tempos não dava atenção para a mulher que cuidava de sua agenda e, nas horas vagas, administrava as suas angústias. Quando Marcela buzinou, Maurício pensava nos anos vindouros.

O final de semana na praia permitiu a ele uma intimidade e relaxamento até então desconhecidos. Marcela estranhou tanta dedicação, mas não era boba para fazer qualquer espécie de questionamento. As palavras, muitas vezes, só serviam para atrapalhar a transparência das emoções.

Por ocasião da vigésima consulta à doutora Carmem, Maurício ainda se espantava com a estranheza provocada em ser ele mesmo. Muitas viagens e conversas entre ele e Marcela haviam acontecido desde então. Maurício estava descobrindo que as relações humanas não eram baseadas só em prestígio e poder; ao contrário, se solidificavam através da simplicidade. Palavras ouídas há muito tempo, em um lugar distante, e por um rosto quase esquecido.

Numa tarde de julho foi surpreendido pelo telefonema de Cecília. Há quanto tempo não falava com a irmã? Aceitou o convite para as bodas de ouro dos pais. Desligou e, pela primeira vez, sentiu saudade de casa.

Fazia um lindo entardecer de primavera quando Maurício e Marcela entraram em São Sebastião do Caí. Ele vinha ao volante: após anos de disfarce, finalmente assumira a miopia e a total inadequação com lentes de contato.

Liberto de mais um segredo inconfessável, ostentava um óculos de sol com lentes de grau: um modismo que lhe agradava.

A capela estava lotada. Assistiram à cerimônia e foram para a sede do Country Tênis Clube. Ao som de Danúbio Azul, Maurício entregou para Marcela a aliança de noivado. Durante a queima de fogos, procurou a aprovação do pai com o olhar e sorriu.

Dois meses depois entregou sua carta de demissão na Paiva, Santos & Associados. A diretoria não entendeu a renúncia à carreira tão promissora. Ele não fez questão de explicar. Estava muito ocupado naquele dia, percorrendo a cidade atrás de carambolas. Marcela e seus incontáveis desejos da primeira gravidez.

Manual de sobrevivência

O auditório do Plaza estava lotado. Pessoas brigavam na fila que se estendia até a Praça Otávio Rocha. Curiosos detinham o passo na esperança de conhecer alguma celebridade. O engarrafamento do trânsito irritava o motorista da lotação Anita-Iguatemi. A revolta era tanta que ele descera e agredira o motorista do táxi ao seu lado.

A fúria foi interrompida pelo volume alto de uma sirene. Todos olharam a tempo de ver a BMW parar na porta do hotel, vinda da Alberto Bins. A loucura cresceu entre gritos e desmaios. Ele chegara.

Ao som de *We are the champions* o frenesi aumentou. A Brigada Militar tentava impedir que a situação fugisse ao controle. Uma velhinha dos seus setenta anos pulou o cordão de isolamento e abriu caminho com o guarda-chuva.

Antônio Boa Nova desceu do carro distribuindo sorrisos e autógrafos. Os seguranças, coniventes, entregavam material de divulgação do evento.

O folder informava o lançamento do segundo livro de Antônio, intitulado *Deixe a vida te levar*. Os jornais haviam comentado com exaustão a polêmica em torno dos direitos autorais, reivindicados por Zeca Pagodinho. O caso fora parar na justiça e Antônio ganhara a causa. Argumentou que o título era a tradução do sentimento do povo. A aceitação da vida como ela é.

O assunto dos jornais não era relevante no momento. As pessoas estavam ali para assistir à palestra de Antônio. Desconhecido da mídia há poucos meses, ele ganhara projeção ao escrever *De mago e louco todo mundo tem um pouco*. Paulo Coelho que se cuidasse. Antônio era um líder nato, um verdadeiro catalisador de esperanças.

Antônio passou pelo tumulto e acomodou-se à mesa colocada no palco. Durante quarenta minutos, falou a uma platéia atenta. O público conhecia de

perto o ex-professor que abandonara tudo em prol de um bem-estar maior. A identificação era total quando ele falava da irrelevância dos bens materiais. A empatia traduzia-se no balançar afirmativo das cabeças ou em um assovio fervoroso. Antônio Boa Nova tornara-se uma lenda.

As palmas irromperam no encerramento e Antônio procurou sua mulher com os olhos. Não conseguia sair do lugar. Todos queriam uma palavra de conforto. Maria chegou por trás e beijou-o no pescoço. Sussurrou algo ao seu ouvido. Quinhentos exemplares vendidos, e os pedidos não paravam de chegar. Antônio começou a rir. Ninguém vira santo da noite para o dia.

Redondilha

Andávamos há horas pela Terceira numa excursão que parecia não ter fim. O Sebastião, sempre solícito, estava também a explicar sem tréguas as belezas de sua terra. Eu estava, como sempre, na minha complexa dualidade, que se manifestava de diferentes maneiras e nos momentos mais impróprios. Naquele ponto onde o desastre era iminente. Agora, por exemplo, enquanto contemplava a Serra do Cume, estava num misto de êxtase e enjoo. Foi quando, ao avistar a freguesia lá embaixo, num ato falho lancei:

– Sebastião, como tem curvas esse caminho!

– Ora, pois, o que querias? A ilha é redonda!

E eu voltei para o meu mutismo e para a retidão do meu caráter.

De volta ao passado

Faltavam dez minutos. Com o pacote de provas quase caindo do braço esquerdo, conseguiu fechar o carro com a outra mão. A passos rápidos, entrou no prédio. Mais um dia de trabalho desses que não se tem tempo nem de olhar para o céu. Entretanto, era também um marco na memória.

Fora feliz naquela escola. Sem falsa modéstia, poderia dizer que ali realizara os maiores projetos em educação. O retrato da montagem de Pluft, o fantasma, na sala da direção, não a deixava mentir. Tudo era um documental naquela sala repleta de relíquias.

O teatro em turno oposto, durante longos fins de tarde, havia possibilitado muito mais que excelentes notas por parte dos alunos. Construía com eles um pacto de felicidade, algo a se levar pela vida afora. Mas a ambição falara mais alto. Aceitara o cargo de direção em outra escola e fora se juntar ao resto da burocracia humana, onde só o que contava era o padrão de qualidade. Esquecera-se de que é impossível fazer um 5S nas emoções. Ela partira, mas algo ficara plantado na Escola Piratini.

E agora, sete anos depois, voltava como aplicadora de provas do Saers, um instrumento que visava avaliar o desempenho dos alunos e a rotulá-los como bons ou maus. É possível validar a capacidade do ser humano em um único momento? Independente de suas crenças, tinha um trabalho a fazer.

Quase não acreditou quando lhe indicaram a sala da prova. Turma 52. O mesmo local em que há uma década iniciara sua jornada rumo ao encontro de sua vocação. Ainda podia ouvir as vozes dos pequenos a dizer “vem vindo a sora nova”, ecos de um passado que julgava esquecido. Mas assim como um animal ferido, ela agora capitulava.

Distribuiu as provas e deu as instruções. Duas horas depois, quando o último terminou, ela começou a falar de sua nova carreira de escritora e dispô-

se a dar uma palestra para eles sobre literatura, no ano letivo seguinte. Foi o que bastou para que duas dúzias de olhares ansiosos lhe mostrassem que nem tudo estava perdido. Ainda corria sangue em suas veias. Redescobriria o palco no qual brilhara por tanto tempo. Abriu um pacote de livros que levava para divulgação, onde na capa se lia, simplesmente: transmutação.

Cão que ladra não morde?

Estava furioso a ponto de babar. Olhou-se no espelho e se atracou. Para além do vidro quebrado e do sangue que jorrava, não teve a mínima graça. A vida continuava igual e não havia ninguém por perto para partilhar aquele arroubo de fúria.

Já debaixo do chuveiro, começou a examinar em um nível mais profundo essas suas reações diante do inevitável. Por que reagia desse jeito sempre que um relacionamento terminava? Por que não aceitava o fim, não passava um tempo sozinho curando suas feridas e depois partia para outra?

Precisava modificar esse comportamento inaceitável. Sua mulher, no quarto ao lado, certamente iria continuar a discutir a relação. Típico das mulheres. Decretavam o fim e ainda queriam conversa. Mas avante. Teria de estar pronto para o embate.

Antes de entrar em campo para a partida decisiva, decidiu sair à francesa pela janela e dar uma passada rápida na casa espírita que frequentava. Sentou-se a um banco ao fundo, na fileira da esquerda, fechou os olhos para uma melhor concentração e pôs-se a ouvir a palestra daquela noite.

O tema não poderia ser mais apropriado. A irmã Rosely discorria sobre a importância de se fazer um balanço sobre o ano que estava prestes a se encerrar. Muito mais do que agradecer pelas coisas boas e pelo que tinha sido positivo, era necessário lançar um olhar para aquilo que deixara a cada um contrafeito.

Nos momentos felizes o aprendizado era quase nulo, posto que se ficava a saborear cada conquista e meta atingidas. Era na dor que o ser humano aprendia as maiores lições. Na repetição dos mesmos erros à espera de um milagre, devia-se tentar o questionamento do porquê das dificuldades de modificação frente a um comportamento ritualístico. Agradecer a Deus pela

oportunidade de crescimento era fundamental para uma nova postura diante da vida.

Assimilada a lição, Roberto começou a orar devotadamente, em um processo de aceitação pelo que a sua existência lhe permitira até então. Era necessária uma saída alternativa, ao menos uma tentativa de olhar para os seus problemas por um novo ângulo. Antes de se retirar, tomou um gole de água fluidificada em busca de purificação.

No caminho de volta a casa a palestra continuou a reverberar em seu cérebro. Era tempo de recomeçar. Um misto de alegria e esperança percorria todo o seu ser. Já havia perdido muito tempo em adiar a solução para os problemas de seu casamento com Mirtes.

A mulher estava na calçada tomando chimarrão com a vizinha. Reduziu a marcha para observar com ternura a criatura com a qual passara os últimos dez anos. Sim, havia uma solução. Sempre havia uma nova possibilidade. No instante em que puxou uma Ave-Maria mentalmente, girou o volante em direção à calçada e acelerou. O próximo ano seria diferente.

Sequelas

Estava tão distraída que quando um dos gêmeos lhe disse que estava de aniversário, ela se virou para o outro e perguntou:

— E o seu, quando é?

Aquilo tinha de acabar. Já estava se tornando alvo de críticas por parte da direção. Sempre com a cabeça no mundo da lua, nem a desculpa de uma esclerose múltipla precoce e avançada iria funcionar. A verdade é que seu organismo estava no limite, e o final seria ridículo.

Lembrou-se da festa de aniversário de noventa anos da Dona Ziza em que fora acompanhada da família. Era fato que tinha se emocionado. Não era para menos. Ver alguém chegar em uma idade tão longeva e inteira de corpo e mente era para poucos. Pelo menos, não para ela.

O seu fim seria menos pomposo. Se chegasse a idade tão avançada, provavelmente seria de braços dados com seu irmão, ela de bengala e ele de andador. Coisas como plano de aposentadoria e uma velhice tranquila e saudável não faziam parte do histórico familiar. Sem falar no constrangimento das fraldas geriátricas e de uma possível prótese e dentadura.

Não, envelhecer não parecia um belo quadro. Há poucos dias tinha ido a um enterro e pegara-se dando parabéns aos familiares. Fora socorrida por uma mão amiga que a levava embora antes do linchamento. Sem contar o episódio da falta de luz em que tentara durante mais de meia hora esquentar um copo d'água no microondas. Pior que isso, só a loira que se sentara na escada rolante esperando a energia voltar. Tonalidades afins, enfim.

Não podia perder tempo com divagações, não era hora de se perder em lamúrias. Afinal, de perto ninguém é normal. Esperava apoiar-se no argumento de Caetano para evitar a reprimenda. Melhor relaxar. Na maior parte dos

episódios ninguém notara nada. Sua inteligência cantada a sete ventos fazia tudo parecer menor.

Sentou-se para o início do conselho de classe. Ao começar a calcular quanto era dez vezes um com uma calculadora olhou para os lados para ver se não tinha sido pilhada em um desastre iminente. Tudo parecia normal. Até o momento em que resolveu pegar o café solúvel no seu armário através do alarme do carro. Dessa vez, não funcionou. A interdição estava decretada.

Literatura confessional

Têm histórias e histórias, essa é simplesmente a minha versão. Ao lançar um olhar para o passado, não me recordo de muitos presentes a mim ofertados que não fossem livros de literatura. Por certo que existiram, mas na memória, trago apenas frases, cenários e personagens que indubitavelmente compõem o meu perfil. Tenho em mim histórias que não vivi, mas gostaria de ter protagonizado. Na minha cabeça e coração eu fui Nemeček, de *Os meninos da Rua Paulo*, a novela juvenil de Ferenc Molnár. Como não defender meu território? Para mim, era o mesmo que perder o direito de brincar na Rua Croata, onde morava na Lapa paulista, e deixar de ser livre, ânsia de uma vida inteira.

Também fui com total convicção Josephine, de *As Mulherzinhas*, de Louisa May Alcott. Muitas coisas em comum: a rebeldia, o jeito irreverente, o comportamento de um “rapazinho”, o sonho de ser uma escritora famosa, o direito de não ser comum.

Tal e qual uma fera ferida, a cada vez que machucavam meu coração eu queria ser Edmundo Dantés, em *O conde de Monte Cristo*. Queria ter o poder de esperar para saborear a vingança com todos os requintes. Essa era um saída mais digna, mas confesso que também quis ser – e muito – Oliver Mansfeld, de *Amor é só uma palavra*, de J. M. Simmel, ainda que muitos não considerem uma literatura que mereça atenção. Para mim, o sofrimento daquele jovem junto ao amor impossível de Verena Lord me deu forças para viver o que veio pela frente, quando da primeira leitura do livro aos quinze anos. Mais ainda, sofri tanto com essas personagens que me foi difícil a despedida, e a elas tive – e tenho – de voltar em diversas releituras.

Isso foi há muito, muito tempo. Mas sem dúvida os livros continuam mexendo comigo de acordo com a sua função específica. E, sinceramente, o dia em que não for mais assim, será um dia cinzento, frio e chuvoso como a vida não deve ser. Eu terei perdido as minhas referências, as minhas raízes, e estarei somente a vagar.

Mas voltando ao passado. Essa estranha dependência ou vínculo que criei com os livros de literatura foram determinantes para que um belo dia eu quisesse também escrever minhas histórias. E sim, exultava a cada elogio recebido de alguma professora de português, literatura ou redação.

Porém, como cada um tem o seu tempo, eu segui lendo, escrevendo e guardando meus escritos numa gaveta ou inutilizando-os, mais como lazer do que como labuta. Fiz um curso de Jornalismo que não concluí, investi nas Letras (a combinação delas sempre me atraiu) e não consegui parar. Tornei-me professora e um dia resolvi retomar a linha perdida do tempo. Inscrevi-me para fazer a Oficina de Criação Literária da PUCRS e daqui não mais saí. Todos esses anos me deram um norte e aguçaram o que eu já sabia: não se pode fugir ao destino.

E porque todas as artes e todas as cenas me remetem a algo para que reflita ou entenda a minha condição de “escrevente” da vida, um filme que poderia ter passado como bobo e comum me deu respostas que me levaram às lágrimas. Ao assistir *Em tempos de paz*, de direção de Daniel Filho, capitulei. No filme se dá o combate verbal, em 1945, entre Segismundo, interrogador alfandegário e ex-torturador da polícia política de Getúlio Vargas, com o ex-ator polonês Clausewitz, confundido com um nazista fugitivo, na sala de imigração do porto do Rio de Janeiro. Chefe da imigração na Alfândega, Segismundo é quem decide quem entra ou não no país. Clausewitz terá que usar todo o seu talento de ator para provar que não é um seguidor de Hitler. Ele tem dez minutos para fazer o oficial chorar, caso contrário voltará no navio que o

trouxe. Em um diálogo de uma beleza e força inigualáveis, ele recita o trecho que representara nos últimos anos de guerra e consegue o visto de entrada no Brasil. Perguntado sobre o que ele acha que ensinou ao oficial, ele diz que nada, mas que a ele, Clausewitz, ficou provado que a única coisa que sabe realmente ser é ator. E diz mais: que não sabe se para alguém, em tempos de guerra, o teatro serve para alguma coisa, e para o que serve. Só sabe que tem que continuar fazendo, e que para ele basta fazer.

A literatura em mim produz efeito similar. Foi o dom que me foi dado e com o qual tenho de compactuar diariamente. Não saberia viver outra vida, ou para isso teria que nascer de novo, coisa que por conta dessas mal traçadas linhas adiarei até o próximo capítulo. Entre a vírgula e o *punto e basta*, prefiro acreditar que a gente nunca tem fim.

Rotina clandestina

O homem tem uma grande frustração na vida, a qual é expressa através de seu semblante fechado. Aparenta ter uns cinquenta anos. Não se preocupa com a higiene pessoal, pois os cabelos são sebosos. O óculos é velho e de qualidade barata. A boca é virada para dentro, e a roupa é de cor escura, austera. A cabeça pendendo para um lado mostra que ele é um perdedor.

Amarildo é funcionário público do município de General Câmara, localizado próximo a Porto Alegre. Há trinta anos faz a mesma coisa: cuida do protocolo das correspondências oficiais da Secretaria de Administração. Durante o mesmo tempo é casado com dona Eugênia, pra quem reclama invariavelmente o tempero do feijão. É adventista do sétimo dia, e é grato a sua religião, não porque acredite em Deus, mas porque com isso não precisa ir às jantãs dos aniversariantes do mês, realizadas sempre às sextas-feiras.

Diariamente espera a morte chegar, pois acredita que o inferno deve ser um lugar movimentado e, portanto, deveras interessante. Não suporta o Partido dos Trabalhadores, e acha que a questão da reforma agrária é uma bobagem, que terra se compra e não se invade. Chega ao ponto de fazer uma figa quando passa pelo acampamento dos sem-terra à beira da estrada da sua cidade. Se pudesse, ateava fogo em todos. Assiste religiosamente o horário político e morre de inveja de não ter voz ativa para divulgar suas ideias. Acredita que seu projeto de executar todos os presidiários faria o maior sucesso.

Todos os domingos, entretanto, pega o ônibus das seis da manhã para a capital. Passa pelo mercado público e compra frutas de diversas qualidades. Em seguida, dirige-se até a FASE, e lá passa aconselhando Paulinho, menino que é seu protegido e que quase o matou durante um assalto há dois anos. Amarildo conversa, conta piadas, ensina Paulinho a ler, e lhe diz que ele é o futuro do Brasil, basta acreditar que ele pode mudar.

Esses encontros valem mais do que quaisquer quinze minutos de fama. Todas as suas contrariedades ficam em segundo plano. Afinal, nem sempre Amarido foi assim carrancudo e amargurado. Houve tempo em que o sorriso era farto. Hoje, embora suas feições sejam a de um homem melancólico, não traduzem o que lhe vai na alma. Ainda acredita que o ser humano é o maior paradigma para outro ser humano. Que a caridade reverte em bem-estar. E que a solidão só faz parte de quem não quer dar a sua contribuição social.

Na volta para casa, Dona Eugênia sempre estranha : Amarildo lhe leva flores do campo, faz o jantar, e depois lhe faz amor. Chega até mesmo a recitar poemas e a abraça quando vão dormir.

Uma vez por semana agradece por esses momentos, e pede perdão por ter tentado o suicídio. Ainda bem que a corda se rompeu , e sempre haveria um novo domingo e a esperança de uma vida melhor.

Mais será revelado

Último dia da convenção de Narcóticos Anônimos. É o dia cinco de novembro do ano de dois mil. O salão do hotel em Foz do Iguaçu está lotado, cerca de mil pessoas aguardam o encerramento. Eu me encontro sentada junto aos meus companheiros gaúchos, que vieram de ônibus até aqui. Estou nervosa, muito nervosa, e se pudesse sairia correndo. Como o medo é maior do que o nervosismo, permaneço onde estou. As pessoas a minha volta estão felizes; esse é um momento de vitória para elas. Lamento não dizer e tampouco sentir o mesmo. Há duas semanas não queria estar viva, e se me encontro aqui é porque uma força maior do que eu, e ainda desconhecida, me mantém ligada ao mundo dos vivos.

Começa a celebração, o momento de se contar o tempo de cada um sem drogas. Roo as unhas, cruço as pernas, acendo um cigarro, levanto, tomo outro café; nada resulta em um bem-estar. Quem me conhece sabe que venho de uma recaída, de um término de um relacionamento que nada mais era do que outra droga. Não importa. Eu sei que fracasei, que a vida assim como ela tem se apresentado perdeu todo atrativo. Entretanto, algo me diz que tenho que continuar. Eu tenho família, um emprego e algumas pessoas que me amam. Por que a sensação de nada, a angústia, a vergonha?

Faz quinze dias que saí do hospital. Quando peguei o ônibus do Divina Providência, sentei na Praça XV ao lado de uma mendiga, e senti inveja da vida que ela tinha. Eu, nem o desejo de vagar tinha mais. Assim sem rumo atendi ao pedido da minha madrinha e aqui estou. No entanto, algumas coisas deveria ter perdido. O orgulho, por exemplo, que me impede de apreciar esse momento. Entre a gratidão por estar viva e a vergonha de me levantar, ir até o palco e dizer que tenho menos de um mês de abstinência, prevalece minha arrogância. A Mônica, minha madrinha, percebe e sofre calada junto comigo.

Agora não dá para fugir; afinal, fiz isso minha vida inteira. Sinto-me enjoada, tonta, sem forças. O coordenador chama lá na frente. Não saio do lugar. A Mônica me dá o primeiro empurrão. Eu quero ir, mas as pernas não obedecem. Parece decisão nos pênaltis. Quem irá ganhar: eu ou essa doença desgraçada? Um copo d'água e uma oração. Preciso redescobrir minha fé. Preciso aprender a ser gente. Preciso funcionar nesse mundo. A vida inteira assim: sempre faltando um pedaço.

Eu vou, só há um caminho a seguir. Levanto-me e as lágrimas, essa bobagem que sempre considerei fraqueza, são inevitáveis. O caminho parece não ter fim, e me abraço ao rapaz que me entrega o texto básico de NA. Talvez, em muitos anos, a primeira escolha certa. Não estou mais sozinha. Olho para o fundo daquela sala imensa (como deveria ter sido minha vida) e enxergo meus iguais me esperando para o abraço da vitória. E também, pela primeira vez, permito que alguém saiba o quanto tem sido solitária e desesperada a minha existência. O evento chega ao fim e eu começo daqui.

O monstro da Leopoldina

Ele jamais acreditara em assombração, mas era como dizia o ditado: “eu não creio nas bruxas, mas que elas existem, existem.” Ainda assim, não se importou ao adquirir um apartamento de dois quartos num desses condomínios de classe média baixa, no Jardim Leopoldina, na Zona Norte de Porto Alegre.

De início tudo parecera normal. Sua vizinha de porta, do apartamento 104, era uma mulher de uns cinqüenta anos que aparentava idoneidade. Não era chegada em papos muito longos tampouco fazia barulhos estranhos em horas inconvenientes. Chegara mesmo a carregar seu lixo quando da vez em que estivera com a perna quebrada. Política da boa vizinhança.

Então surgiram os primeiros sinais. Ela começou a piscar para ele toda vez que se encontravam e a fazer gestos obscenos que não deixavam qualquer dúvida. Não costumava matar cachorro a grito, mas tanto oferecimento possibilitou a imagem de uma possível noite de sexo animal. Já ouvira falar que as mulheres de mais idade eram um verdadeiro furacão em questões sexuais.

Aceitou o convite para jantar. Mal conseguia engolir a pizza encomendada, devido a inúmeras passadas de perna embaixo da mesa. Do modo como a coisa ia, a sobremesa seria no quarto. Dito e feito.

Sem ao menos retirar os pratos da mesa, ela o pegou pela mão e atravessou o corredor na penumbra. Devido à urgência da situação, não se preocupou com o cheiro de enxofre no ar, cuja culpa atribuiu ao antigo sistema de esgoto do prédio.

A decoração do quarto era um tanto peculiar, com um aquário em forma de caldeirão e diversos cheiros de incenso no ar, além de vários objetos espalhados pelo ambiente. Não teve tempo sequer de raciocinar, posto que foi

atirado nos lençóis e em segundos se viu amordaçado e, com um par de algemas, atrelado à cama.

O resto era apagamento de memória. Quando acordou na manhã seguinte, havia apenas uma chave debaixo do travesseiro. Tentou esticar o braço, mas não conseguiu alcançar. Seu corpo todo estava estranho e infinitamente menor. Foi quando ouviu um coaxar saindo de dentro de si mesmo. Ele tinha sido transformado em um sapo.

Fugiu aos pulos dali. Não havia vestígios da existência de nenhum outro ser no recinto. Verificou aposento por aposento. Nada. Tentou raciocinar dentro do vaso sanitário. De repente, decifrou o enigma. Voltou ao quarto e olhou atrás da porta. A vassoura desaparecera.

Dormindo com o inimigo

Dolores desembarcou nos Açores sem saber por onde começar. De certo, sabia apenas que sua melhor amiga desaparecera. Nenhum vestígio para seguir, a não ser algumas pistas na carta que deixara:

“Finalmente cheguei. E então pude perceber a essência de toda a literatura apreendida ao longo dos últimos meses. Não, não sou açoriana, e desconheço, na minha origem, qualquer indício que me ligue a esta terra. No entanto, compreendo-os tão bem! Olho a ilha em frente (minto, o nevoeiro impossibilitou esse desejo) e percebo a distância estabelecida, a fragmentação da alma, a sensação de aprisionamento, o desejo de alçar outros vôos, tal e qual uma ave de arribação.

Não, não sou açoriana, mas sei que em determinado momento também eu desejarei partir. Saudades, ou uma enorme vontade de libertar-me. Não da ilha. Nem da fome. Nem das ocasionais — mas sempre à espreita — tragédias da natureza. Não, nada disso. Do que necessito é de libertar-me do próprio corpo, alinhar os pensamentos, concatenar as emoções. Não sei quem sou, aqui ou em qualquer outra paragem.

Mas sinto o que outros sentiram e pré-destinaram por mim. Sou *Gente feliz com lágrimas* e sinto medo, muito *Medo*. Sou *Um homem suspenso* e *Já não gosto de chocolates*. A aculturação transpassou-me, e talvez advenha daí a cura. Serei capaz de adaptar-me a qualquer cultura, mas ai, a mim não me reconheço, e apesar disso seguirei em frente. Aqui ou em qualquer outro lugar.

Enquanto isso não acontece, subirei ao Monte Brasil e lá do alto auscultarei a voz de Deus, guiado pelas mãos do Espírito Santo. Algum farol da sabedoria há de apontar o caminho. Faltam quatro dias para que as angústias sejam outras. Contudo, a influência acompanhará o meu ser eternidade afora, esmiuçando dores, redescobrando amores, sentindo a beleza de ser o que se é. No Alto das Covas ou defronte à Sé”.

E agora, por onde começar? Havia claros indícios que a literatura influenciara o destino de sua amiga, mas fazia tanto tempo que não se falavam que não podia dar nada como certo. Dolores, na verdade, a conhecera na internet, num site antigo chamado Cocada Preta. Tiz era encrenqueira. Mas encrenqueira das boas. Só arrumava barraco. Mas só barraco dos bons.

Certa vez, arrumara encrenca com os Hells Angels em Hamburgo, encrenca com o estado alemão e encrenca com todos os namorados. Com Tiz, ninguém podia pisar em seus calos, pois a resposta era sempre violenta e sem margem pra choro. Ela partia pra cima com sua retórica, sua inteligência e seus direitos. Muitas das vezes, exageradamente. Por causa das brigas com os Hell Angels, o governo alemão tirou-lhe a guarda de sua filha. Como não tinha o que fazer numa certa hora, e havia que esperar o outro dia pra poder acionar um advogado, Tiz gritava improperios contra o governo pelas ruas do seu bairro.

O seu namorado da época então ligara para Dolores, dizendo que ela estava a gritar pelas ruas. O que ela iria fazer estando a 800 km de distância? Aconselhara o rapaz e a chamar a polícia. Ele respondera que já o havia feito, mas a polícia não podia fazer nada, pois na Alemanha qualquer um tem o direito de gritar pelas ruas. Que berrasse à vontade, até criar calos nas cordas vocais, foi só o que soubera retrucar.

Mais tarde Tiz conseguira sua filha de volta e mudara-se com outro namorado para Herne, uma pacata cidade no Ruhr Gebiet, uma região sem graça, mas muito bonita, e entre tapas e beijos parecia ter sossegado o coração. Até que um dia seu namorado ligara avisando do desaparecimento nos Açores (para onde tinha ido fazer um breve curso) e falara na carta que ela enviara.

A aflição ia aumentando à medida que passava a ilha Terceira a limpo. Faltava apenas subir o penhasco alto de onde se avistava o mar. O caminho era íngreme. Lá em cima, havia apenas um pescador. Dolores perguntou se ele conhecia uma moça morena com um sorriso meio insano. O gajo respondeu que há dois dias uma de descrição semelhante se ajoelhara diante da falésia, rezara

por mais ou menos uma hora e depois atirara-se em queda livre. Como o dia estava bom para a pesca, não se preocupou em buscar socorro, até porque daquela distância nada havia a fazer, e suicídios eram comuns por aquelas paragens.

Dolores desesperou-se. Chegara tão perto e não conseguira impedir a crônica de uma morte anunciada. Iria lamentar o resto da vida não ter se apressado e evitado aquele fim, que deixava tudo sem respostas nem resoluções. Ela falhara e iria pagar caro por isso.

O pior de tudo, nesta morte, não era o fato dela ter deixado o mundo tão repentinamente, nem de saber que a morte está todo o tempo a espionar, pronta para levar a qualquer um na primeira oportunidade; o pior não é saber que ela deixou a todos órfãos: o pior de tudo é que ela devia a Dolores 50 euros!

Pelos poderes da adição

Quando uma pessoa adocece, sucumbem todos ao seu redor. Foi assim também no caso de Manuela Barreto. A criança tímida não manifestara qualquer distúrbio no comportamento quando pequena. Mas agora, olhando para trás, não se podia menosprezar as palavras da avó paterna que dissera que tanta quietude não iria prestar. Quinze anos depois, cumpria-se a profecia.

Aliás, outros sinais só não haviam sido descobertos devido ao grande poder de dissimulação. Aos nove vendera uma rifa fria para os coleguinhas de turma e ficara com todo o dinheiro do prêmio, sem tê-lo dado a ninguém. Nessa época também começaram as primeiras manifestações de cleptomania, ao bater todas as carteiras das bolsas que ficavam em um quarto, enquanto toda a família cantava parabéns no aniversário de uma prima querida. O auge da ganância veio por ocasião da morte da profética avó, e nesse dia roubara toda a aposentadoria da velhinha, ao mesmo tempo em que todos choravam consternados no velório.

Mas isso era apenas aperitivo. Manuela tivera sua primeira incursão pelo mundo das drogas numa manhã em que descobrira a maconha do irmão no seu violão, e resolvera experimentar os efeitos da cannabis sativa. Em meio a risadas desvairadas e uma fome medonha, descobrira ali uma personalidade oposta ao seu acanhamento. O que veio depois só veio a confirmar que se droga fosse bom se chamaria orgasmo.

Muitas descobertas para uma tenra idade. A turma de amigos, por exemplo, precisava ser execrada e dar lugar a personagens mais heróicos e dispostos a realizar qualquer tipo de aventuras. A família era algo de que só necessitava algumas mentiras e sorriso fingidos para angariar as verbas para as novas empreitadas que apareciam. Por isso, quando mudara-se do Rio para São Paulo já sabia como iria sobreviver. O plano estava traçado.

O traficante do Tremembé, que atendia pela alcunha de Café, tornou-se um aliado nos negócios. De duas em duas semanas abastecia todo o prédio de classe média alta, recheada de nerds paulistanos que achavam que tinham descoberto o mundo. O movimento do apartamento 53 era intenso, mas ninguém desconfiava daquele anjo de cachinhos dourados. O auge do seu envolvimento social com drogas aconteceu quando um “namorado” traficante de cocaína teve uma overdose e ela aproveitou o momento para fincar território e ficar com o estoque do rapaz.

Assim abastecida por um bom período de tempo, aproveitou a volta da família ao Rio para tentar novos postos de comando. O morro do Pavãozinho foi sua base. Ali, com a desculpa de trabalho de assistência social à comunidade carente, foi elencando guerreiros para seu novo exército. Aliou-se a um banqueiro do bicho para capitalizar a sua empresa, a qual gerenciava de um apartamento chique no Alto Leblon.

Nessa época sua família tinha se mudado para o Rio Grande do Sul, e tudo que ela tinha que fazer era dar notícias dizendo que estava conseguindo administrar sua vida com a parca mesada que lhe mandavam. Nas poucas vezes em que a visitavam, ela corria a morar num quarto de pensão que alugara para ocasiões como aquela.

Difícil manter aquela vida oculta por trás da jovem estudante de Jornalismo. Mas assim como queria ser uma correspondente estrangeira, precisava também se firmar num mundo capitalista que era impiedoso e cruel com mulheres que se acomodavam. Ela não nascera para a simples filosofia de vida constituída de verbos como nascer, crescer, casar, ter filhos, envelhecer e morrer. Não. Entre o nascimento e a morte, haveria de experimentar a glória.

Por isso atendeu ao chamado de seu braço direito quando do aviso que a polícia iria invadir o morro e acabar com o tráfico. Defenderia suas trincheiras de qualquer maneira. Reuniu seu exército em pontos estratégicos e mandou que reagissem à bala e tudo mais de que se compunha seu grande arsenal de guerra.

Como muitos eram moradores da comunidade, ainda questionaram se aquela era a decisão mais sábia, pois muita gente inocente morreria.

Ela não deu ouvidos a ninguém. Quando a polícia chegou estava na linha de frente para recebê-los. Gritando como uma louca, saiu correndo em direção a eles com os braços abertos. Foi abatida com cinco tiros de fuzil. Quando uma pessoa adoce, sucumbem todos ao seu redor.

Para-raio de exu

Bem-aventurados os que têm fome, pelo menos têm alguma coisa. Escrito assim na traseira de um caminhão poderia significar filosofia barata, mas a frase era profunda e trazia à tona uma série de lembranças. Quisera não ter amores nem rancores, mas a vida não o tratara dessa forma.

Voltando para casa de táxi, a la Angélica (como nos velhos tempos), presente e passado se misturaram na sua cabeça. A saga começara aos dezesseis. Do primeiro amor dizem que nunca se esquece. E mais: que era único, o mais forte e todos os vocábulos similares de saudosismo. Seu coração ingênuo acreditara nisso durante onze anos. Não se recordava porque guardara o tempo exato em que ele perdurara, mas devia ser porque em questões afetivas era como um relógio suíço e um elefante das savanas da África: pontual e com uma memória gigantesca.

Patrícia tinha ficado em sua memória. A princípio como doces recordações, mas agora, passadas mais de três décadas, via com clareza que ali começara a sua insanidade. Como pode alguém querer ficar ao lado de alguém que jamais fizera um movimento para ir ao seu encontro? Quatro anos de convivência e mais sete de idas ao Rio atrás de um eu te amo que nunca se repetiu.

E então viera Joana. Rejeitando o ditado que dizia que onde se ganha o pão não se come a carne, partira com as melhores investidas e as mais mirabolantes formas de conquista. Conseguira o seu troféu, mas sucumbira a ele. Não soubera ver que por trás de uma mulher exuberante escondia-se a loucura em igual proporção. Fora uma paixão maligna com direitos a quase suicídios e outros morreres em vida. Com ela, descobriu que a combinação capacho mais adultério lhe caíam muito bem. E fora feliz pelo tempo que a demência permitira.

A terceira insensatez atendia pela alcunha de Denise. Do alto da já então maturidade, permitiu-se arriscar novamente. O jeito de sorrir com os olhos trazia a promessa de felicidade que em tempo algum se cumpriu. Encontrara alguém ainda mais frágil, que não aceitava o amor, que desdenhava dele e fugia sempre que era conveniente. Muitas lágrimas derramadas e meses nessa corda bamba conduziram, de novo, a um total desespero.

Fizera jejum e promessas de nunca mais se apaixonar por criaturas problemáticas e que não criavam vínculos. Durante algum tempo conseguiu, mas as pretendentes que se apresentavam não tinham um destempero que despertasse a paixão. Na entressafra dos relacionamentos, ficava à espera daquele bater mais acelerado de seu músculo mais poderoso.

E então, sem planejar, aconteceu. Conheceu Júlia e tudo em que acreditara caiu por terra. Agora, não era mais o primeiro amor que contava. Vaga lembrança. O amor maior deveria ser o último, alicerçado nas experiências que a vida duramente ensinara. Por três vezes, a cada intervalo de três meses, viveu o foram felizes para sempre. Também não fora dessa vez. A moça era doida e não era chegada a explicações. Simplesmente desaparecia e depois voltava com cara de cachorro pidão. E mais uma vez, seja por fraqueza, compaixão ou amor ao próximo, a tudo perdoava.

Isso fora há muito tempo, antes dele decidir não mais se envolver em relacionamentos complicados e que levavam sempre à destruição. Estava vacinado contra ataques que pudessem quebrar o seu bem-estar. Agora, ele era dono de seu destino.

O caminhão à frente parou e fez sinal para encostar. Havia uma barreira à frente. Desceu do táxi não sem antes olhar de novo para os dizeres sobre bem-aventurança. Tirou um cigarro da carteira, exibiu seu melhor sorriso e dirigiu-se ao policial que vinha ao seu encontro pedindo documentos. Era uma linda mulher.

Destino insólito

Reza uma antiga lenda que a verdadeira metade da laranja das pessoas aparece com uma luz vermelha em alguma parte do corpo. Esse era o problema de Ronaldo. Só tinha encontrado cores difusas e opacas ao longo do caminho. E olhe que não haviam faltado peregrinações ao redor do mundo. Rapaz de boa família, utilizara os recursos financeiros desde uma escalada no Himalaia até o caminho de Compostela, nas mais variadas trajetórias que levassem à felicidade. Tudo em vão.

Agora, passados dez meses desde sua última incursão em busca do grande e definitivo amor, resolvera estabelecer raízes e deixar a vida levá-lo. Se o ditado era sucesso como música, decerto iria funcionar em sua vida. Por isso, comprara uma fazenda a duzentos quilômetros da capital gaúcha e decidira curtir a máxima sombra e água fresca.

Não podia negar que tal modo de conduzir a existência trazia uma paz desconhecida. Ao contemplar o belíssimo pôr-do-sol da rede na varanda, regozijava-se com a sintonia estabelecida entre ele e a natureza. Mas ainda faltava algo.

Com a aproximação do Natal recebeu a notícia da chegada de seu irmão e cunhada, os únicos parentes vivos da família Gouveia. A visita próxima tirou-o da habitual pasmaceira e viu-se a traçar roteiros e refeições para divertir o casal. O local nunca havia sido explorado por ele, e já era hora de tirar a responsabilidade da mão dos empregados.

No segundo dia de visita decidiram juntos um piquenique aos pés de uma cachoeira. Foram a cavalo, logo cedo pela manhã, porque a distância não era pequena. Munidos de salpicão de frango, um bom vinho branco para acompanhar e música para alegrar o ambiente, iam a passo lento, relembando fatos passados e nostálgicos em datas como essas.

No meio do caminho Marcos, o irmão de Ronaldo, se deu conta de que esquecera os cigarros e resolveu voltar. Ronaldo e a cunhada continuaram até perto da cachoeira e estenderam a toalha embaixo de uma árvore. Laura convidou-o para um banho naquele paraíso, e ele não se furtou a acompanhá-la. Colocou uma música e a seguiu. A poucos passos de distância, sorriu e fez uma prece. O rádio tocava *Alma gêmea* e ela vestia um biquíni vermelho.

Dupla jornada

Valdelice trabalhava naquela empresa há tanto tempo que não sabia o que viera antes: o casamento com Moacir ou o emprego de servente. De qualquer forma, servia de mula para os dois. A diferença ficava por conta de que o serviço, após vários anos e rotina, voltara a lhe provocar desejos.

O motivo era o engenheiro Flávio Costa, a última contratação da firma. Que pedaço de mau caminho! Valdelice não conseguia desgrudar o olho, nem tampouco evitar a baba que escorria pela boca toda vez que o via passar. Ela chegava no escritório antes do expediente e ia direto par a sala de Flávio. Gastava um tempo enorme tentando descobrir algo mais sobre a personalidade daquele 007 dos pampas.

Não havia quadros ou fotografias de mulher e filhos sobre a mesa. As paredes eram brancas, a mesa e estante de vidro deixavam à mostra apenas projetos e outros documentos. Nada que induzisse ao gosto particular do ocupante. Nos primeiros meses ela chegou a achar que ele não possuía nenhum segredo. Estava desistindo das suas fantasias, quando atinou com a última gaveta da escrivaninha. Deveria haver uma razão para estar sempre trancada.

Decidiu investir seus poucos recursos e chamou um chaveiro para decifrar o mistério. Estava perto de verificar se a intuição feminina era algo que também vinha acoplada às classes sociais mais pobres. Entretanto, lembrou-se das palavras sábias de sua mãe: “ Valdinha, tudo o que é bom dura pouco...”

Não dormiu naquela noite. Virava-se de um lado para outro na cama, levava a mão ao seio esquerdo, certificando-se de que a chave estava sob o sutiã. Às cinco horas, trocou de roupa e saiu para o trabalho.

Sentou-se na mesa de Flávio e abriu a gaveta. Um cheiro ácido invadiu o ambiente. Valdelice começou a gargalhar e a se abanar com o avental do uniforme. Na batata! Dentro da gaveta, calcinhas das mais variadas formas e

tamanhos. Colocou uma de renda preta na cabeça, ao mesmo tempo que cheirava uma outra prateada com uma abertura na frente.

Quando Deus fecha uma porta, abre uma janela

O ônibus no box 15 já estava de saída na rodoviária de Porto Alegre, quando Maria Alice entrou carregada de pacotes e atirou-se na poltrona 16. Fazia um frio descomunal naquele julho, desses de ranger os dentes. Ela acomodou-se no banco e pegou sua Zero Hora para diminuir o tempo da viagem até Charqueadas.

Em menos de um minuto percebeu que não poderia realizar a tarefa a contento. Através da janela o minuano castigava. O jeito foi pedir, com toda a educação, para que a janela fosse fechada, a fim de que não congelasse naquela temperatura.

O senhor ao lado olhou-a com cara de poucos amigos, fez uma careta e um rosnado com a boca e continuou com os olhos semicerrados. Sem alternativas, continuou a ler o jornal mesmo em meio à ventania.

A viagem que era para ser tranqüila transformou-se num pesadelo gélido, e Maria Alice se pegou tentando perdoar aquele exemplar de imperfeição humana. Já tinha enfrentado problemas maiores ao longo da vida, e não seria um pequeno incômodo que a impediriam de terminar aquele dia com a consciência em paz.

Quase uma hora depois, já nos arredores da cidade, o ônibus começou a fazer paradas em pequenos intervalos para os passageiros desembarcarem. Quando chegou em frente à empresa Gerdau, seu acompanhante de viagem lhe pediu licença, pois tinha chegado ao seu destino. Ela devolveu o sorriso simpático:

— É aqui que o senhor vai descer?

— Sim, senhorita.

— Pois não, fique à vontade. — arrematou, puxando para si o maior dos pacotes.

– Poderia me dar licença?

– Com certeza. Apenas acho que o senhor esqueceu um detalhe. O corredor é meu.

– Como assim, o corredor é seu?

– O senhor não comprou a janela? Que desça então por ela. E bom proveito.

O sexo frágil

Aquilo tinha que acabar. Não era mais possível continuar a farsa. Extenuantes, cansativos, monótonos, ritualísticos. Minutos sem fim. De dia, o herói. No crepúsculo, o derrotado. Louros e solidão.

A tabuleta na porta reiterava suas suspeitas. Estranha patologia o dominava! Se não a cura, urgia encontrar um paliativo. Seu lado Narciso ruíra. E tampouco adiantava sua postura embaçada perante a vida.

Precisava admitir: tinha medo. Sair da zona de conforto era no mínimo periclitante. Deixar as máscaras, missão impossível. Mas não tinha escolha: ou mudava, ou mudava. Entrou.

A exuberante mulher atrás da escrivaninha ergueu os olhos azuis, e Miguel devolveu-lhe seu melhor sorriso. Lembrou-se rápido de que não era essa a razão de sua presença ali, e identificou-se. Miguel Leme? Sim, estava sendo aguardado. Poderia entrar em cinco minutos.

Pegou uma Veja de julho de 2002. Duas notícias em destaque: o pentacampeonato de futebol e a morte de Chico Xavier. Dois grandes momentos, duas consagrações. A vitória do coletivo através d seleção brasileira e a luta solitária, mas não inglória, do homem que era o símbolo da caridade.

E ele, o que fizera para ser manchete, até aquele momento? Se morresse, seu nome constaria do obituário, desde que afirma pagasse o anúncio. Conferiu o relógio e interpelou a secretária? Por que o atraso?

Foi até o banheiro e jogou água no rosto. Suava frio. Não voltaria atrás, ainda que a decisão mudasse sua vida. Diante do inusitado, temia. Seus pensamentos foram interrompidos pela chamada à porta. Estava na hora. Não havia tempo nem para uma punheta. Apertou os testículos como quem diz “até mais tarde” e saiu.

Uma mulher mais impressionante do que a recepcionista o aguardava em outra sala. Miguel teve que controlar a ereção. Sempre se excitava com olhos verdes. Engoliu a saliva junto com o desejo. Se a voz fosse rouca...

— Miguel, sente-se. Procure relaxar. É a primeira vez?

— É, Joana, vi o anúncio no jornal. Preciso de você.

— Vamos ficar confortáveis. Deite-se naquele sofá verde.

Não suportou um segundo sequer. Fora fígado.

— Eu...eu...me sinto muito sozinho. — E começou a chorar, enquanto Joana acariciava seus cabelos.

Abuso de poder

O sábado daquele finalzinho de verão convidava a um sorvete. Tomou banho, arrumou-se de acordo com a estação — bermudas, regata e rasteirinha — e dirigiu-se de carro até o posto de gasolina do centro, na loja de conveniências, o point da pacata cidade do interior.

O movimento àquela hora não era intenso devido à chuva costumeira de final de tarde da estação. Ligou o indicador de setas à esquerda e entrou no posto. Foi parada por dois policiais que acenaram para ela encostar mais adiante. Apesar de achar que quem encosta é pai de santo, obedeceu.

A conversa começou áspera. Não vira a placa indicando a proibição? Não, até onde tinha conhecimento, a conversão era proibida na rua em frente, não no posto. Ela não sabia ler as placas? Sim, sabia, e até melhor que muita gente. Em todo o caso, desculpou-se e estacionou perto da loja.

Os policiais continuaram a multar todos que cometiam a mesma infração. Ela irritou-se com a operação indevida e começou a reclamar com os frentistas. Os homens de farda voltaram a cabeça para ela, gesticularam mais alguma bobagem e chegaram perto do carro anotando o número da placa.

Foi o que bastou para desencadear a ira. Levantou-se e foi até eles. Por acaso havia sido multada à revelia? Que ela não se metesse, pois estavam a fazer o seu trabalho. E mais, se quisesse que fosse reclamar os seus direitos. Mas que antes assinasse a multa.

Já era demais. Mandou que enfiassem o papel naquele lugar e deu-lhes as costas. No mesmo instante recebeu ordem de prisão, entretanto continuou caminhando em direção ao tão almejado sorvete. Conseguiu dar poucos passos, quando um deles já vinha ao seu encontro com um par de algemas. A essa altura, uns poucos curiosos observavam a cena com apreensão.

Recusou as algemas e o “convite” para entrar na viatura. Mais do que isso, disse que não entraria em carro de marginais para ser molestada. Um deles tentou pegá-la à força, mas ela disse que seria melhor chamar o batalhão inteiro, pois apenas dois homens seriam insuficientes para levá-la.

Intimidados assim em sua autoridade, só lhes restou correr atrás dela, que fugindo para dentro da loja fez uma barricada com todo o estoque que encontrou pela frente. Entre um arremesso de refrigerante e uma chuva de salgadinhos pelo ar, alcançou o posto e continuou sua fuga desenfreada.

Nesse momento, um lampejo. Lembrou-se do isqueiro. Tirou um cigarro do bolso, acendeu com todo o cuidado e atirou por entre as bombas. Ainda teve tempo de ver um deles sendo jogado para o alto, como um brinquedo que não tem mais serventia, antes de deixar o local e ir ver o fim de tarde em outro lugar.

Os mortos não levantam mais!

A simples visão da foto antiga causou um mal-estar inesperado. Não podia acreditar que o passado batia a sua porta. Jesus tinha dito "aquele que põe a mão no arado e olha para trás não é digno de ser meu discípulo". E agora?

Fora muito difícil se livrar de uma vida inteira de pecados. Se não os sete capitais, uma boa parte deles acrescido de uma cota dos dez mandamentos. Não, não era uma confissão honesta, ela dizimara tudo e todos a sua volta, e não adiantavam paliativos.

E agora estava lá, no Facebook, para todo mundo ver, ela num dia de sol, sorriso estampado no rosto, sentada no colo de um rapaz, cigarro em uma mão e copo de cerveja na outra. O retrato de Adão e Eva sem qualquer indício de culpa. Como explicar tala atitude no templo dos Sobreviventes dos Últimos Dias?

Resolveu ir a uma outra igreja onde ninguém lhe conhecesse. Pegou o Trensurb e resolveu descer em Esteio, bem longe do seu rol de amigos. O local ficava próximo da estação, em um prédio moderno de portas envidraçadas. Não havia muitos fiéis àquela hora.

A palestra era sobre as penitências do Inferno a quem não se rendesse a uma vida de virtudes. Ela estremeceu. Há alguns meses, desde que tomara a dose mais forte, aqueles desejos malignos tinham desaparecido, e o furor uterino que sentia já não era tão intenso. Quando ele aparecia, corria a tomar banho e aplacar aquele monstro que a corroía.

Hora da oração final, em busca de salvação. Todos se ajoelharam, fecharam os olhos e começaram a soltar os seus demônios interiores. Tudo em nome de Cristo. Ela não conseguiu se entregar tão facilmente. Renato, o rapaz da foto, era o pastor.

Sobrevivente de um desastre mental

Te ligo mais tarde. Curto e grosso foi o recado que ela me deixou ao telefone. O resto do dia foi de ansiedade, à espera de notícias do passado. Eu iria ter minhas respostas.

A última coisa que eu soubera de Adriana era que tinha perdido a carteira da OAB e virara motorista de uma van pelas ruas de Niterói. No final das contas, ela continuava a dirigir o direito de ir e vir das pessoas em liberdade. Contudo, aquelas parcas informações sobre o primeiro amor não sossegaram o meu tão castigado coração.

O retorno por telefone só veio na calada da noite. A ligação estava muito ruim, e quase não se escutava nada, frustrando minhas expectativas de retomar o que há muito se perdera. Quis explicações, como sempre, e só ouvi um abafado “não posso falar agora, me encontre no lugar de sempre”.

Voltar seria muito difícil. Há muito que me libertara daquele cenário de degradação humana, mas que tinha sido palco de nossos melhores momentos. Fazer o caminho contrário em direção àquele local gerava ansiedade. E se me reconhecessem?

Apesar de todos os medos e angústias, à hora marcada eu estava lá com o coração na mão. De que maneira seria a recepção? Como estaria aquele rosto por mim tão adorado?

Já passava das três da madrugada quando cheguei ao portão principal. Não havia sombra de qualquer espécie humana. De repente, a voz inconfundível. Ela estava diante de mim. Levantei a lanterna até à altura de seu rosto, e nesse momento o alarme soou e as luzes do hospício se acenderam. Lar, doce lar.

4 CONCLUSÃO

Há quem acredite em arte pela arte, mas não é disso que se trata esse ensaio. O primeiro dos argumentos apresentados e defendidos é o de que a literatura não é meramente uma questão estética. Há que haver uma motivação, o que equivale ao pensamento de Sartre¹⁷ de por qual razão se escreve.

Ao longo dos séculos, diferentes foram as motivações, mas sempre no intuito de se comunicar. Algumas motivações mais arraigadas se tornaram um ofício. E nesse ofício, através de muita carpintaria, diversas técnicas foram sendo incorporadas à linguagem. Assim criaram-se os gêneros literários. Cada qual a seu tempo e em sua especificidade, mas todos com o objetivo de criar uma cumplicidade (ou o chamado tripé da literatura) entre autor, obra e leitor.

O gênero conto, ao contrário do que um dia afirmou aleatoriamente Mario de Andrade, não é tudo aquilo que o escritor chama de conto. Tem suas especificidades próprias, cuja história e evolução foram contadas nesse ensaio. Para além da teoria, viu-se também a necessidade de um escritor ler outro, pois toda criação literária é fruto de leituras passadas e enraizadas na alma humana. Mais do que isso, foi trazida a experiência das oficinas de criação literária dos últimos anos, que mais do que um modismo, é uma realidade que vem a comprovar que o ofício de escritor não está nunca pronto. É possível sempre melhorar, desde que haja um talento nato para isso.

Entretanto, há quem não concorde com essa ideia. José Hildebrando Dacanal¹⁸ tenta colocar por terra tudo que foi dito até aqui:

Especificamente, *oficina literária*, ou *oficina de escrita criativa*, ou *curso para escritores*, ou seja lá o nome que tiver — tem sido recentemente, no Brasil, uma expressão utilizada para identificar atividade geralmente privada e paga, e o mais das

¹⁷ SARTRE, Jean - Paul. *As palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

¹⁸ DACANAL, José Hildebrando. *Oficinas literárias: fraude ou negócio sério?* Porto Alegre: Soles, 2009, p.16.

vezes informal, auto-apresentada como tendo o objetivo e a capacidade de ensinar adultos a escrever. Mas o que *é ensinar a escrever*? Alfabetizar uma criança? Transformar em Dante, Shakespeare, Tolstoi, Fernando Pessoa etc. um pobre-diabo como eu, sem talento artístico?

A obra é recente e típica de quem nunca frequentou uma oficina. O questionamento não deve ser levado a sério, a não ser pelo fato de que desperta polêmica, embora a análise seja rasa e sem conhecimento de causa. Como foi dito, ninguém chega à Oficina de graça, e muito menos com a alcunha de analfabeto funcional. Para questões de alfabetização existe o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Além disso, utilizando-se um antigo provérbio, é melhor não dar o peixe pronto, e sim ensinar a pescar. Metaforicamente falando, com fome todos chegam, mas a única coisa que desejam é aliar a técnica ao talento prévio trazido da infância.

Nota-se em Dacanal um total desconhecimento da Oficina em questão, que é praticamente gratuita, pois o ingresso não se faz mediante pagamento (que é simbólico), pois todos os textos dos candidatos são encaminhados a uma rigorosa apreciação literária formada por profissionais competentes, sob a direção do Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, que não carece de maiores apresentações.

Ninguém vira um Cortázar, um Poe ou um Hemingway da noite para o dia. Aliás, na Oficina cada qual vai em busca de seu próprio estilo, não menosprezando as leituras feitas, nunca esquecendo que tudo, em literatura, são reescritas e releituras, mas que sempre há uma nova maneira de se dizer, literariamente(ou contísticamente), algo novo. Aos “pobres-diabos” sem talento artístico cabe escolher uma nova profissão que não utilize a língua portuguesa, sob pena de pelo seu mau-trato acabar virando motivo de piada.

Independente das controvérsias ou polêmicas lançadas, este trabalho percorreu um longo caminho, na esperança de que possa imputar novas luzes ao gênero conto. Não é, como foi dito, apenas um trabalho teórico. É a constatação de que toda teoria precisa de uma prática que esteja de acordo com seu estatuto.

O que faz de uma obra, uma obra literária? Pergunta introdutória e recorrente em qualquer estudo da Teoria da Literatura, também aqui o questionamento é aplicável. Por que, entre tantos temas, tal escolha? Para além das questões acadêmicas ou afetivas, é preciso revelar também um gosto particular da autora pela área da criação literária. Ao fazer a Oficina de Criação Literária da PUCRS, ministrada há vinte e cinco anos pelo escritor e professor Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, foi possível estudar e desenvolver as mais variadas técnicas da modalidade narrativa denominada conto. Portanto, esse gênero tem sido uma aplicação constante nos meus estudos literários. Ao deparar-me com a abertura do eixo de Escrita Criativa no doutorado da PUCRS, estavam abertas infinitas possibilidades de explorar as diversas nuances contísticas.

Afinal, o que faz de um conto uma obra literária é um conjunto de características, que pesquisadas e amplamente debatidas, oferecem um contributo considerável aos estudos da Teoria Literária. Demonstrar as múltiplas probabilidades no que tange à construção narrativa dessa modalidade narrativa é, antes de mais nada, um enorme desafio, ao qual foi necessário lançar mão dos ensinamentos obtidos ao longo do Mestrado e Doutorado.

O propósito derradeiro foi ir (ou enxergar) além das aparências. Como numa valsa bem executada, em que os movimentos são realizados de maneira a sempre se voltar ao ponto inicial, a grande questão deste trabalho é a seguinte: pode-se desenvolver a habilidade para o conto em uma Oficina Literária? A resposta, para além do que o trabalho de Cíntia Moscovich apresentou em sua

dissertação de mestrado, é mostrar que a Oficina possibilitou à doutoranda total segurança de que os seus textos se enquadram no gênero conto. Se atendem ao gosto do leitor, essa é uma outra questão.

Em última instância, este ensaio visa à comprovação, através de um trabalho árduo desenvolvido nas oficinas, de que alguns escritores saem por assim dizer da escuridão e se lançam, se não ao sucesso, pelo menos à apreciação crítica de seus pares. Para ser ou não ser conto, são necessárias algumas características aqui citadas e analisadas, e são elas que servirão de base para que um juízo – que nunca é final – seja realizado. Pois assim como a evolução humana, a história do conto sempre continua.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ALVAREZ, Alfred. *A voz do escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ANGELIDES, Sophia (Org.). *A.P.Tchekhov: cartas para uma poética*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

ANJOS, Cyro dos. *A criação literária*. Salvador: Livraria Progresso, 1959.

ARREGUI, Mario. A propósito del cuento. Disponible en: <<http://letrasuruguay.espaciolatino.com/arregui/cuento.htm>> Acceso en: 13 nov. 2006

ASSIS BRASIL, L.A de. Oficina de criação literária. O experimentalismo do texto. *Letras de hoje*. (23) 1: 141-148, Porto Alegre: PUCRS, mar. 1998.

_____. Ensina-se a escrever? *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 jun. 1989. p.3

BALZA, José. El cuento: lince y topo. *Revista de Estudios Colombianos*. Disponible en: <<http://www.colombianistas.org/revista/pdf/11/balza.pdf>> Acceso en: 13 nov. 2006.

BATES, H.E. *The modern short story. A critical survey*. London, Thomas Nelson and Sons Ltd., 1941.

BAKER, Carlos. *Hemingway, o escritor como artista*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1974.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUDELAIRE, Charles. *Ensaio sobre Edgar Allan Poe*. São Paulo: Cone, 2003.

BENVENUTI, Juçara. *O efeito estético da literatura e a produção textual*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas II*. Barcelona: RBA, 2005.

BOURNEF, F; OUELLET, R. *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

CASTAGNINO, Raúl H. *"Cuento-artefacto" y artificios del cuento*. Buenos Aires, Editorial Nova, 1977.

CAVALHEIRO, Edgar. *Evolução do conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, s/d.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CRETTON, M da G. *Oficina literária: o artesanato do texto*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

CUNHA CAMPOS, Maria Consuelo. *Sobre o conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Gradus, 1977.

DACANAL, José Hildebrando. *Oficinas literárias: fraude ou negócio sério?* Porto Alegre: Soles, 2009.

FACCIOLI, Cíntia Moscovich. *O eloqüente silêncio: das oficinas de criação literária à conquista da competência para o conto*. Dissertação (Mestrado em teoria da Literatura) – Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

FERRREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda, RÓNAI, Paulo. *Mar de histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. v 1.

FREIRE, Marcelino.(org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

FRIEDMAN, Norman. Point of view in fiction: the development of a critical concept. In: STEVICK, Philip. *The Theory of the Novel*. New York: The Free Press, 1967.

GARDNER, John. *A arte da ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GIARDINELLI, Mempo. *Assim se escreve um conto*. Tradução de Charles Kiefer. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GORKI, Máximo. *Como aprendi a escrever*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

GOTLIB, Nádía Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2003. GOYANES, Mariano Baquero. *Que és el cuento*. Buenos Aires: Columba, 1974.

HAMBURGER, Käte. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HAWTHORNE, Nathaniel. *Contos*. 2. Ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

HEMINGWAY, Ernest. *Death in the afternoon*. New York: Touchstone, 1996.

HILLS, Rust. *Writing in general and the short story in particular*. New York: Mariner Books, 2000.

HOHLFELDT, Antônio. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Edições 70, 1989.

IMBERT, Enrique Anderson. *Teoria e técnica del cuento*. Buenos Aires: Marymar, 1979.

IMÍZCOZ, Teresa. *Manual para cuentistas*. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

JAMES, Henry. *A arte da ficção*. São Paulo: Imaginário, 1995.

JÚNIOR, R. Magalhães. *A arte do conto*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.

KIEFER, Charles. *A poética do conto*. Porto Alegre: Nova Prata, 2004.

KOHAN, Silvia Adela. *La escritura como búsqueda*. Barcelona, Alba Editorial, 2002.

_____. *Así se escribe un buen cuento*. Barcelona, Grafein Ediciones, 2002.

LAMAS, Berenice S. HINTZ, Marli M. *Oficina de criação literária: um olhar de viés*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.

LANCELOTTI, Mario A. *De Poe a Kafka: para una teoría del cuento*. Buenos Aires: Eudeba, 1965.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1975.

LEITE, Ligia Chiapini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Hermann. *O conto*. Salvador: Imprensa Vitória, 1958.

LINARES, Carlos P. L. B.(org). *Del cuento y sus alrededores*. Caracas: Monte Ávila Editores Sulamericanos, 1997.

LLOSA, Mario Vargas. *Cartas a um jovem escritor*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2006.

LIMA, Herman. Evolução do conto. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1971, v. 6.

LOPES, Cícero Galeano. *A ambigüidade produtiva*. Porto Alegre: Veritas, 1991.

MARLET, Robert F. From tale to short story: the emergence of a new genre in the 1850's. In: MAY, Charles E. (org.) *The new short story theories*. Athens: Ohio University, 1994, pp. 165-181.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

MILLÁS, J. José. Lo que cuenta el cuento. In: LINARES, Carlos P.L.B. (Org). *Del cuento y sus alrededores*. Caracas: Monte Ávila, Editores Sulamericanos, 1997.

NOVAKOVICH, J. *Fiction writer's workshop*. Cincinnati: Story, 1995.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. Luísa. In: SOBRINHO, Barbosa Lima. *Os precursores do conto no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1960.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: _____. *O laboratório do escritor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.

POE, Edgar Allan. Filosofia da composição. In: MENDES, Oscar (Org). *Ficção completa, poesia & ensaios*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1981.

REIS, Carlos. *O conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SABATO, Ernesto. *El escritos y sus fantasmas*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

_____. *As palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Os precursores do conto no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1960.

TCHEKHOV, Anton. *Letters on the short story, the drama and other literary topics*. Seleção e edição de Louis S. Friedland. New York, Dover Publications Inc., 1966.

_____. *A dama do cachorrinho e outras histórias*. Porto Alegre, L&PM, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

WAUGH, Patricia. *Metafiction: the theory and practice of self-conscious fiction*. Londres e Nova York: Methuen, 1983.

ANEXOS

ANEXO A - Sobre as oficinas de criação literária

Ítalo Ogliari

Pensar sobre as oficinas literárias, discuti-las, depois ainda da obra publicada por Dacanal, é sempre entrar em um debate de tendência polêmica; todavia, particularmente, para quem gosta de polemizar. Nada mais natural que o tema esteja em alta, já que a proliferação de cursos e workshops que prometem “ensinar” a escrever é evidente, e não só nas universidades, nos encontros literários ou nas livrarias do Brasil, mas também na internet, em modalidade a distância, acreditem.

No entanto, o objeto tão inspirador de acirradas discussões não tem nada de problemático, a não ser pelo caráter de “novidade” que traz consigo. Sim, as oficinas literárias, salvem algumas exceções, são relativamente novas. Isso, sem dúvida, é responsável por parte ou, arrisco a dizer, pela totalidade dessa efervescência.

Com a breve experiência de três anos e meio organizando e ministrando semestralmente um curso de mesmo estilo, agora em sua sétima edição – na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Campus Gravataí, RS – posso, com total segurança, sustentar as afirmações anteriores. A polêmica é só uma questão de tempo. Digo sempre aos meus alunos que a literatura é, assim como a música e como as artes plásticas, uma arte como qualquer outra, e, por esse motivo, exige técnica. É simples, como uma aula de música. Por que não polemizamos todas as aulas de violão existentes no país?

Em todo o início de oficina, na primeira aula de cada semestre, aproveitando o exemplo do instrumento citado, digo apenas isso aos meus

alunos: vocês estão entrando em uma aula de violão, onde eu ensinarei os acordes, as escalas cromáticas, pentatônicas, a lerem a partitura, etc.; ou seja, vocês receberão toda a técnica que aprendi também com um professor, para que vocês, com a criatividade de cada um, toquem a sua própria música. A única coisa que não posso ensinar é ter criatividade.

ANEXO B – Respostas à Oficina

Cíntia Moscovich

Fui aluna da Oficina do Assis entre os anos de 1995 e 1996 (naquele tempo, havia duas turmas de oficina por ano: uma delas se iniciava no segundo semestre e, claro, se estendia até o primeiro semestre do ano seguinte). As aulas eram às terças-feiras — daí eu sempre repetir que foram as terças-feiras mais felizes de minha vida.

Essa sensação-sentimento de felicidade não era mero dado subjetivo, longe de ser uma invenção impressionista para iludir a falta de precisão. Hoje eu sei que todos os que frequentamos a oficina sentíamos-nos felizes porque as aulas eram impressionantemente ricas em termos de informação, troca de experiências e na circulação de uma afetuosa camaradagem. Eu estou segura que, sem a Oficina do Assis, eu não seria uma escritora. Ou talvez me tornasse escritora, sim, mas de uma maneira muito mais penosa e demorada, sem o prazer que aquelas aulas me proporcionavam.

Explico-me melhor: a Oficina do Assis atalha caminhos. Como em qualquer outra atividade, o aprendizado literário se baseia nas sucessivas tentativas e sucessivos erros, a busca infinita pela palavra, pela frase, pela imagem, pelo narrador, pela melhor forma, pelo melhor conteúdo, pela melhor técnica. Com o aporte teórico “mínimo e necessário” com que a Oficina do Assis municia seus alunos, existe um ganho tremendo em termos de tempo e energia, e isso não é somente um ganho pragmático e calculista. Trata-se de um ganho em termos de consciência e de perspectiva de trabalho, novas possibilidades surgem, pode-se experimentar e, mais importante, errar e se dar conta do erro.

Pessoalmente, acho que a coisa mais importante que o Assis me ensinou (e que ainda estou aprendendo) foi aquela especial maneira de ser humilde, literariamente falando, no sentido de buscar a opinião dos pares, de buscar a própria opinião, de refazer, de cortar, de limpar e ficar sempre, de forma exaustiva, em dúvida. O Assis e a Oficina fizeram terra arrasada de minhas certezas, graças a Deus.

É claro que, mesmo sem a Oficina, pode-se ser escritor: basta unir prática, intuição, humildade, autocrítica, leituras, paciência e fé — eis aí os escritores que não cursaram a oficina para comprovar. Mas, é como diz o próprio Assis, repetindo a lição ancestral: a arte sem ciência não é nada.

Quando decidi fazer meu mestrado, defendido no ano de 2000, é claro que a opção mais óbvia, ao menos de meu ponto de vista, seria trabalhar com oficinas de criação literária. No caso, com “a” oficina, a do Assis. A inquietação, à época, era saber se a Oficina padronizava ou não a escrita dos alunos, uma acusação que era reiteradamente feita por vários profissionais da área — alguns, inclusive, que hoje mantem oficinas. Trabalhei com autores egressos de oficina, que publicaram de maneira individual e coletiva. Foi um trabalho mais ou menos exaustivo, e a conclusão foi a de que cada oficineiro é singular em sua produção assim como é singular o ponto de vista de cada indivíduo. Não se descartou à época a influência da vocação ou talento (ou o nome que se queira dar) e que garantiria a continuidade da carreira de escritor.

Como ministrante de oficinas, ofício que aprendi do Assis e que faço, logicamente, sem o mesmo brilho que ele, me dei conta uma coisa: se o aluno não “deslanchar” como escritor, pelo menos se tornará melhor leitor. E melhor espectador, melhor ouvinte, melhor apreciador da arte de forma geral. Se o aluno é esperto o suficiente, vai se dar conta do caminho a trilhar como autor, se for o caso. Se não for o caso de o aluno ter o talhe de escritor, a oficina funciona no sentido de desestimulá-lo de uma vez por todas.

Ao longo do tempo, tenho visto que as oficinas, de modo geral, funcionam como verdadeiras destruidoras de ilusões. O aluno se dá conta de que escrever não é como fazer a ata de uma reunião de condomínio, que o trabalho exige método e disciplina — o que representa, muitas vezes, um verdadeiro choque e decepções traumáticas. No entanto, as pessoas devem treinar a escrita e a leitura e, acima de tudo, é excelente estar em um ambiente em que a literatura seja o motivo principal. Uma oficina séria tem o dever de fazer com que seu aluno desenvolva o bom senso e o bom gosto. Com relação a isso, a Oficina da PUCRS, a do Assis, é o maior Norte.

ANEXO C – Caderno Cultura de Zero Hora

CURRICULUM VITAE

Dados Pessoais

Nome Claudia Keenan Gelb

Filiação Samuel Lahutte Gelb e Cinara Maria Keenan Gelb

Nascimento 18/04/1966 - Porto Alegre/RS – Brasil

Carteira de Identidade 1050618493 SJS - RS - 15/06/1998

CPF 92478298791

Formação Acadêmica/Titulação

2005 - 2007 Mestrado em Lingüística e Letras.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre,
Brasil

Título: Dez regressos na criação literária de Nuno Costa Santos, Ano de
obtenção: 2007

Orientador: Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Bolsista do (a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

1992 - 1995 Graduação em Letras.

Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Canoas, Brasil

Título: A função do social no Picapau-amarelo

Orientador: Almir Mentz

Formação complementar

2008 Curso de curta duração em Formação Continuada Multicurso Ensino Fundamental.

Fundação Roberto Marinho, FRM, Brasil

2006 Açores: do passado ao futuro.

Direção Regional das Comunidades, DRC, Portugal

2002 Extensão universitária em Oficina de Criação Literária.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil

2003 Curso de curta duração em VI Encontro de Oficinas Literárias Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil

2003 Curso de curta duração em IX Encontro Estadual de Redação de Vestibular.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

2002 Curso de curta duração em II Seminário Perspectivas Educacionais do Teatro.

Prefeitura Municipal de Charqueadas, SMED, Brasil

1999 Curso de curta duração em Seminário de Avaliação de Redação no Concurso Vestibular.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Atuação profissional

2007 – Atual Escola Estadual de Ensino Médio Cruz de Malta - Charqueadas

2004 – Atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Octávio Lázaro

2005 – 2007 Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -
CNPq

Vínculo: pesquisa, Enquadramento funcional: bolsista

1998 – 2005 Instituto Estadual de Educação Assis Chateaubriand - Charqueadas

2002 – 2004 Curso Pré-Vestibular Apoio - Charqueadas

2000 – 2003 Escola de Ensino Fundamental Piratini - Charqueadas

1995 – 1998 Escola Estadual de Ensino Fundamental Henri Duplan -
Charqueadas

Produção bibliográfica

Livros publicados

1 GELB, C., GELB, Claudia Keenan

Transmutação. Porto Alegre : Bestiário, 2008, v.600. p.77.

2 GELB, Claudia Keenan

Contos de oficina 35. Porto Alegre : Editora Bestiário, 2005, v.800. p.144.

3 GELB, Claudia Keenan

OFICINA 31- CONTOS. Porto Alegre : SRA Edições, 2003, v.1. p.176.

Artigos em revistas (Magazine)

1 GELB, Claudia Keenan

Redondilha. Magma. Lajes do Pico - Açores, p.9 - 142, 2008.

2 GELB, Claudia Keenan

Cheque sem fundo emocional. Máquina do mundo- revista de poesia. Porto Alegre, 2006.

3 GELB, Claudia Keenan

Intensidade. Máquina do mundo-revista de poesia. Porto Alegre, 2006.

4 GELB, Claudia Keenan

O ser humano é só verniz. Máquinadomundo/especial/claudia.htm. Porto Alegre, 2006.

5 GELB, Claudia Keenan

Perseguição infecunda. Máquina do mundo-revista de poesia. Porto Alegre, 2006.

6 GELB, Claudia Keenan

Reminiscências poéticas. Máquina do mundo-revista de poesia. Porto Alegre, 2006.

Outras publicações

Artigo: Dez regressos na criação literária de Nuno Costas Santos: uma outra visão.

Portal das comunidades açorianas, 2008.

Produção Técnica

1 GELB, Claudia Keenan

Letras Nossas, 2008. (Entrevista, Programa de Rádio ou TV)

Participação em eventos

1. Apresentação Oral no(a) **I Colóquio Internacional Relações Literárias Brasil-Portugal**, 2008. "Um certo olhar português: Alexandre Herculano e sua contribuição na construção da identidade literária brasileira e na formação do cânone romântico".
2. **I Colóquio Internacional Relações Literárias Brasil-Portugal**, 2008.
3. "**Intelectuais, vida pública e literatura**", 2007. (Encontro)
4. Apresentação Oral no(a) **I Curso Açores- do Passado ao Futuro**, 2006. Os Estudos Literários Açorianos na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul.
5. **Personagens, Pós-Colonialismo e Literaturas Lusófonas**, 2006.(Encontro)
6. "**Historiografia(Literária)-Questões Teóricas e Práticas Experimentais**", 2006. (Oficina)
7. "**Tópicos da Narratologia**", 2006. (Encontro)
8. Apresentação Oral no(a) **VI Seminário Internacional de História da Literatura**, 2005. Os múltiplos significados do medo na obra de José Martins Garcia.
9. **Deslocamentos e Hibridismo, Pós-Colonialismo e Literaturas Lusófonas**, 2005. (Encontro)
10. **Travessias- Encontro de Escritores Atlânticos**, 2005. (Encontro)
11. "**Dos Açores aos confins do Brasil, as motivações da colonização açoriana na América Meridional em meados de setecentos**", 2005. (Encontro)
12. "**As Letras e a Construção do Sujeito**", 2005. (Encontro)

Outras informações relevantes

Corretora de redação de vestibular da UFRGS nos anos de 1999, 2000, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011.

.